

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

ROBERTO REOUIÃO - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

ELEONORA BONATO FRUET - Secretária FÁBIO DÓRIA SCATOLIN - Diretor Geral JORGE EDUARDO WEKERLIN - Chefe de Gabinete

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES

LIANA CARLEIAL - Diretora-Presidente

NEI CELSO FATUCH - Diretor Administrativo-Financeiro

MARIA LÚCIA DE PAULA URBAN - Diretora do Centro de Pesquisa

SACHIKO ARAKI LIRA - Diretora do Centro Estadual de Estatística

THAÍS KORNIN - Diretora do Centro de Treinamento para o Desenvolvimento

EQUIPE TÉCNICA

Rosa Moura (Coordenação), Alceu Henrique Bornancin, Ana Claudia P. Muller, Ana Maria de Macedo Ribas, Carlos Frederico de Camargo Fayet, Cecília Schlichta Giusti, Daniel Nojima, Débora Zlotnik Werneck, Diócles Libardi, Ivo Barreto Melão, João Jorge de Andrade, Jorge Sebastião de Bem, Julio Takeshi Suzuki Júnior, Lenita Maria Marques, Lucrecia Zaninelli Rocha, Maria Aparecida de Oliveira, Maria de Lourdes Urban Kleinke, Maria Isabel de Oliveira Barion, Maria Luiza M. S. Marques Dias, Marina M. Mori, Marino Lacay, Marisa Sugamosto, Marisa Valle Magalhães, Marley Vanice Deschamps, Nádia Z. Raggio, Neda Mohtadi Doustdar, Oduvaldo Bessa Junior, Paulo Roberto Delgado, Paulo Wavruk, Renate Winz, Sandra Teresinha da Silva, Sérgio Wirbiski, Solange do Rocio Machado, Valéria Villa Verde, Viviane Rauta Simiano

Débora Tiemi Scottini, Elaine Cristina de Souza Barbosa, Frederico Barbosa Bez Batti, Heloisa Biscaia, Michelle Tunes dos Santos, Ricardo Kingo Hino - *Estagiários*

NÚCLEO DE INFORMÁTICA

Francisco Carlos Sippel (Coordenação), Deborah Ribeiro Carvalho, João Carlos P. Franco

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E TRATAMENTO DE INFORMAÇÕES

Juilson Previdi (*Coordenação*), Ana Batista Martins, Ana Rita Barzick Nogueira, Cristiane Bachmann, Estelita Sandra de Matias, Léia Rachel Castellar, Maria Laura Lima Zocolotti, Nelson Ari Cardoso, Régia Toshie Okura Filizola, Rénia M. G. Pinto da Costa, Stella Maris Gazziero

Eliane Maria Dolata Mandu - normalização tabular Luiza Pilati Lourenço - normalização bibliográfica

BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL - BRDE

LÉLIO DE SOUZA - Presidente

CARLOS FREDERICO MARÉS DE SOUZA - Vice Presidente e Diretor de Operações

AMADEU LUIZ DE MIO GEARA - Diretor Financeiro

CASILDO MALDANER - Diretor de Recuperação de Crédito

GERMANO BONOW - Diretor de Planejamento

GEOVAH AMARANTE - Diretor Administrativo

1591 Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Centro-Oriental Paranaense/Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES: BRDE, 2004.

143p.

1.Situação econômica. 2.Situação social. 3.Mercado de trabalho. 4.Desenvolvimento tecnológico. 5.Infra-estrutura. 6.Mesorregião Geográfica Centro-Oriental Paranaense. 7. Desenvolvimento regional. I.Título.

CDU 332.143(8I6.2)

IPARDES

No início dos anos 70, com o surgimento do sistema nacional de planejamento, diante da crescente mudança no comportamento econômico do Paraná e com as novas tendências da economia no setor agroindustrial, cria-se no Estado uma equipe denominada Grupo de Estudos para as Atividades Agroindustriais do Paraná (GEAAIP), atrelada ao Banco de Desenvolvimento Econômico do Paraná (BADEP). Este grupo foi o embrião para o surgimento da Fundação Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), como órgão vinculado à futura Secretaria de Estado do Planejamento, nos moldes do que já ocorria no Governo Federal entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Ministério do Planejamento.

A criação do IPARDES é formalizada pela lei 6.407, sancionada pela Assembléia Legislativa em 7 de junho de 1973. Posteriormente, a lei 7.550, de 17 de dezembro de 1981, altera a denominação Fundação Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social para Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES - Fundação Édison Vieira.

Autarquia vinculada à Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, o IPARDES tem como finalidade básica apoiar e auxiliar o governo do Estado nas seguintes atividades:

- realizar pesquisas e estudos, elaborar projetos e programas, acompanhar a evolução da economia estadual, fornecendo apoio técnico nas áreas econômica e social à formulação das políticas estaduais de desenvolvimento;
- coordenar, orientar e desenvolver atividades técnicas compreendidas no Sistema de Informação Estatística, visando subsidiar, com dados estatísticos, os estudos voltados ao conhecimento da realidade física, econômica e social do Estado:
- elaborar, executar, coordenar programas e promover atividades de formação e desenvolvimento de recursos humanos para a pesquisa, planejamento e gerência nas áreas de atuação governamental, em nível de pós-graduação - lato sensu.

Seguindo a diretriz de interiorização da instituição, o IPARDES traz a público a série *Leituras Regionais*, em edição conjunta com o BRDE.

BRDE

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) é uma instituição financeira pública, criada em 1961, para apoiar ações de desenvolvimento econômico e social nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entre os quatro bancos de desenvolvimento atuantes no Brasil (BNDES, BDMG, de Minas Gerais, e BANDES, do Espírito Santo), ele representa o único de cunho regional.

Nesses 43 anos, a missão do BRDE vem sendo ampliada, adequando-o como um instrumento indispensável às ações de expansão e modernização exigidas pela Região Sul. Promove e lidera ações de fomento, fundamentalmente por meio de concessão de linhas de crédito de longo prazo para investimento, e de apoio técnico e institucional a empresas de diversos setores econômicos.

No Estado do Paraná, o BRDE expandiu sua atuação quando do processo de ocupação e colonização da moderna fronteira do Estado, apoiando produtores, financiando infra-estrutura, particularmente de armazenagem, incentivando e financiando a constituição de cooperativas e fomentando a agroindústria. Participou ativamente do processo de industrialização paranaense, destacando-se sua ação na implantação da Cidade Industrial de Curitiba, financiando indústrias dos setores eletroeletrônico e metalmecânico. Importante também foi sua participação na construção da infra-estrutura econômica e social do Estado, particularmente nas áreas de saneamento, energia elétrica e armazenagem portuária. O Banco voltou-se também à concessão de financiamentos aos setores de transporte coletivo, indústria hoteleira, instituições de ensino superior e grandes estabelecimentos comerciais.

Nos últimos dois anos, além de consolidar sua atuação junto a importantes segmentos da economia paranaense, como o apoio dado ao agronegócio, em particular através das cooperativas, o BRDE vem estreitando sua atuação na direção de políticas públicas estaduais, principalmente apoiando projetos de inclusão social e dando ênfase ao desenvolvimento regional.

A partir dessa perspectiva, o Banco entende que o presente documento – *Leituras Regionais* – constitui importante diagnóstico regional do Paraná, contribuindo para que novas estratégias de ação venham a ser desenvolvidas pelos diversos entes públicos e privados ligados ao desenvolvimento.



APRESENTAÇÃO

Com o presente documento, Leituras Regionais - Mesorregião Geográfica Centro-Oriental Paranaense, o IPARDES dá continuidade à série de trabalhos que sintetizam os resultados das pesquisas que contribuem para a definição e compreensão do perfil das regiões do Estado.

O objetivo é disponibilizar informações e alguns elementos de análise que têm sido os mais significativos para o entendimento das condições atuais e tendências de processos mais gerais de desenvolvimento socioeconômico e que, por essa razão, devem estar na pauta de prioridades de gestores e segmentos da sociedade comprometidos com o presente e o futuro das regiões.

A focalização regional confere realce às particularidades municipais, permitindo maior aproximação dos problemas e potencialidades e, sobretudo, abre espaço para ampliar debates mais compartilhados quanto a rumos, opções e possibilidades de governança ou ação pública.

Neste trabalho também está presente o desejo do IPARDES de contribuir para a construção desse ambiente que poderá criar as bases de um modelo de desenvolvimento regional socialmente menos desigual.

Cabe observar que este documento compõe-se de uma versão impressa e outra em CD-ROM que inclui o conteúdo desta publicação e um conjunto de tabelas que complementam e detalham cada tema do trabalho.

SUMÁRIO

IN	TRODU	ÇÃO	1
1	BASE	FÍSICA AMBIENTAL	9
2	DIMEN	NSÃO SOCIAL	21
	2.1	PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA POPULACIONAL	23
	2.2	REDE DE CIDADES	
	2.3	DESENVOLVIMENTO HUMANO	36
	2.4	OFERTA DE SERVIÇOS SOCIAIS	4 0
	2.4.1	Educação	
	2.4.2	Saúde	43
	2.4.3	Saneamento	5 2
3	MERC	ADO DE TRABALHO	57
	3.1	INDICADORES GERAIS	60
	3.2	EMPREGO FORMAL: PERFIL E EVOLUÇÃO RECENTE	63
4	DIMEN	NSÃO ECONÔMICA	69
	4.1	AGROPECUÁRIA REGIONAL	71
	4.1.1	Características da Estrutura Produtiva	71
		Produção Agropecuária	
	4.2	ECONOMIA URBANA	81
	4.2.1	Indústria e Agroindústria	83
	4.2.2	Comércio e Serviços	89
	43	FINANCAS PIÍRLICAS MUNICIPAIS	9.7

5	DIMEN	NSÃO TECNOLÓGICA E DE INFRA-ESTRUTURA	95
	5.1	SISTEMA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA	98
	5.2	INFRA-ESTRUTURA VIÁRIA E AEROPORTOS	100
	5.2.1	Sistema Rodoviário	100
	5.2.2	Sistema Ferroviário	102
	5.2.2	Sistema Aeroportuário	103
	CONCI	LUSÃO	105
	REFER	ÊNCIAS	112
	MAPA	.S	119

LISTA DE TABELAS E OUADROS DO ANEXO*

1 BASE FÍSICA AMBIENTAL

TABELA A.1.1 - ÁREA TOTAL, REGIÃO FITOGEOGRÁFICA, COBERTURA FLORESTAL E REFLORESTAMENTO NOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2003

TABELA A.1.2 - ÁREA, LOCALIZAÇÃO E ÂMBITO DE GOVERNO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UC) DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2003

tabela a.1.3 - âmbito de governo, localização e área das terras indígenas na mesorregião centro-oriental - paraná

QUADRO A.1.1 - ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADAS NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ

OUADRO A.1.2 - ESPÉCIES DE AVES DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ

Quadro A.1.3 - Espécies de Peixes do Rio Tibagi na mesorregião centro-oriental - Paraná

2 DIMENSÃO SOCIAL

TABELA A.2.1 - POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1970/2000

TABELA A.2.2 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1970/2000

Tabela a.2.3 - Saldos Migratórios (SM) e taxas líquidas Migratórias (TLM) estimados segundo a situação de domicílio e mesorregiões geográficas - Paraná - 1990-2000

TABELA A.2.4 - TAXAS MÉDIAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1991-2000

TABELA A.2.5 - RAZÃO DE SEXO SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

Tabela a.2.6 - População Total, Taxas médias geométricas de Crescimento anual e distribuição por Situação de Domicílio da População dos municípios da mesorregião centro-oriental - Paraná - 1970-2000

Tabela a.2.7 - População por grandes grupos etários e índice de Idosos, segundo municípios da mesorregião centro-oriental - Paraná - 2000

TABELA A.2.8 - POPULAÇÃO MASCULINA, FEMININA E RAZÃO DE SEXO SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS E MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

TABELA A.2.9 - GRAU DE URBANIZAÇÃO SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1970/2000

*As tabelas e quadros relacionados estão disponíveis no CD-ROM que acompanha este documento. TABELA A.2.10 - POPULAÇÃO URBANA, GRAU DE URBANIZAÇÃO, EVOLUÇÃO DO GRAU, TIPOLOGIA, NÍVEL DE CENTRALIDADE, CLASSIFICAÇÃO NA ESCALA DA REDE URBANA E CONFIGURAÇÃO DE ESPACIALIDADES DE CONCENTRAÇÃO, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1970/2000

TABELA A.2.11 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL, SEUS COMPONENTES, *RANKING* ESTADUAL E TAXA DE POBREZA, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

Tabela a.2.12 - Taxa de freqüência à escola ou creche segundo grupos etários e municípios da mesorregião centro-oriental - paraná - 2000

TABELA A.2.13 - ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PRÉ-ESCOLAR, FUNDAMENTAL E MÉDIO SEGUNDO DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA E MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2002

Tabela a.2.14 - Alunos matriculados na pré-escola, ensino fundamental e ensino médio, segundo dependência Administrativa e municípios da mesorregião centro-oriental - paraná - 2002

TABELA A.2.15 - COEFICIENTE DE MORTALIDADE INFANTIL SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL -PARANÁ - 2000

Tabela a.2.16 - Número Total e distribuição dos óbitos registrados segundo mesorregião geográfica e grupos de Causas - Paraná - 2000

Tabela a.2.17 - Número Total e distribuição das internações hospitalares do sus segundo mesorregião geográfica e grupos de Causas - Paraná - Junho 2003

Tabela A.2.18 - Número Total e distribuição dos óbitos registrados no estado e mesorregiões geográficas -Paraná - 2000

TABELA A.2.19 - NÚMERO ABSOLUTO E DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS SEGUNDO MUNICÍPIOS E GRUPOS DE CAUSAS - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

Tabela a.2.20 - Número Total e distribuição das internações hospitalares do sus no estado, segundo grupos de Causas e mesorregiões geográficas - Paraná - Junho 2003

TABELA A.2.21 - NÚMERO ABSOLUTO E DISTRIBUIÇÃO DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES DO SUS, SEGUNDO MUNICÍPIOS E GRUPOS DE CAUSAS - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - JUNHO 2003

Tabela a.2.22 - Número de Hospitais e oferta de leitos hospitalares vinculados à rede do sus, segundo especialidades médicas e municípios da mesorregião centro-oriental - paraná - maio 2003

TABELA A.2.23 - REDE AMBULATORIAL DO SUS SEGUNDO TIPOS DE UNIDADES E MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - MAIO 2003

TABELA A.2.24 - TOTAL DE DOMICÍLIOS PERMANENTES URBANOS E RURAIS E PERCENTUAL DE ATENDIMENTO, SEGUNDO CONDIÇÕES DE SANEAMENTO E MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

3 MERCADO DE TRABALHO

TABELA A.3.1 - POPULAÇÃO EM IDADE E ECONOMICAMENTE ATIVA, OCUPADA, TAXAS DE ATIVIDADE E DE DESEMPREGO E DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DOS OCUPADOS, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

TABELA A.3.2 - POPULAÇÃO OCUPADA E DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO SEÇÃO DE ATIVIDADE E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

TABELA A.3.3 - EMPREGO FORMAL SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1996/2001

TABELA A.3.4 - EMPREGO FORMAL EM SUBSETORES DE ATIVIDADE COM MAIS DE 1.000 POSTOS DE TRABALHO SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2001

4 DIMENSÃO ECONÔMICA

Tabela a.4.1 - Número e distribuição do pessoal ocupado na agropecuária segundo categoria de ocupação e Estratos de área - Mesorregião centro-oriental e paraná - 1995

tabela a.4.2 - Número de estabelecimentos e área na agropecuária, segundo condição de posse e estratos de área - Mesorregião centro-oriental e paraná - 1995

Tabela a.4.3 - distribuição do número de estabelecimentos e de área por condição de posse na agropecuária, segundo estratos de área - mesorregião centro-oriental e paraná - 1995

TABELA A.4.4 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS, NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA TOTAL, SEGUNDO ESTRATOS DE ÁREA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

TABELA A.4.5 - NÚMERO E DISTRIBUIÇÃO DE ESTABELECIMENTOS SEGUNDO O USO DA FORÇA UTILIZADA NOS TRABALHOS AGRÁRIOS E ESTRATOS DE ÁREA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

TABELA A.4.6 - TOTAL DE ESTABELECIMENTOS E VALOR DA PRODUÇÃO TOTAL, ANIMAL E VEGETAL, SEGUNDO ESTRATOS DE ÁREA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

tabela a.4.7 - produção agropecuária, segundo principais produtos, na mesorregião centro-oriental - paraná - 1990/2001

TABELA A.4.8 - PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA NO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA, SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS, NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1990/2001

TABELA A.4.9 - PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2001

TABELA A.4.10 - VALOR DA PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS LAVOURAS, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - 2001

> Mesorregião Centro-Oriental Geográfica Paranaense

TABELA A.4.11 - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DOS MUNICÍPIOS E PARTICIPAÇÃO NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2001

TABELA A.4.12 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1975/2000

TABELA A.4.13 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1975/2000

TABELA A.4.14 - TOTAL DE ESTABELECIMENTOS E PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DA INDÚSTRIA DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL, SEGUNDO SEGMENTOS INDUSTRIAIS - PARANÁ - 1995/2002

TABELA A.4.15 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO, EM ATIVIDADES SELECIONADAS DO SETOR COMÉRCIO, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

TABELA A.4.16 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO EM ATIVIDADES SELECIONADAS DO SETOR SERVIÇOS, SEGUNDO MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

Tabela A.4.17 - Participação das atividades diretamente vinculadas ao Turismo no total do Valor adicionado Fiscal do Estado segundo mesorregiões geográficas - Paraná - 2000

Tabela a.4.18 - receitas segundo as principais origens de recursos, receita per capita e tamanho dos municípios da mesorregião centro-oriental - paraná - 2002

TABELA A.4.19 - PERCENTUAIS MÉDIOS DE RECEITAS E DESPESAS SEGUNDO O TIPO DE INDICADOR E OS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2002

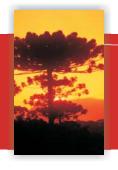
5 DIMENSÃO TECNOLÓGICA E DE INFRA-ESTRUTURA

QUADRO A.5.1 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2003

QUADRO A.5.2 - CURSOS DE GRADUAÇÃO SEGUNDO INSTITUIÇÕES DE ENSINO E MUNICÍPIOS - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2003

Quadro A.5.3 - Relação de grupos de Pesquisa e Número de Pesquisadores por curso e/ou área predominante, Instituição de Ensino Superior e Município - Mesorregião Centro-Oriental - Paraná - 2004





Introdução

O desenvolvimento recente do Estado tem a marca da intensa modernização da base produtiva, da sua concentração em alguns pólos regionais que define contornos de disparidade tanto entre regiões como internamente às mesmas. A distribuição da população traduz a força desse processo, conformando espacialidades que se adensam, em oposição a muitas outras, que se esvaziam.

Na esteira desse processo ocorreu uma acentuada ampliação da desigualdade social, que se revelou em crescentes restrições para a inserção no mercado de trabalho formal e em ampla disparidade na apropriação da renda entre as pessoas. Agravaram-se os danos ambientais a partir da intensa urbanização, sem o substrato de um ordenamento territorial com definições de saneamento adequadas; da expansão das atividades agropecuárias, com elevado uso de agroquímicos; e da continuidade dos desmatamentos, comprometendo a qualidade dos recursos hídricos.

Desse modo, o desafio de buscar um desenvolvimento socialmente mais equilibrado, evitando a desagregação social, pressupõe a inclusão de amplos segmentos da população, de forma digna, nos processos produtivos e de consumo, bem como o controle e recuperação das condições ambientais. Desses compromissos não estão dispensadas mesmo as regiões mais dinâmicas do Estado.

Sem dúvida, uma gestão pública comprometida em fazer das políticas sociais um instrumento de correção das desigualdades pode trazer efeitos progressivos para a população e para a economia, considerando que ao elevar o patamar de vida da sociedade também são construídas condições para uma inserção mais competitiva. Essa perspectiva representa buscar avanços em políticas que contemplem necessidades dos diferentes segmentos sociais e atenda a especificidades locais, mas pressupõe fundamentalmente que as forças políticas e sociais que definem e realizam as ações governamentais se encontrem alinhadas com os interesses de distribuição da renda e de atendimento à população na direção da maior inclusão, tendo a lucidez de que são fortes os condicionantes para que prevaleça seu caráter excludente (OLIVEIRA, 2001).

Essa pode ser considerada uma opção com grandes possibilidades de apresentar resultados importantes a curto prazo, uma vez que a gestão pública consiste na realização de políticas e, portanto, está impregnada da oportunidade de direcionar e potencializar o desenvolvimento.

Adicionalmente, cabe abordar uma outra dimensão de particular conteúdo para uma agenda pública regional ou local – o conhecimento e a comunicação como valorização de atributos locais.

Ao se reconhecer que os efeitos da lógica econômica têm uma abrangência social restrita, impõe-se a necessidade de encontrar formas alternativas e inovadoras de gestão e caminhos possíveis de superação dos impasses econômicos e sociais, abrindo oportunidades deliberadas para geração de emprego e renda.

Algumas possibilidades têm se dado na direção de fortalecer a capacidade local para explorar atributos regionais com conteúdo efetivo, dinâmico e inovador, que permitam ingressar em estratégias de valorização regional para produtos de qualidade específica. Nesse sentido, as diferenças das condições produtivas, culturais e ambientais podem representar importante potencial de competitividade local, quando devidamente incorporadas aos produtos e transmitidas ao mercado.

A base dessas oportunidades é bastante ampla se consideradas as múltiplas "microalternativas" de inovação de produtos e processos que podem ser potencializadas a partir da criação de um ambiente que favoreça e estimule as condições do aprendizado e do conhecimento local. Nessa perspectiva, a criação de um ambiente que tem sido chamado por alguns autores de aprendizado regional ou coletivo e de economia do aprendizado (DINIZ, 2000) pode ser a base impulsora e o estímulo necessário e capaz de trazer à tona condições favoráveis para o desenvolvimento de atividades que apresentem vantagens comparativas regionais.

Essa busca configura-se como tarefa que requer uma estreita articulação entre os diversos níveis de governos e segmentos da sociedade para definição e implementação de ações e políticas de suporte ao processo de conhecimento inovador capaz de potencializar a capacidade local.

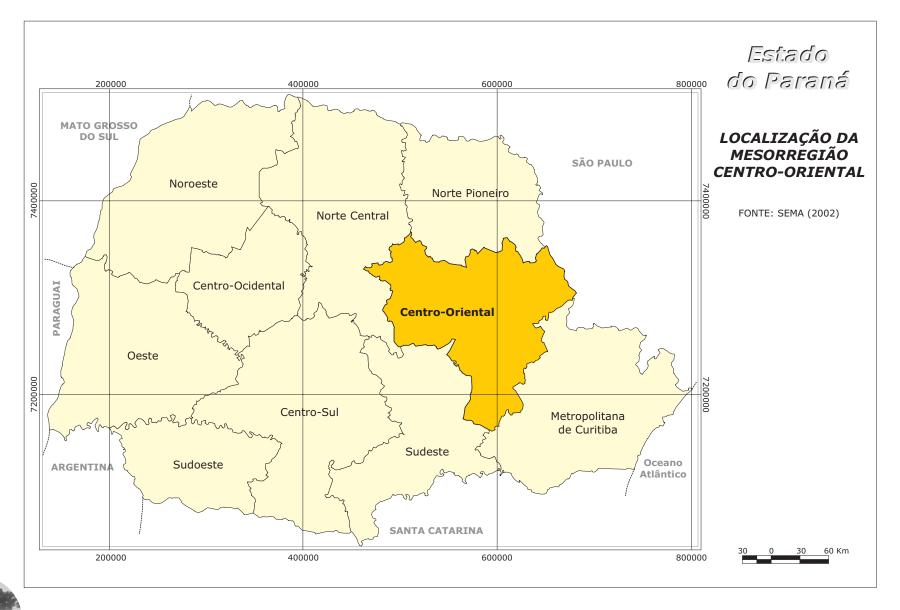
Orientar essa mobilização regional a partir de uma idéia-força de valorização dos diferenciais e das peculiaridades locais poderá fazer a diferença na adesão social e na criação e construção de um projeto que amplie e fortaleça as oportunidades de melhorar os níveis de realização pessoal e coletiva.

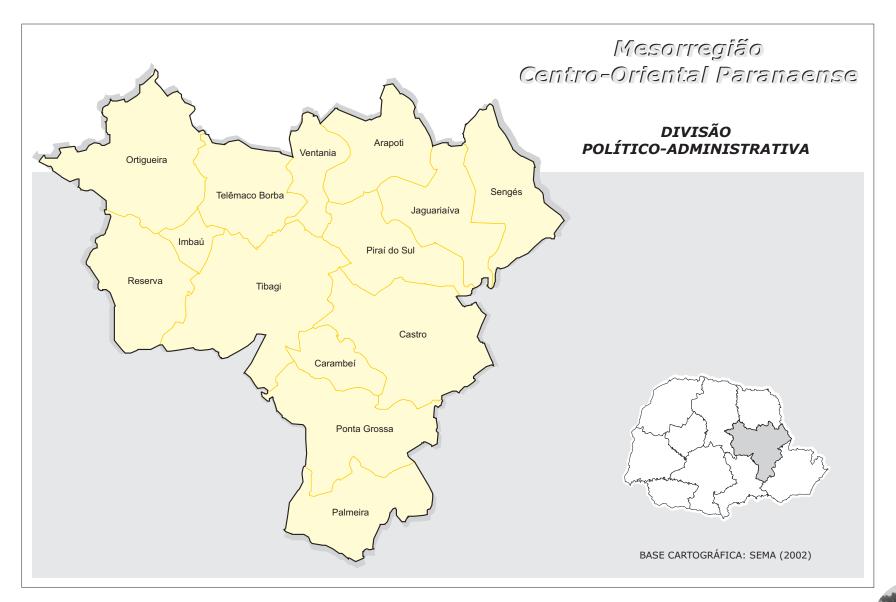
Com o presente trabalho, que incorpora variáveis e informações que definem o perfil da região e detalham as particularidades dos seus municípios, espera-se estar contribuindo para subsidiar e estimular um debate local e regional capaz de avançar na construção de estratégias inovadoras que ampliem oportunidades pessoais e coletivas e que se consolidem de modo socialmente mais justo e ambientalmente sustentável.

Nas seções seguintes são abordados elementos da base física ambiental; a dinâmica populacional e as recentes mudanças em seu padrão; a estruturação da rede de cidades; indicadores de desigualdade social e de mercado de trabalho; as condições da base produtiva rural e urbana; a situação das finanças públicas municipais e informações sobre as principais instituições de CT&I e aspectos da infra-estrutura viária.

LOCALIZAÇÃO E DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

A mesorregião Centro-Oriental Paranaense está localizada no Segundo Planalto Paranaense e abrange uma área de 2.178.254,3 hectares, que corresponde a cerca de 11% do território estadual. Esta região faz fronteira ao norte com a mesorregião Norte Pioneiro, a oeste com a mesorregião Norte Central, a sudoeste com a mesorregião Sudeste, e ao sul e a leste com a mesorregião Metropolitana de Curitiba. Possui como principal divisa geográfica, a oeste, a Serra da Escarpa Devoniana. É constituída por 14 municípios, dos quais se destaca Ponta Grossa em função de sua dimensão populacional e nível de polarização.







Base Física Ambiental

A maior extensão territorial da mesorregião Centro-Oriental está localizada no Segundo Planalto, também denominado Planalto de Ponta Grossa, na região dos Campos Gerais, que se insere na bacia do Paraná. O restante do seu território está no Primeiro Planalto, que compreende a bacia sedimentar de Curitiba. A Serra de São Luis do Purunã ou Escarpa Devoniana marca a separação do Primeiro para o Segundo Planalto. O relevo é contrastante. Nas proximidades da escarpa as amplitudes são grandes, com freqüentes encostas abruptas, verticalizadas, com *canyons* e trechos encaixados dos rios, a exemplo do *canyon* do Guartelá, no rio lapó. O *canyon* do Guartelá possui um desnível de até 450 metros e é considerado um dos maiores *canyons* do mundo, em extensão, abrigando importantes espécies da fauna silvestre, como o lobo-guará, o veado campeiro e o curucaca. Afastando-se da escarpa, há um predomínio da paisagem de topografia suavemente ondulada, de configuração uniforme. Vila Velha constitui um exemplo de relevo exceção, muito típico na região dos Campos Gerais. Outra feição morfológica típica é representada pelas furnas, profundas feições de desabamento subterrâneos no Arenito Furnas (MELO e MENEGUZZO, 2001).

Na mesorregião Centro-Oriental, as formações geológicas de origem sedimentar dão origem a solos pouco desenvolvidos. São solos em sua maior parte frágeis, pouco férteis, arenosos e rasos, e observa-se, apesar da suavidade do terreno, a ação de processos erosivos. São predominantes os solos de tipo: litólicos, solos arenosos, pouco profundos, com elevada acidez e muito suscetíveis à erosão; cambissolos, solos rasos, moderadamente a pouco drenados, pouco profundos, com elevados teores de alumínio e limitado uso agrícola; latossolo vermelho-amarelo, com fertilidade natural, onde ocorre processo de lixiviação intensa, conforme o regime de chuvas; podzólico vermelho-amarelo, solos facilmente erodíveis, de acordo com as diferentes condições naturais (MAACK, 1968).

De acordo com a combinação da temperatura e precipitação, a mesorregião Centro-Oriental apresenta dois tipos de clima. Nas zonas de maiores altitudes, na região de Ponta Grossa ou dos Campos Gerais, ocorre o

clima Subtropical Úmido Mesotérmico (Cfb), de verões frescos e geadas severas e freqüentes, sem estação seca, cujas principais médias anuais de temperatura dos meses mais quentes são inferiores a 22°C, e, dos meses mais frios, inferiores a 18°C. A temperatura média anual é de 17°C, com chuvas entre 1.300 mm e 1.500 mm e umidade relativa do ar de 85%, sem deficiência hídrica. Nas zonas de menores altitudes, ao longo dos vales dos rios Tibagi, Itararé e das Antas, ocorre o clima Subtropical Úmido Mesotérmico (Cfa), de verões quentes, geadas pouco freqüentes e chuvas com tendência de concentração nos meses de verão. Nos meses mais quentes, a temperatura média é superior a 22°C, e, nos meses mais frios, inferior a 18°C, com chuvas entre 1.500 mm e 1.600 mm e umidade relativa do ar de 80%, sem deficiência hídrica (MAACK, 1968).

A mesorregião encontra-se nos domínios fitogeográficos de quatro biomas distintos: a Floresta Ombrófila Mista (FOM), os Campos Naturais (CAM) e, em pequenas proporções, a Floresta Estacional Semidecidual (FES) e as Estepes (Cerrado) - mapa 1.1. Segundo o levantamento fitogeográfico feito por Maack, em 1950, a cobertura vegetal original da região Centro-Oriental era composta de 50% de FOM, 42% de Campos Naturais, 1,5% de Campos Inundáveis, 5% de FES e 1,5% com as formações de Estepes.

Os fatores que influenciam a estrutura e a dinâmica das comunidades vegetais manifestam-se conforme as características de solos, alagamento e drenagem, com as médias das temperaturas e a ocorrência de geadas, quantidade e distribuição de chuvas (TOREZAN e SILVEIRA, 2002). Assim, a mesorregião Centro-Oriental caracteriza-se pela diversidade de biomas e ecossistemas associados.

Na porção central da mesorregião estão os Campos Naturais, que apresentam a vegetação herbáceoarbustiva e, em áreas de surgência de água, assumem a fisionomia de campos inundáveis. Os Refúgios Vegetacionais Rupestres compreendem também a vegetação de campos naturais associada aos afloramentos rochosos (ZILLER, 2000).

A abrangência da FOM está mais distribuída ao sul e oeste, no Segundo Planalto, e a leste no Primeiro Planalto, ocorrendo de forma entremeada aos outros biomas. A formação característica dos "capões de araucária", constituindo manchas de FOM, ocorre distribuída entre os Campos Naturais. Nas depressões úmidas, ou seja, nas calhas dos rios, ocorre também a Floresta Ombrófila Mista Aluvial.

A própria configuração da vegetação herbáceo-arbustiva dos Campos Naturais é responsável pela baixa taxa de cobertura florestal na mesorregião. Esta característica ambiental, quando associada aos desmatamentos, ainda que moderados, resultou em uma extensão de 264.539,1 hectares de cobertura florestal, que correspondem a 22% da área de cobertura florestal original e 12% do território da mesorregião Centro-Oriental. O total da área florestal ainda existente representa 10,4% da cobertura florestal do Estado, posicionando a região, juntamente com a Oeste, em quarto lugar entre as mesorregiões quanto à contribuição do estoque florestal do Paraná (tabela 1.1).

TABELA 1.1 - ÁREA TOTAL, REGIÃO FITOGEOGRÁFICA, COBERTURA FLORESTAL E REFLORESTAMENTO DAS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ-2002

	ÁREA			COBE	RTURA FLORE	ESTAL	REFLORESTAMENTO			
MESORREGIÃO	Total (ha)	Participação no Estado (%)	REGIÃO FITOGEOGRÁFICA	Área (ha)	Participação na Área Total (%)	Participação Mesorregião/ Estado (%)	Área (ha)	Participação na Área Total (%)	Participação Mesorregião/ Estado (%)	
Noroeste	2.481.601,5	12,42	FES ⁽¹⁾	101.875,8	4,10	4,00	4.592,5	0,18	0,88	
Centro-Ocidental	1.191.893,6	5,96	FES/FOM(2)	63.443,7	5,32	2,50	6.966,6	0,58	1,34	
Norte Central	2.453.217,2	12,33	FES/FOM	134.398,6	5,47	5,29	12.976,2	0,52	2,50	
Norte Pioneiro	1.572.706,1	7,87	FES/FOM	82.792,8	5,26	3,26	12.689,1	0,80	2,45	
Centro-Oriental	2.178.254,3	10,90	FOM/CAM(3)	264.539,1	12,14	10,40	238.171,4	10,9	45,98	
Oeste	2.290.855,9	11,46	FES/FOM	264.420.9	11,54	10,40	14.506,1	0,63	2,80	
Sudoeste	1.163.842,8	5,83	FOM ⁽⁴⁾	68.972,6	5,92	2,71	7.286,3	0,62	1,40	
Centro-Sul	2.638.104,8	13,20	FOM/CAM	390.136,7	14,79	15,35	32.072,0	1,21	6,20	
Sudeste	1.700.649,1	8,51	FOM/CAM	312.055,8	18,35	12,27	60.059,3	3,53	11,60	
Metrop. de Curitiba	2.301.511,9	11,52	FOM/FOD(5)	859.299,1	37,33	33,80	128.605,1	5,58	24,83	
PARANÁ	19.972.727,5	100,00	-	2.541.935,3	12,72	100,00	517.925,0	2,59	100,00	

FONTE: SEMA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

As áreas com reflorestamento abrangem um total de 238.171,4 hectares, representando 10,9% da área total da mesorregião Centro-Oriental. Tais áreas correspondem a 46% das áreas reflorestadas do Estado, posicionando a região em primeiro lugar na contribuição ao estoque de reflorestamentos. Esses estão concentrados nos municípios de Telêmaco Borba, Sengés, Tibagi, Jaguariaíva e Arapoti (tabela A.1.1).

⁽¹⁾ FES - Floresta Estacional Semidecidual.

⁽²⁾ FES/FOM - Área de contato entre a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Mista.

⁽³⁾ FOM/CAM - Área de contato entre a Floresta Ombrófila Mista e Campos Naturais.

⁽⁴⁾ FOM - Floresta Ombrófila Mista.

⁽⁵⁾ FOM/FOD - Área de contato entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Ombrófila Densa.

Entre os municípios da mesorregião, em termos de presença de cobertura florestal destaca-se, em primeiro lugar, Castro, com 45.234,0 hectares de florestas, que são equivalentes a 17,1% da cobertura florestal da mesorregião. Vem seguido de Ortigueira, com 35.130,4 hectares de cobertura florestal, que corresponde a 13,3% do total da mesorregião, estando, em terceiro lugar, Tibagi, com 31.164,8 hectares, que representam 11,8% da cobertura florestal da mesorregião. Em outro extremo, devido à escassez de cobertura florestal, com taxas abaixo de 5,0%, apontam-se os municípios de Arapoti, Carambeí, Imbaú e Ventania.

A mesorregião possui um total de 33 Unidades de Conservação, sendo 29 de Proteção Integral nos âmbitos de governo, estadual e municipal, e quatro de Uso Sustentável estadual (tabela A.1.2 e mapa 1.2). Destas áreas protegidas, ressalta-se o Parque Estadual de Vila Velha, com 3.122,0 hectares, o Parque Estadual Caxambu, com 968,0 hectares, o Parque Estadual do Guartelá, com 799,0 hectares, e o Parque Estadual do Cerrado, com 420,4 hectares. Essas áreas, somadas às Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e Parques Municipais, conferem à região um total de aproximadamente 14.646,5 hectares de Unidades de Conservação de Proteção Integral, significando que 5,5% da cobertura florestal do território da mesorregião Centro-Oriental está protegida legalmente.

Ocorrem ainda, na mesorregião, duas áreas federais de terra indígena, consideradas pelo Instituto Ambiental do Paraná como áreas especialmente protegidas. Essa condição garante às áreas, assim como às Unidades de Conservação, o ICMS Ecológico (Lei Complementar n.º 59/91). As Terras Indígenas de Tibagi/Mococa, com 484,0 hectares, e de Queimadas, com 1.645,6 hectares (tabela A.1.3), estão localizadas no município de Ortigueira, totalizando 2.129,6 hectares, correspondendo a apenas 0,10% da área total da mesorregião e 2,91% do total das áreas indígenas no Estado, o que posiciona a região em quinto lugar entre as mesorregiões quanto à extensão dessas áreas (tabela 1.2).

TABELA 1.2 - ÁREA TOTAL E ÁREA DAS TERRAS INDÍGENAS NAS MESORREGIÕES DO ESTADO DO PARANÁ - 2004

	ÁRFA TOTAI	TERRAS INDÍGENAS						
MESORREGIÃO	(ha)	Área (ha)	% na Área Total	% Mesorregião/Estado				
Noroeste	2.481.601,5	0,0	0,00	0,00				
Centro-Ocidental	1.191.893,6	0,0	0,00	0,00				
Norte Central	2.453.217,2	8.940,5	0,36	12,23				
Norte Pioneiro	1.572.706,1	3.633,8	0,23	4,97				
Centro-Oriental	2.178.254,3	2.129,6	0,10	2,91				
Oeste	2.290.855,9	1.915,9	0,08	2,62				
Sudoeste	1.163.842,8	9.527,5	0,82	13,03				
Centro-Sul	2.638.104,8	45.086,8	1,71	61,66				
Sudeste	1.700.649,1	200,8	0,01	0,27				
Metropolitana de Curitiba	2.301.511,9	1.685,00	0,07	2,30				
PARANÁ	19.972.637,2	73.119,9	0,37	100,00				

FONTES: SEMA, FUNAI

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Na mesorregião Centro-Oriental ocorre predominância de relevo plano a suavemente ondulado em 50% de seu território (mapa 1.3), com declividades de 0 a 10% (até 6° de inclinação do terreno). Estas áreas situam-se na região dos Campos Gerais do Segundo Planalto Paranaense, onde há predomínio de solos rasos. Isto é um fator relevante para seu uso potencial, que apresenta uma aptidão do tipo *regular* (2f) com problemas de fertilidade para atividades agrícolas (mapa 1.4). Ocorrem principalmente nos municípios de Palmeira, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Tibagi, Ortigueira e Arapoti.

Também na região dos Campos Gerais ocorre relevo ondulado em cerca de 25% do total da área da mesorregião, com declividades de 10 a 20% (até 12 graus), o que limita o uso para agricultura mecanizada. Outros fatores limitantes são a susceptibilidade erosiva e a baixa fertilidade (2ef+4i, 2e, 2ef), causadas pela pouca espessura dos solos. Esparsamente, ocorrem áreas com restrições severas ao uso agrícola mecanizável (3e, 3e+4i), principalmente nos municípios de Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Tibagi.

Nas áreas com relevo fortemente ondulado ocorrem declividades de 20 a 45% (até 24 graus), correspondendo a aproximadamente 20% da área da mesorregião. Situam-se nos municípios de Tibagi, Castro,

Ponta Grossa, Reserva, Ortigueira, Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Sengés, onde predominam áreas inaptas por problemas de erosão e fertilidade (4i+2e, 4i+2ef, 4i+2f), e também áreas com severas restrições ao uso agrícola por problemas de erosão (3e, 3e+4i).

As áreas com declividade superior a 45% (acima de 24 graus) ocorrem principalmente na escarpa Triássico-Jurássica (porção oeste da mesorregião) e na escarpa Devoniana (porção leste). São caracterizadas por apresentar relevo montanhoso a localmente escarpado, sendo inaptas ao uso agropecuário, mas com aptidão para manejo florestal (4i). Correspondem a 5% da área da mesorregião, e situam-se particularmente nos municípios de Ortigueira, Reserva, Sengés, Castro e Ponta Grossa.

O potencial hídrico da região é caracterizado pela presença da bacia hidrográfica do rio Tibagi, considerado o principal afluente do rio Paranapanema, e também por uma pequena área da sub-bacia do rio Alonso ou rio do Peixe, afluente do rio Ivaí, além de pequena área com as sub-bacias do rio das Cinzas e rio Itararé, afluentes do rio Paranapanema (mapa 1.5).

O rio Tibagi forma a segunda mais importante bacia hidrográfica do Paraná. Tem suas nascentes nos Campos Gerais, a oeste da Escarpa Devoniana, na Serra das Almas, entre os municípios de Palmeira e Ponta Grossa. Com uma extensão de 550 km, o rio Tibagi atravessa, dentro do Segundo Planalto Paranaense, regiões muito variadas. De seu curso, 280 km, que correspondem às bacias do alto e médio Tibagi, encontram-se na mesorregião Centro-Oriental, onde ocorrem vários saltos e cachoeiras. No alto e médio Tibagi, o rio tem como principais afluentes os rios Pitangui, lapó, Fortaleza, Capivari, Imbaú, das Antas e Apucarana. No rio Tibagi está localizada a usina hidrelétrica de Presidente Vargas, considerada grande, com potência acima de 10,0 mw. Nas bacias dos rios Tibagi, Cinzas e Itararé estão localizadas 11 usinas hidrelétricas consideradas pequenas, com potência abaixo de 10,0 mw.

O município de Ponta Grossa apresenta a maior demanda de água para abastecimento doméstico e industrial, e Tibagi e Castro concentram a demanda de água para criação de animais. Vale lembrar que as maiores contribuições de cargas poluidoras contidas nos esgotos domésticos e efluentes industriais são provenientes de Ponta Grossa e Telêmaco Borba.

Com relação à qualidade dos recursos hídricos, o monitoramento do Índice de Qualidade das Águas Superficiais (IQA) é realizado em: cinco pontos no rio Tibagi e um ponto no rio lapó, cuja medição do índice se enquadra na categoria boa (IQA= 52-79), e são considerados locais com águas moderadamente comprometidas; um ponto localizado no rio Imbaú, na confluência com o rio Tibagi, onde o IQA variou de categoria de qualidade ótima a boa (IQA = 52 a 100), indicando uma oscilação das águas de moderadamente a pouco comprometidas. No rio Pitangui, um único local também apresenta duas categorias de IQA, variando da qualidade boa (IQA = 52-79), ou seja, moderadamente comprometida, à qualidade aceitável (IQA = 37-51), considerada comprometida (SUDERSHA, 1998).

Com relação à biodiversidade faunística, a existência de um mosaico de ambientes, formações florestais, campos, estepes (cerrado) e áreas alteradas confere à mesorregião uma das maiores diversidades faunísticas registradas para o Estado do Paraná, que se distribui de maneira equilibrada entre as áreas abertas (campestres) e as fechadas (florestas). Foram registradas 97 espécies de mamíferos na região (quadro A.1.1), o que indica que, do total da biodiversidade de mamíferos do Paraná (cerca de 140 espécies), 69% tem seu hábitat na área desta mesorregião. Muitas são dependentes dos campos naturais e remanescentes florestais ainda existentes e, em menor número, há aquelas com hábitos mais sinantrópicos, adaptadas a ambientes alterados. Entre elas, ocorrem 15 espécies de mamíferos com *status* crítico ou importantes para a preservação da fauna paranaense (PARANÁ, 1995) - quadro 1.1, das quais 11 são espécies de mamíferos consideradas ameaçadas de extinção, de maior porte e com baixo potencial reprodutivo (3 são pertencentes ao gênero *Leopardus*). Registrou-se, ainda, a ocorrência de 3 espécies raras de mamíferos e 1 na categoria vulnerável.

QUADRO 1.1 - ESPÉCIES DE MAMÍFEROS DA REGIÃO CENTRO-ORIENTAL QUE SE ENQUADRAM EM CATEGORIAS CRÍTICAS COM RELAÇÃO À SUA PRESERVAÇÃO - PARANÁ - 1995

ESPÉCIE	NOME COMUM	STATUS
Chironectes minimus	Cuíca d'água	Rara
Alouatta fusca	Bugio	Vulnerável
Agouti paca	Paca	Ameaçada de extinção
Lutra longicaudis	Lontra	Ameaçada de extinção
Tapirus terrestris	Anta	Ameaçada de extinção
Puma concolor	Sussuarana	Ameaçada de extinção
Leopardus pardalis	Jaguatirica	Ameaçada de extinção
Leopardus tigrinus	Gato-do-mato-pequeno	Ameaçada de extinção
Leopardus wiedii	Gato-do-mato-maracujá	Ameaçada de extinção
Panthera onca	Onça-pintada	Ameaçada de extinção
Silvilagus brasiliensis	Tapiti	Rara
Myrmecophaga tridactila	Tamanduá-bandeira	Ameaçada de extinção
Chrysocyon brachyurus	Loba guará	Ameaçada de extinção
Ozotoceros bezoarticus	Veado campeiro	Ameaçada de extinção
Pecari tajacu	Cateto	Rara

FONTE: SEMA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Quanto à biodiversidade das aves, do total de cerca de 700 espécies que ocorrem no Paraná 397 espécies foram registradas nesta região, o que representa aproximadamente 57% da avifauna do Estado, demonstrando, portanto, uma alta diversidade avifaunística na região (quadro A.1.2). As aves ocorrem em sete distintos ambientes: florestas e capões, campos secos, campos úmidos (brejos), estepes (cerrado), capoeiras, ambientes aquáticos (rios, córregos e lagos) e áreas alteradas (ANJOS, 2002). A avifauna é preferencialmente florestal, com o maior número de espécies exclusivas a este ambiente (229). No que diz respeito à conservação das espécies que ocorrem na mesorregião Centro-Oriental, muitas são de extrema importância, pois são espécies ameaçadas de extinção, raras, e migratórias. Do total das espécies de aves que estão presentes na região, registra-se a ocorrência de 48 espécies com o *status* crítico. Destas, 17 são espécies ameaçadas de extinção, 23 espécies com *status* rara, 4 consideradas vulneráveis, 3 com *status* indeterminado, e 1 espécie provavelmente extinta (quadro 1.2).

QUADRO 1.2 - ESPÉCIES DA AVIFAUNA DA REGIÃO CENTRO-ORIENTAL QUE SE ENQUADRAM EM CATEGORIAS CRÍTICAS COM RELAÇÃO À SUA PRESERVAÇÃO - PARANÁ - 1995

ESPÉCIE	NOME COMUM	STATUS	ESPÉCIE	NOME COMUM	STATUS
Oryzoborus angolensis	Curió	Ameaçada de extinção	Suiriri suiriri	Guaracava-do-cerrado	Vulnerável
Spizastur melanoleucus	Gavião-pato	Rara	Culicivora caudacuta	Mosquiteiro-do-brejo	Rara
Pipile jucutinga	Jacutinga	Ameaçada de extinção	Caprimulgus longirostris	Pai-avô	Indeterminada
Crax fasciolata	Mutum	Provavelmente extinta	Streptoprocne biscutata	Andorinha-falsa-coleira	Indeterminada
Cariama cristata	Seriema	Vulnerável	Sporophila bouvreuil	Caboclinho	Rara
Eleothreptus anomalus	Curiango-do-banhado	Ameaçada de extinção	lacobrychus involucris	Socoi-amarelo	Rara
Harpyhaliaetus coronatus	Águia-cinzenta	Rara	Buteo leucorrhous	Gavião-de-sabre-branco	Rara
Heteroxolmis dominicana	Noivinha-do-rabo-preto	Ameaçada de extinção	Buteo brachyurus	Gavião-de-rabo-curto	Rara
Pnelope obscura	Jacuguaçu	Ameaçada de extinção	Buteogallus urubitinga	Gavião-caramujeiro	Rara
Phibalura flavirostris	Tesourinha-da-mata	Ameaçada de extinção	Falco peregrinus	Falcão-peregrino	Rara
Geranoaetus melanoceucus	Águia-chilena	Vulnerável	Pandion haliaetus	Águia-pescadora	Rara
Spizaetus tyrannus	Gavião-pega-macaco	Vulnerável	Pulsatrix perspicillata	Murucututu	Rara
Scarcoramphus papa	Urubu-rei	Rara	Galbula ruficauda	Bico-de-agulha	Rara
Triclaria malachitacea	Cunhataí	Ameaçada de extinção	Pyroderus scutatus	Pavó	Rara
Amazona vinacea	Papagaio-do-peito-roxo	Ameaçada de extinção	Gubernetes yetapa	Tesoura-do-brejo	Rara
Biatas nigropectus	Chocão-de-bigode	Ameaçada de extinção	Alectrurus tricolor	Galinho	Rara
Lipaugus Ianioides	Suissa	Ameaçada de extinção	Pseudactilla phoenicurus	Capitão-castanho	Rara
Piprites pileatus	Dançador-verde	Ameaçada de extinção	Onychorhynchus coronatus	Maria-lecre	Rara
Phylloscartes paulistus	Borboletinha-paulista	Ameaçada de extinção	Dolichonyx oryzivorus	Triste-pia	Rara
Anthus nattereri	Caminheiro	Ameaçado de extinção	Tangara seledon	Saíra-sete-cores	Rara
Dacnis nigripes	Saí-azul-de-perna-preta	Ameaçada de extinção	Neothraupis fasciata	Sanhaço-cinzento	Rara
Tangara peruviana	Saíra-dourada-de-costas-pretas	Ameaçada de extinção	Cyanoloxia glauco-caerulea	Azulinho	Rara
Sporophila falcirostris	Cigarra	Ameaçada de extinção	Triclaria malachitacea	Cunhataí	Ameaçada de extinção
Buteo albonatus	Gavião-urubu	Indeterminada	Sporophila plumbea	Patativa	Rara

FONTE: SEMA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

A ictiofauna da bacia do rio Tibagi se caracteriza por apresentar 79 espécies de peixes, com predomínio de espécies de pequeno porte, seguidas das de tamanho médio (quadro A.1.3). Registra-se a ocorrência de espécie de grande porte e interesse comercial, o *Salminus maxillosus* (dourado), que é rara e encontrada em águas rápidas do Tibagi. A diversidade e a riqueza de peixes tendem a aumentar da nascente em direção à foz. Exceção foi registrada na região de Telêmaco Borba, no médio Tibagi, onde foi constatada uma menor diversidade, com dominância de duas únicas espécies (80% do total das espécies), *Hypostomus ancistroides* (cascudo) e *Geophagus brasiliensis* (acará). Esta baixa diversidade é atribuída a modificações causadas pela presença da indústria de papel e celulose, a montante do local analisado (SHIBATTA et al., 2002).

SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

A configuração natural dos Campos Gerais, que é dominante em grandes extensões da região, apresenta vegetação típica, com grande diversidade de ambientes: campos, brejos, cerrados, capões e matas de galeria. Tem como destaque, ainda, morfologias decorrentes aos relevos exceção. Nelas sobressaem a escarpa Devoniana, o canyon Guartelá e outros sítios singulares, como arroios em leitos rochosos, cachoeiras, furnas, relevos ruiniformes (Vila Velha), gargantas e despenhadeiros. Acrescentam-se a estes elementos a ocorrência de testemunhos fossilíferos e a presença de inúmeras espécies de fauna endêmicas e ameaçadas. A preservação de alguns destes sítios naturais já está assegurada pelas Unidades de Conservação estaduais e municipais existentes (Parques Estaduais e APAs). Vale lembrar que os cerrados dos municípios Jaguariaíva e Sengés foram considerados, pelo Ministério do Meio Ambiente, como de alta importância biológica para a conservação da biodiversidade deste bioma. Áreas pertencentes aos municípios de Ponta Grossa e Castro também foram consideradas prioritárias para a conservação dos Campos Sulinos e para a preservação da fauna de aves, répteis e invertebrados (BRASIL, 2002).



Dimensão Social

2.1 PROCESSO DE OCUPAÇÃO E DINÂMICA POPULACIONAL

A mesorregião Centro-Oriental Paranaense integra uma vasta área do chamado Paraná Tradicional, cuja história de ocupação remonta ao século XVII e atravessa os prolongados ciclos econômicos do ouro, do tropeirismo, da erva-mate e da madeira. Apresentando extensas áreas de campos naturais abertos e planos, a região desenvolveu inicialmente uma pecuária extensiva, passando, posteriormente, a integrar o caminho boiadeiro, também conhecido como "estrada das matas", dedicando-se à invernagem do gado que vinha das vacarias do Rio Grande do Sul, para posterior revenda nas feiras de Sorocaba, interior de São Paulo.¹ Organizada majoritariamente em grandes fazendas e contando com a mão-de-obra escrava e o trabalho familiar, a sociedade campeira era essencialmente tradicional, patriarcal e latifundiária, fundada sobre bases econômicas estreitas e de baixo dinamismo.²

O deslocamento das atividades de invernagem na direção das áreas de campos do centro-sul paranaense, em paralelo à decadência do mercado de muares, provocada pelo surgimento das ferrovias paulistas, condicionaram fortemente o declínio do tropeirismo no Centro-Oriental, a partir do final do século XIX, e a desintegração da sociedade campeira. No mesmo período, a região passou a sediar inúmeras experiências de colonização estrangeira, recebendo e assentando, principalmente, imigrantes de origem russo-alemã, polonesa e holandesa (ELFES, 1973). Algumas dessas colônias sofreram sérios revezes, resultando em iniciativas fracassadas, porém outras se desenvolveram e geraram posteriores empreendimentos econômicos de sucesso, que impulsionaram a expansão do setor agroindustrial na região.

No entanto, a despeito desses acréscimos imigratórios, a região, comparativamente a outras áreas do Estado, permanecia com baixa densidade populacional. No início da década de 1970, a mesorregião Centro-Oriental Paranaense abrigava cerca de 355 mil habitantes, constituindo uma das áreas menos populosas do Estado (tabela A.2.1). Entretanto, já naquele momento apresentava a maior parte da população residindo no meio urbano, situação refletida no grau de urbanização estimado para 1970 (51%), um dos mais elevados do Estado.

¹A mesorregião Centro-Oriental pontilhou parte do trajeto percorrido pelos tropeiros, no percurso que ligava Viamão, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo. Nesse caminho, construído no século XVIII, também conhecido por Caminho de Viamão ou Caminho de Sorocaba, certos pontos foram sendo usados como descanso das tropas, principalmente em função da disponibilidade de pastagens, e aí foram surgindo estruturas de serviços aos tropeiros e às tropas que deram origem aos municípios. A região era denominada de "paragem do lapó", palavra indígena que significa rio que alaga, e que define a importância histórica do rio lapó, que durante as cheias obrigava os tropeiros a ficarem acampados na região por mais tempo, contribuindo para o desenvolvimento da região.

²Importantes estudos descrevem os principais traços históricos da formação dessa região. Ver, entre outros, Bernardes (1952), Westphalen (1968), Balhana, Machado e Westphalen (1969), Padis (1981), Wachowicz (1988) e Ribeiro (1989). Dadas as características estruturais da base produtiva regional, a inserção da mesorregião no processo de modernização da agropecuária paranaense dos anos 70 foi mais lenta. Assim, é interessante notar que, entre 1970 e 1980, a região experimentou a segunda mais alta taxa de incremento populacional dentre as mesorregiões do interior do Estado (2,9% a.a.), bem acima da taxa estadual. O ritmo de crescimento das áreas urbanas (4,6% a.a.), embora elevado, ficou abaixo da média do Estado, mas, em termos rurais, a mesorregião registrou taxa positiva de crescimento populacional, constituindo, juntamente com a Centro-Sul, os únicos espaços mesorregionais a apresentarem essa dinâmica, naquela década (tabela 2.1 e gráfico 2.1). Nos decênios seguintes esse movimento se inverteu, ocorrendo perdas demográficas no meio rural da região, ainda que a taxas inferiores à do Estado. As áreas urbanas permaneceram crescendo de forma expressiva, de sorte que o conjunto da mesorregião passou a ser o de maior crescimento no interior paranaense. Em decorrência desses processos, e conjugado às tendências demonstradas pelas demais mesorregiões, o peso populacional do Centro-Oriental no total do Estado elevou-se, entre 1970 e 2000, mas principalmente devido à elevação das proporções do meio rural, já que, em termos urbanos, a mesorregião perdeu participação (tabela A.2.2).

Sem dúvida, o componente migratório, nesse cenário demográfico, vem tendo um peso substantivo. No bojo das intensas transformações operadas na estrutura agrícola estadual, nas últimas décadas, que paulatinamente se espraiam por todo o território, o meio rural da região vem experimentando saldos migratórios negativos, em particular a partir dos anos 80, mantendo essa tendência nos anos 90 (tabela A.2.3). Embora se observem ganhos populacionais significativos nas áreas urbanas, no cômputo geral da mesorregião o saldo e a taxa líquida de migração³ permanecem negativos, expressando o predomínio das perdas populacionais para fora da região (gráfico 2.2).

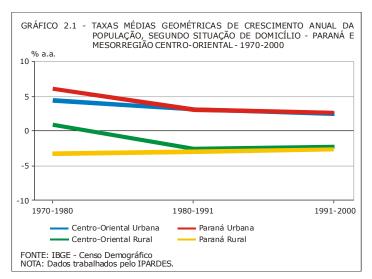
Os dados relacionados à movimentação populacional ocorrida no qüinqüênio 1995/2000 confirmam essa tendência, porém com uma expressiva alteração de magnitude (tabela 2.2). Embora a mesorregião evidencie um saldo negativo nas trocas populacionais do período, seu montante é baixo, praticamente nulo. Ou seja, a área dá origem a importantes fluxos emigratórios, os quais são, em grande parte, compensados pelos fluxos imigratórios, com predominância daqueles vindos de outras regiões do Estado.

³A taxa líquida de migração resulta do quociente entre o saldo migratório da década e a população observada (censitária) ao final do período. Quando positiva, indica a proporção da população observada que resultou do processo migratório da década. Quando negativa, representa a proporção da população observada que deveria ser acrescida a esta, caso a região em estudo tivesse se mantido fechada à migração, no período.

TABELA 2.1 - POPULAÇÃO TOTAL, GRAU DE URBANIZAÇÃO, TAXAS MÉDIAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL E DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1970-2000

	POPULAÇÃO 2000	GRAU DE URBANIZAÇÃO 2000	TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)								DISTRIBUIÇÃO DA			
MESORREGIÃO			População Total		População Urbana		População Rural		ral	POPULAÇÃO EM 2000 (%)				
			1970-1980	1980-1991	1991-2000	1970-1980	1980-1991	1991-2000	1970-1980	1980-1991	1991-2000	TOTAL	Urbana	Rural
Noroeste	641.084	77,3	-2,51	-1,17	-0,25	3,60	1,85	1,29	-5,91	-5,22	-4,20	6,7	6,4	8,2
Centro-Ocidental	346.648	72,6	-2,34	-0,68	-1,24	5,42	3,01	0,71	-5,35	-4,36	-5,07	3,6	3,2	5,4
Norte Central	1.829.068	88,4	-0,28	0,93	1,24	4,74	2,99	2,18	-5,58	-4,67	-4,00	19,1	20,8	11,9
Norte Pioneiro	548.190	75,1	-2,09	-0,26	-0,15	2,65	2,53	1,61	-4,91	-3,71	-4,11	5,7	5,3	7,7
Centro-Oriental	623.356	81,2	2,90	1,35	1,46	4,64	3,15	2,54	0,70	-2,32	-2,21	6,5	6,5	6,6
Oeste	1.138.582	81,6	2,47	0,51	1,28	12,48	3,78	2,77	-2,33	-4,47	-3,51	11,9	11,9	11,8
Sudoeste	472.626	59,9	1,56	-0,78	-0,13	7,61	2,78	2,57	-0,33	-3,03	-3,16	4,9	3,6	10,7
Centro-Sul	533.317	60,9	2,97	0,93	0,69	8,39	2,63	3,36	0,55	-0,40	-2,42	5,6	4,2	11,7
Sudeste	377.274	53,6	1,23	1,30	0,89	4,34	2,73	3,09	-0,26	0,31	-1,17	3,9	2,6	9,9
Metropolitana de Curitiba	3.053.313	90,6	4,95	2,84	3,13	6,74	3,18	3,28	-1,96	0,44	1,82	31,9	35,5	16,2
PARANÁ	9.563.458	81,4	0,97	0,93	1,40	5,97	3,01	2,59	-3,32	-3,03	-2,61	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.



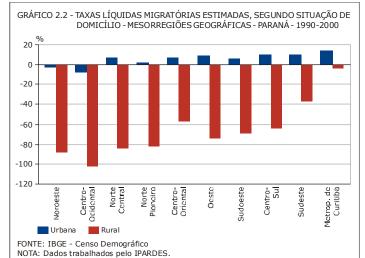


TABELA 2.2- IMIGRANTES, EMIGRANTES E TROCAS LÍQUIDAS MIGRATÓRIAS INTERMESORREGIONAIS (INTRA-ESTADUAIS) E INTERESTADUAIS DE DATA FIXA. (1) SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1995/2000

		IMIGRANTES			EMIGRANTES			TROCAS LÍQUIDAS			
MESORREGIÃO	Intermesor- regionais	Interestaduais	TOTAL	Intermesor- regionais	Interestaduais	TOTAL	Intermesor- regionais	Interestaduais	TOTAL		
Noroeste	23.045	23.239	46.284	35.692	33.009	68.701	-12.647	-9.770	-22.417		
Centro-Ocidental	13.661	7.437	21.098	33.168	20.000	53.168	-19.506	-12.563	-32.070		
Norte Central	60.726	69.279	130.006	52.892	59.528	112.419	7.835	9.751	17.586		
Norte Pioneiro	15.058	19.713	34.771	24.820	24.014	48.834	-9.762	-4.301	-14.063		
Centro-Oriental	22.261	10.313	32.573	24.906	9.263	34.168	-2.645	1.050	-1.595		
Oeste	33.562	35.710	69.272	50.646	52.469	103.116	-17.084	-16.760	-33.844		
Sudoeste	10.656	13.698	24.355	27.245	32.655	59.900	-16.589	-18.956	-35.545		
Centro-Sul	20.218	8.490	28.708	31.934	16.681	48.615	-11.716	-8.192	-19.907		
Sudeste	10.134	5.078	15.212	18.792	8.084	26.876	-8.658	-3.006	-11.664		
Metrop. de Curitiba	133.124	104.356	237.480	42.353	66.952	109.306	90.771	37.404	128.175		
PARANÁ	342.447	297.311	639.759	342.447	322.655	665.103	0	-25.344	-25.344		

FONTE: IBGE - Censo Demográfico

Subjacentes às alterações na dinâmica de crescimento populacional da região, fortemente condicionadas pelos processos migratórios, interagem também as mudanças no comportamento reprodutivo e no perfil de mortalidade da população, observadas no período. Desde meados da década de 60 várias regiões do Brasil passaram a experimentar uma trajetória firme e continuada de declínio da fecundidade, inserindo o país em um quadro irreversível de transição demográfica. A população do Paraná acompanhou *pari passu* esse processo e, apesar da existência de diferenças regionais intra-estaduais, já no início dos anos 90 demonstrava padrões de controle efetivo e continuado do tamanho de suas proles. O número médio de filhos tidos nascidos vivos por mulher no transcorrer do período reprodutivo, estimado para o Estado na década de 1980, situava-se em 2,7, e ainda que o nível de fecundidade experimentado pela população da mesorregião Centro-Oriental fosse ligeiramente mais alto, 3,0, o declínio em relação à década anterior foi bastante expressivo (MAGALHÃES, 2003).

A mortalidade, por seu turno, que desde as primeiras décadas do século XX inicia, no Paraná, forte tendência de declínio, a exemplo do que ocorria em outras áreas brasileiras, prossegue em ritmo de queda ao

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES

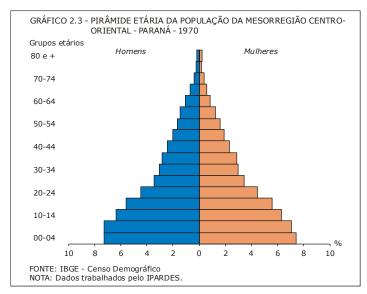
⁽¹⁾ O imigrante de data fixa do período 1995/2000 não residia na localidade em estudo em 1995, e sim em 2000; o emigrante de data fixa informou, na pesquisa censitária, que residia na localidade em estudo em 1995, mas na data do censo (2000) residia em outro local.

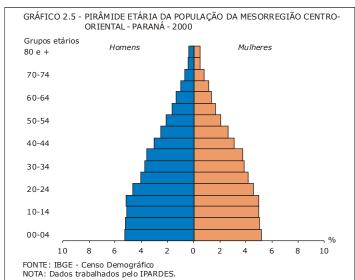
final do século, se bem que de forma mais lenta. Nesse contexto, a população masculina e feminina do Estado, no início da década de 1990, exibia índices de expectativa de vida ao nascer de 65 anos e de 72 anos, respectivamente. De forma similar à dinâmica da fecundidade, embora os níveis de esperança de vida ao nascer do Centro-Oriental estivessem abaixo daqueles apresentados pela média da população do Paraná, demonstraram consideráveis ganhos quando comparados aos do decênio anterior (MAGALHÃES, 2003).

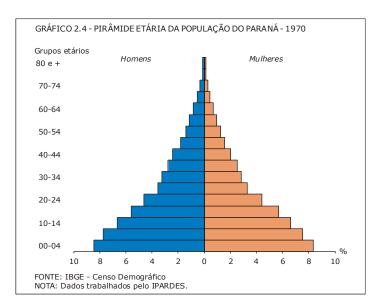
Todas essas mudanças imprimiram uma nova conformação à estrutura etária e por sexo da população regional, acompanhando a tendência estadual. Se até o início dos anos 70 as pirâmides etárias representativas da população, tanto do Centro-Oriental quanto do Paraná, apresentavam formato acentuadamente triangular, de base larga – típico de populações que experimentam historicamente elevados níveis de fecundidade e de mortalidade –, ao final dos anos 90 os padrões etários revelam um processo paulatino de envelhecimento, com redução do peso dos grupos de idade mais jovens, e aumento, por outro lado, das proporções das idades adultas e idosas (gráficos 2.3 a 2.6). Assim, no período 1991-2000, o conjunto da população da mesorregião Centro-Oriental cresceu a 1,5% a.a., porém os grupos etários mais jovens evidenciaram taxas próximas de zero, ao passo que os segmentos em idade adulta, e particularmente os idosos, cresceram a ritmos expressivos (tabela A.2.4). A despeito desse processo, o grau de envelhecimento da população da região, medido por meio do índice de idosos, ⁴ é mais baixo do que o da média da população estadual, sinalizando a importância relativa que a população jovem ainda representa na dinâmica demográfica regional (tabela 2.3).

No que tange à composição por sexo da população dos distintos grupos etários, a mesorregião Centro-Oriental, a exemplo das demais mesorregiões do Estado, evidencia uma predominância masculina no segmento de crianças e jovens (abaixo de quinze anos) residentes na área, condizente com o padrão em geral percebido na maior parte das estruturas demográficas conhecidas (tabela A.2.5). Já as faixas de idade intermediária e superior da população regional apresentam um predomínio numérico feminino, resultante dos efeitos da seletividade migratória por sexo e idade combinados àqueles provenientes da sobremortalidade masculina, comumente observados particularmente entre os idosos.

⁴⁰ índice de idosos, uma medida do envelhecimento de uma população, mede a relação entre o número de pessoas idosas e o número de pessoas nos grupos etários mais jovens (no presente estudo, pessoas com 65 anos e mais e menores de 15 anos, respectivamente).







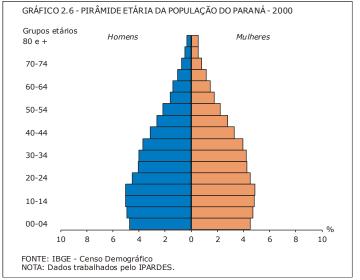


TABELA 2.3 - POPULAÇÃO POR GRANDES GRUPOS ETÁRIOS E ÍNDICE DE IDOSOS, (1) SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

MESORREGIÃO	POPU	ÍNDICE DE IDOSOS	
MESURREGIAU	0 a 14 anos	65 anos e mais	(%)
Noroeste	175.651	46.791	26,6
Centro-Ocidental	100.469	22.505	22,4
Norte Central	488.158	117.304	24,0
Norte Pioneiro	155.005	40.359	26,0
Centro-Oriental	191.646	34.223	17,9
Oeste	339.502	54.733	16,1
Sudoeste	140.573	27.757	19,7
Centro-Sul	181.002	24.237	13,4
Sudeste	116.713	22.165	19,0
Metropolitana de Curitiba	858.411	150.520	17,5
PARANÁ	2.747.130	540.594	19,7

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

É evidente que, no âmbito interno da mesorregião Centro-Oriental, existem marcantes heterogeneidades no comportamento evolutivo das variáveis demográficas. Alguns municípios encontram-se em estágios mais avançados da transição dos níveis altos para níveis baixos de fecundidade e mortalidade, enquanto outros ainda evidenciam menores transformações. Além disso, a intensa mobilidade populacional que se observa nas espacialidades da região, envolvendo trocas intermunicipais no interior da própria mesorregião, entre mesorregiões distintas, bem como interestaduais, constitui um forte elemento definidor do padrão demográfico das localidades, condicionando estreitamente as estruturas por sexo e idade de suas populações.

Entre 1970 e 1980, os municípios mais populosos da mesorregião – Ponta Grossa, Castro e Telêmaco Borba – registraram taxas de crescimento da população total igual ou superiores à média regional, muito em função do ímpeto de incremento de suas áreas urbanas (tabela A.2.6). Destes, apenas Telêmaco Borba também registrou taxa elevada de crescimento da população rural, o mesmo acontecendo com o município de Ortigueira, o de maior população, em termos rurais, da região. Nas décadas seguintes, o ritmo elevado de crescimento urbano espraiou-se pela maior parte dos municípios, o mesmo ocorrendo com o decréscimo rural. No cômputo

⁽¹⁾ O índice de idosos mede a relação entre o número de pessoas idosas (65 anos e mais) e o número de pessoas nos grupos etários mais jovens (menores de 15 anos de idade).

geral, a maioria dos 14 municípios, entre 1991 e 2000, quase todos localizados na porção leste da mesorregião, apresentou ritmos de crescimento superiores à média regional, destacando-se Carambeí, único a registrar uma taxa superior ao dobro da do Estado (mapa 2.1). O principal pólo do Centro-Oriental, Ponta Grossa, que em 1970 detinha o segundo maior volume populacional do interior do Estado, concentrava, em 2000, 44% da população total e quase 53% da população urbana mesorregional. Esse pólo insinua a configuração de uma aglomeração descontínua, articulando os municípios de Castro e Carambeí (IPARDES, 2000).

Evidentemente, as características etárias e de composição por sexo da população dos municípios da mesorregião Centro-Oriental são igualmente heterogêneas, guardando especificidades em função de suas respectivas histórias de formação e de evolução no tempo. Tomando novamente o índice de idosos⁵ como um indicador do grau de envelhecimento da população, percebe-se que, à exceção de Imbaú e de Piraí do Sul, os demais municípios dessa região apresentam índices inferiores ao do Estado, contribuindo para a formação de uma grande mancha no centro do Paraná, indicativa de populações relativamente mais jovens (mapa 2.2 e tabela A.2.7). Seguramente, essa tendência reflete os intrincados efeitos da seletividade (por sexo e idade) dos processos migratórios que vêm marcando a dinâmica evolutiva de grande parte dos municípios da região, associados aos níveis de fecundidade proporcionalmente mais elevados, na média do Estado.

A composição por sexo da população dos municípios do Centro-Oriental, focalizada segundo cada um dos três grandes grupos etários em análise, mostra que, dentre os mais urbanizados – Ponta Grossa, Telêmaco Borba e Jaguariaíva –, somente nos dois primeiros prevalece a tendência média do conjunto do Estado, em que a população masculina predomina no grupo etário mais jovem, ao passo que o número de mulheres supera o de homens nos segmentos etários de adultos e de idosos (tabela A.2.8). Na faixa de idade intermediária, 10 dos 14 municípios apresentam um número de homens sensivelmente superior ao de mulheres, sinalizando processos seletivos da migração no segmento populacional em idade ativa. Destes, 5 municípios, quase todos pouco populosos e ainda com elevadas proporções de população rural, destacam-se por registrar razões de sexo amplamente favoráveis à população masculina nos três subgrupos etários considerados, principalmente entre os idosos, neste último caso com índices iquais ou superiores a 105%. Neste segmento etário, a predominância

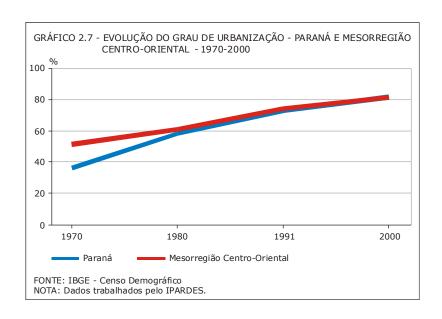
5Ver nota 4.

masculina sugere nitidamente processos migratórios diferenciados por sexo, uma vez que o padrão de mortalidade mais comumente observado entre os idosos atuaria em sentido inverso, provocando uma maior sobrevivência de mulheres em virtude da sobremortalidade masculina.

As disparidades nas estruturas etárias e de sexo observadas entre as distintas populações dos municípios, ou de grupos de municípios, além de constituírem o resultado dos efeitos combinados das respectivas histórias pregressas de evolução dos componentes demográficos – fecundidade, mortalidade e migração –, geram pressões de demanda diferenciadas sobre os serviços públicos de atendimento às necessidades básicas da população, especialmente no que se refere aos setores da educação e da saúde. Clarificá-las constitui, portanto, elemento relevante para a tarefa de planejamento.

2.2 REDE DE CIDADES

A mesorregião Centro-Oriental, com 81,2% de sua população vivendo nas áreas urbanas, diferencia-se das demais por ter tido um processo precoce de urbanização. Nos anos 70 – período em que apenas 36,1% do total da população do Paraná vivia nas áreas urbanas –, era a única mesorregião do interior do Estado a ultrapassar os 50% de grau de urbanização (gráfico 2.7 e tabela A.2.9). A trajetória recente de urbanização da Centro-Oriental foi menos abrupta que a do próprio Estado. No entanto, o impacto do crescimento populacional em áreas urbanas foi tão marcante quanto o verificado em áreas de urbanização mais acelerada.



Como no conjunto do Estado, a urbanização ocorreu de forma horizontal, perpassando todos os municípios da mesorregião. A expressividade do processo colocou em xeque as estruturas urbanas e os modelos vigentes de gestão das cidades, particularmente considerando os contingenciamentos de recursos para inversões em infra-estrutura e serviços urbanos verificados no período, acentuados em anos mais recentes.

Em 2000, mais da metade dos municípios (57%) situa-se no estrato de grau de urbanização entre 50 e 75% (tabela 2.4). Ainda relativamente à margem, conservam-se com tipo rural (IBGE, 1991), apresentando grau de urbanização inferior a 50%, no ano 2000, os municípios de Reserva e Ortiqueira. Nesse ano, Ponta Grossa e Telêmaco Borba apresentaram os mais elevados graus de urbanização – respectivamente 97,5% e 95,3% (tabela A.2.10). Esses municípios, em 1970, já possuíam urbanização elevada: Ponta Grossa tinha 89% e Telêmaco Borba 61,3% da população em áreas urbanas. São municípios emblemáticos do peso urbano da região já no início do processo mais célere de transição demográfica do Paraná, e da forte concentração populacional nas cidades, nos dias atuais.

TABELA 2.4 - DISTRIBUIÇÃO DOS MUNICÍPIOS SEGUNDO CLASSES DE GRAU DE URBANIZAÇÃO - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1970/2000

OLIVINO-OR	ILITIALLIAIVAI	NA-1970/2000							
GRAU DE		MUNICÍPIOS (%)							
URBANIZAÇÃO		1970	2000						
(%)	Paraná	Paraná Mesorregião Centro-Oriental		Mesorregião Centro-Oriental					
Até 50	91,3	81,8	29,1	14,3					
De 50 a menos de 75	6,9	9,1	37,1	57,1					
De 75 a menos de 90	1,4	9,1	24,6	14,3					
De 90 e mais	0,3	-	9,3	14,3					

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Com poucos municípios, porém extensos, e uma população rural rarefeita e pequena, é nas sedes urbanas e pequenos distritos que a população se concentra, mantendo elevados níveis de crescimento, particularmente em alguns municípios que apresentam as taxas mais elevadas do Estado. Ponta Grossa, principal centro da mesorregião, e quarto município em tamanho da população urbana no Paraná, foi durante muito tempo o mais importante pólo do Estado, operando como ponto de confluência das relações do Sul/Sudeste brasileiro e da penetração para o interior paranaense. Ainda hoje, mantém essa importância, dada sua localização estratégica no eixo de maior complexidade do Estado, que une o norte e o oeste paranaense ao porto de Paranaguá, passando pela aglomeração metropolitana de Curitiba.

A proximidade geográfica com a mesorregião Metropolitana de Curitiba imprime peculiaridades à rede urbana regional do Centro-Oriental. Embora integrada ao sistema urbano polarizado por Curitiba, Ponta Grossa mantém tênue articulação interurbana com a metrópole, reforçando seu papel central na região (MOURA e WERNECK, 2001). Essa condição pode ser atribuída a diversos fatores, como a distância entre as sedes municipais, devido à grande extensão territorial dos municípios (tanto Ponta Grossa, como Campo Largo, já na área metropolitana); a presença da escarpa do Segundo Planalto, entre os limites da mesorregião Metropolitana de Curitiba e Ponta Grossa; e a própria expansão da ocupação metropolitana, que teve como principal vetor a direção leste do Estado. A infra-estrutura viária, que poderia ser um elemento indutor de uma ocupação contínua, apenas facilitou um fluxo de trocas, favorecendo Ponta Grossa no acesso às vantagens oferecidas por Curitiba e, ao mesmo tempo, fortalecendo sua posição estratégica como pólo de redistribuição dos fluxos com o interior.

Porém, mesmo se reforçando enquanto pólo regional, percebem-se limites à ampliação de especialidades funcionais em Ponta Grossa, que o tornam pouco capaz de concorrer com a metrópole na oferta de funções de média e alta complexidades. Isso se confirma na classificação da abrangência de sua polarização, inserida no terceiro nível no *ranking* de centralidades, na categoria "forte", posicionando-se em patamar inferior a Londrina e Maringá, inseridas na categoria "muito forte" (IBGE, 2000); e em seu enquadramento na escala da rede urbana do Brasil (CONFIGURAÇÃO, 2002), na categoria de Centro Sub-Regional 2, hierarquicamente também abaixo de Londrina (classificado como Centro Regional) e Maringá (Centro Sub-Regional 1).6

No seu entorno, identifica-se a configuração de uma aglomeração descontínua (IPARDES, 2000), conformando um eixo de alta densidade de relações com Castro e Carambeí, embora ainda inexista contigüidade de mancha de ocupação entre os municípios – exceto de forma esparsa entre Ponta Grossa e Carambeí. Essa aglomeração concentra 54,3% da população total da mesorregião, sendo que Ponta Grossa responde por 43,9 pontos percentuais dessa participação.

⁶Essa hierarquia classifica os municípios brasileiros com população superior a 100 mil habitantes em quatro categorias: Metrópoles, Centros Regionais, Centros Sub-Regionais 1 e Centros Sub-Regionais 2 (CONFIGURAÇÃO, 2002).

Os demais centros guardam uma enorme distância do pólo no que se refere ao tamanho populacional (mapa 2.3). O segundo maior município, Castro, possui pouco mais de 63.500 habitantes, sendo que na área urbana sequer reúne 50 mil habitantes. Telêmaco Borba, com menor população total (61,2 mil), ultrapassa esse patamar, atingindo pouco mais de 58 mil moradores urbanos. Os 11 demais municípios possuem a população urbana entre 5 e menos de 20 mil habitantes urbanos. Neles estão 27,2% dos moradores urbanos da região e 36,1% da população total (tabela 2.5).

TABELA 2.5 - DISTRIBUIÇÃO DOS MUNICÍPIOS E DA POPULAÇÃO SEGUNDO CLASSES DE TAMANHO DA POPULAÇÃO - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2000

CLASSE DE TAMANHO	NÚMERO DE	MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO (%)			
(habitantes)	População Total	População Urbana	População Total	População Urbana		
De 200 mil e mais	1	1	43,9	52,7		
De 50 mil a menos de 200 mil	2	2	20,0	20,1		
De 20 mil a menos de 50 mil	6	-	25,1	-		
De 5 mil a menos de 20 mil	5	11	11,0	27,2		
Menos de 5 mil	-	-	-			

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

2.3 DESENVOLVIMENTO HUMANO

A construção do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)⁷ tem particular importância ao expor as desigualdades de forma abrangente e comparativa, permitindo que diferenças nos indicadores possam se tornar instigadoras da gestão pública.

Entre os 14 municípios que compreendem a mesorregião Centro-Oriental apenas Ponta Grossa apresenta o IDH-M 2000 em posição acima da média do Estado (0,787). É importante destacar que a variação do índice entre 1991 e 2000 foi bastante positiva para o conjunto dos municípios, acompanhando a melhora generalizada do Estado, mas não o suficiente para uma ascensão relativa. Com exceção de Ponta Grossa, Arapoti e Sengés, os demais perdem posição na escala de classificação estadual. Ponta Grossa (0,804) sobressai no âmbito estadual por situar-se entre o pequeno conjunto de 23 municípios com IDH-M superior a 0,800, considerado de alto desenvolvimento humano, confirmando que sua condição mais urbanizada e de pólo regional assegura a oferta, ainda que não suficiente, de oportunidades de obtenção de renda e serviços (mapa 2.4 e tabela A.2.11).

A variação entre o patamar máximo e mínimo do IDH-M, na mesorregião, é bastante expressiva: em melhor posição, além de Ponta Grossa, alinham-se Carambeí e outros quatro municípios; no extremo oposto, em posição bastante desfavorável, encontram-se Ventania, Imbaú, Reserva e Ortigueira, que ocupam as últimas posições do *ranking* estadual (tabela 2.6). Ortigueira, em particular, chama a atenção por ser o município paranaense a registrar o mais baixo IDH-M.

Considerando os componentes do IDH-M – esperança de vida ao nascer, taxa de alfabetização de adultos, taxa de freqüência escolar (pessoas de 7 a 22 anos de idade) e renda *per capita* –, observa-se que, no âmbito do Estado, o melhor desempenho está associado à realização das políticas públicas especialmente na área de educação. Vale notar que entre 1991 e 2000 os ganhos no IDH-M tiveram forte influência desse componente, que apresentou um desempenho comparativamente bem superior aos demais (mapa 2.5).

⁷Elaborado pelo PNUD-ONU, é um índice construído com o objetivo de medir o desenvolvimento humano a partir dos fatores educação, saúde e renda. Para uma síntese do detalhamento da construção do IDH-M, ver PNUD (2003) e IPARDES (2003c).

TABELA 2.6 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL, SEUS COMPONENTES E TAXA DE POBREZA SEGUNDO A SITUAÇÃO COMPARATIVA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2000

			COMPONENTES DO IDH-M						
SITUAÇÃO COMPARATIVA	IDH-M	Esperança de Vida ao Nascer (anos)	Taxa de Alfabetização de Adultos (%)	Taxa Bruta de Freqüência Escolar (%)	Renda Per Capita (R\$)	TAXA DE POBREZA ⁽¹⁾ (%)			
PARANÁ	0,787	69,8	90,5	82,9	321,40	20,9			
Mesorregião Centro-Oriental									
Melhor situação	0,804	70,9	94,3	85,0	331,00	18,6			
Pior situação	0,620	61,5	72,2	53,9	116,04	51,7			
Municípios acima do valor do Paraná	1	1	3	2	1	12			

FONTE: PNUD

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

No Centro-Oriental, o ritmo de realização dessas políticas não foi suficiente para alterar o quadro educacional nos municípios e distingui-los aproximando seus indicadores da média estadual. Do conjunto de municípios da mesorregião, apenas Ponta Grossa e Carambeí apresentaram taxa de freqüência escolar acima da média do Paraná, mas ainda distante do atendimento pleno da população de 7 a 22 anos de idade. Nos demais municípios, essa defasagem foi significativamente mais elevada; em cinco municípios, mais de 30% da população desse grupo etário encontrou-se à margem desse atendimento. De modo generalizado, o avanço da política educacional deve, além de buscar a universalização do ensino fundamental, ampliar a oferta dos demais níveis, assim como criar alternativas que incorporem parcelas da população não alfabetizada. Nesse sentido, é importante ressaltar que em 4 municípios mais de 20% da população de 15 anos e mais ainda permanece na condição de não-alfabetizada.

Em relação à esperança de vida, para a qual a política de saúde tem um importante papel, ao lado de outras que asseguram a qualidade de vida, verifica-se dificuldade bem maior para a consolidação das condições sociais que podem contribuir para ganhos nesse indicador. Do conjunto regional, quatro municípios registraram ganhos mais significativos na década – Ponta Grossa, Reserva, Telêmaco Borba e Jaguariaíva –, mas somente em Ponta Grossa o incremento obtido superou a média estadual. Mesmo com tais ganhos, os demais três municípios não se diferenciam muito do conjunto da região, por apresentarem o indicador esperança de vida relativamente baixo.

⁽¹⁾ A taxa de pobreza indica o percentual de famílias com renda familiar mensal per capita até 1/2 salário mínimo, em relação ao número total de famílias residentes na área em estudo.

A renda *per capita* é o componente que expressa a maior dificuldade dos municípios no sentido de criar condições de bem-estar para a população através da geração de emprego e renda. Esta situação é revelada pelos baixos níveis de renda municipal relativamente à média paranaense. Nas regiões, vale destacar Sengés, que foi o único município onde o componente renda foi o principal responsável na melhoria do IDH-M, na década, embora insuficiente para alcançar a realização da renda num patamar superior à média estadual. Arapoti se distingue por atingir uma renda *per capita* superior à média do Estado. Assim, pode-se considerar que este é o componente que participa com menor efeito positivo sobre o IDH-M nos anos 90.

De modo geral, nos municípios o comportamento dos componentes do IDH-M se dá num mesmo sentido, revelando uma tendência de homogeneização favorável ou desfavorável das situações de educação, saúde e renda. Os quatro municípios da mesorregião que se encontram no patamar mais baixo do IDH-M mantiveram todos os componentes do Índice nesse mesmo patamar e com grande distância em relação aos dos demais municípios, sendo que três deles estão situados na porção oeste da mesorregião e caracterizam-se como de pequena dimensão.

Outra forma de evidenciar, de modo mais direto, o grau de desigualdade está na mensuração de famílias pobres a partir da taxa de pobreza.⁸ Comparativamente ao Estado e às demais mesorregiões, a Centro-Oriental apresenta este indicador em patamar intermediário. Praticamente 1/4 da sua população pode ser considerado pobre, o que corresponde a 47 mil famílias (7,9% do total do Estado) – tabela 2.7 e gráficos 2.8 e 2.9.

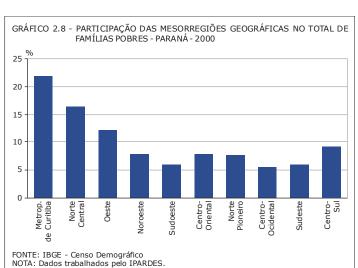
No âmbito dos municípios as diferenças assumem uma amplitude acentuada e reproduzem a distribuição espacial do IDH-M. Dos 14 municípios, Ponta Grossa e Carambeí sobressaem com taxas inferiores à média do Paraná (20,9%). Entre os demais, três municípios registraram o dobro do percentual paranaense, caracterizando-se como casos extremos no Estado – Imbaú, Reserva e Ortiqueira.

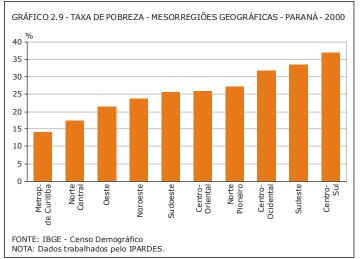
⁸Refere-se ao percentual de famílias com renda familiar mensal per capita até 1/2 salário mínimo em relação ao número total de famílias residentes na área em estudo (IPARDES, 2003a).

TABELA 2.7 - NÚMERO E DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS POBRES E TAXA DE POBREZA SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

MECORDECIÃO	FAMÍLIAS F	POBRES	TAXA DE
MESORREGIÃO	Abs.	%	POBREZA ⁽¹⁾
Noroeste	46.110	7,8	23,8
Centro-Ocidental	32.320	5,5	31,6
Norte Central	95.928	16,3	17,4
Norte Pioneiro	44.590	7,6	27,1
Centro-Oriental	46.780	7,9	25,8
Oeste	70.929	12,0	21,4
Sudoeste	35.281	6,0	25,6
Centro-Sul	53.777	9,1	37,0
Sudeste	34.904	5,9	33,3
Metropolitana de Curitiba	128.801	21,9	14,1
PARANÁ	589.420	100,0	20,9

FONTES: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.





⁽¹⁾ A taxa de pobreza indica o percentual de famílias com renda familiar mensal per capita até 1/2 salário mínimo, em relação ao número total de famílias residentes na área em estudo.

2.4 OFERTA DE SERVIÇOS SOCIAIS

2.4.1 Educação

Ao lado da renda, outra dimensão da desigualdade social está bastante associada às condições de acesso ao sistema de ensino público em escolas estaduais e municipais e, ainda, às creches.

Nesse sentido, a taxa de freqüência à escola ou creche por faixas etárias, que indica a proporção de crianças de cada grupo de idade que está efetivamente freqüentando escola ou creche, tem importância particular ao sinalizar não apenas a abrangência da rede pública de ensino, mas também a possibilidade de acesso ao sistema escolar por essa população.

Considerando inicialmente a taxa de freqüência à creche pelas crianças de 0 a 3 anos, verifica-se que, enquanto na média do Estado essa taxa é próxima a 10%, na mesorregião Centro-Oriental nenhum município atingiu uma freqüência superior a essa (tabela 2.8). A melhor taxa encontra-se no município de Palmeira, da ordem de 9,4%, seguida por Castro (8,5%), Piraí do Sul (7,0%) e Ponta Grossa (6,9%) – tabela A.2.12. No outro extremo está o município de Sengés, com 0,4% de freqüência de crianças de 0 a 3 anos em creche, além de 4 municípios com freqüência inferior a 3%: Imbaú, Ortigueira, Reserva e Ventania.

TABELA 2.8 - TAXA DE FREQÜÊNCIA À ESCOLA OU CRECHE, SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS E SITUAÇÃO COMPARATIVA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2000

2.7	NÚMERO MÉDIO DE	TAXA DE FREQÜÊNCIA À ESCOLA OU CRECHE (%)							
SITUAÇÃO COMPARATIVA	SÉRIES CONCLUÍDAS DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS	0 a 3 anos	4 a 6 anos	7 a 14 anos	15 a 17 anos	18 a 22 anos	Mais de 22 anos		
PARANÁ	6,53	9,67	53,26	95,65	73,09	33,49	6,01		
Mesorregião Centro-Oriental									
Melhor situação	7,04	9,35	61,02	98,14	74,54	36,77	8,14		
Pior situação	3,68	0,35	27,34	85,31	46,64	6,91	2,06		
Municípios acima do valor do Paraná	1	0	4	2	3	1	3		

FONTES: IBGE - Censo Demográfico, INEP - Censo Escolar NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

O indicador de freqüência à escola por parte das crianças de 4 a 6 anos, correspondente à pré-escola, atinge a média de 53,3% no Estado. Na mesorregião, apenas Carambeí (61,0%), Palmeira (60,0%), Telêmaco Borba (58,2%) e Castro (53,7%) ultrapassaram esse percentual. Por outro lado, Jaguariaíva e Sengés (36,3%), Tibagi (32,5%), Ortigueira (29,1%) e Reserva (27,3%) apresentaram as menores taxas de freqüência à escola para crianças de 4 a 6 anos entre os municípios da região.

No que tange à freqüência ao ensino fundamental pelas crianças de 7 a 14 anos, obrigatória para essa faixa de idade, a média verificada no Estado é de 95,7%. Na mesorregião Centro-Oriental apenas dois municípios apresentaram taxas superiores a esse valor: Carambeí, com 98,1%, e Ponta Grossa, com 97,0%. Apresentando taxas de freqüência ao ensino fundamental iguais ou inferiores a 90% encontram-se os municípios de Imbaú (90%), Tibaqi (88,5%), Reserva (85,9%) e Ortiqueira (85,3%).

Com relação à freqüência à escola por parte dos jovens de 15 a 17 anos, a média do Estado atinge 73,1%. Na mesorregião, 3 municípios ultrapassaram esse valor: Ponta Grossa (74,5%), Carambeí (73,9%) e Telêmaco Borba (73,5%). Com taxas inferiores à média estadual encontravam-se 11 municípios, sendo as menores médias em Ventania (46,6%), Reserva (48,4%) e Imbaú (48,8%).

A freqüência à escola por parte dos jovens de 18 a 22 anos é sistematicamente inferior a 30% em todos os municípios da mesorregião, com exceção de Ponta Grossa, onde 36,8% dos jovens dessa faixa etária freqüentaram escola. Ainda que parcela importante deste grupo possa estar freqüentando a educação de jovens e adultos, o antigo supletivo, dado o significativo número de alunos matriculados nessa modalidade de ensino em municípios da região, não se pode descartar a possibilidade de que parte deles possa estar cursando o ensino superior.

Outro indicador relevante para caracterizar o grau de instrução da população regional é o número médio de séries concluídas pela população de 15 anos ou mais. Esse indicador não apresenta grande variação entre os municípios do Centro-Oriental (mapa 2.6). De modo geral, a população adulta não conseguiu completar as oito séries do ensino fundamental: a média de séries concluídas no Estado é de 6,5, e o maior valor atingido

na região foi de 7,0 em Ponta Grossa, com os municípios de Imbaú e Reserva apresentando uma média de séries concluídas próxima a 4, ou seja, em média sua população apenas completou o primeiro segmento do ensino fundamental, enquanto em Ortiqueira seguer atingiu as 4 primeiras séries.

Do ponto de vista da estrutura de serviços educacionais posta à disposição da população, informações relativas a 2002 indicam que a mesorregião Centro-Oriental possui 248 estabelecimentos com oferta de préescolar, 61% dos quais públicos; 593 escolas com ensino fundamental, sendo 92% mantidas pelo setor público; e 86 estabelecimentos que ofertam ensino médio, 74% pertencentes à rede pública (tabela A.2.13). Em todos os municípios da região, mesmo nos menores, havia pelo menos um estabelecimento público com oferta de cada um desses níveis de ensino.

Também está generalizada, nos municípios da região, a municipalização das matrículas do primeiro segmento do ensino fundamental (1^a a 4^a séries), cabendo também aos municípios a oferta da educação infantil através de creches e pré-escolas. As escolas estaduais têm sob sua responsabilidade o segundo segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a séries), assim como as matrículas de ensino médio (tabela A.2.14).

Na região existem 12,8 mil alunos matriculados em pré-escola, 63% dos quais na rede pública; na 1º a 4º série do ensino fundamental estão matriculados 64,9 mil alunos, sendo 93% em escolas públicas; na 5º a 8º séries do ensino fundamental estão matriculados 53 mil alunos, 92% em escolas públicas; e no ensino médio as matrículas somam 27,9 mil, das quais 88% estão na rede pública.

Cabe assinalar a presença de estabelecimentos de ensino superior, verificada em 6 municípios, a saber: Arapoti, Castro, Jaguariaíva, Palmeira, Ponta Grossa e Telêmaco Borba (tabela 2.9). Esses estabelecimentos de ensino superior atendiam, em 2001, a um contingente de 10 mil alunos, dos quais 1,3 mil estavam concluindo seus estudos naquele ano. Tal como observado em relação à educação básica, para o ensino superior predominavam as matrículas em estabelecimentos públicos, abrangendo 86% do total de alunos matriculados.

TABELA 2.9 - MATRÍCULAS, CONCLUINTES E CORPO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR SEGUNDO A DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA E OS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2001

MUNICÍPIO		MATRÍCULAS			CONCLUINTES	3	CORPO DOCENTE		
MONION 10	Público	Privado	TOTAL	Público	Privado	TOTAL	Público	Privado	TOTAL
Arapoti	-	242	242	-	-	-	-	17	17
Castro	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jaguariaíva	77	-	77	-	-	-	-	-	-
Palmeira	160	-	160	16	-	16	-	-	-
Ponta Grossa	8.135	964	9.099	1.217	80	1.297	572	120	692
Telêmaco Borba	183	200	383	29	-	29	-	12	12
Mesorregião Centro-Oriental	8.555	1.406	9.961	1.262	80	1.342	572	149	721
PARANÁ	85.866	122.516	208.382	13.943	16.624	30.567	7.104	8.188	15.292

FONTE: INEP

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

2.4.2 Saúde

O perfil de saúde de uma população reflete o contexto socioeconômico-ambiental mais amplo no qual está inserida, mas também resulta do padrão demográfico que a caracteriza. Assim, não apenas o grau de desenvolvimento e a abrangência do nível de bem-estar social alcançado pela população estarão condicionando o quadro das doenças e dos óbitos que a afetarão, mas também o padrão etário e a composição por sexo vigentes terão seu peso. Populações em que predominam segmentos etários jovens, por exemplo, tenderão a apresentar um perfil de morbimortalidade mais associado a problemas originados no período perinatal, a doenças infecciosas e parasitárias e a causas externas, ao passo que populações em processo de envelhecimento aumentam a demanda ao setor saúde principalmente com problemas circulatórios e advindos das neoplasias (tumores).

Nesse sentido, os dados relacionados a óbitos e a internações hospitalares fornecem elementos de suma importância no conhecimento dos níveis e padrões de saúde da população, ao mesmo tempo em que proporcionam subsídios para o planejamento das ações das políticas de atenção à saúde dos distintos segmentos populacionais (IBGE, 2003c).

Em relação à mortalidade infantil, há uma tendência inequívoca e continuada de declínio de seus níveis no conjunto do país, embora ainda se observem profundas desigualdades sociais e espaciais provocando situações diferenciadas entre regiões, estados e unidades territoriais menores. Nesse contexto, o Paraná reproduz os padrões nacionais. A despeito das melhorias nas condições de saúde, educação e saneamento alcançadas pelo conjunto dos municípios paranaenses ao longo do tempo, com conseqüentes ganhos de vida para a população infantil, ainda se verificam expressivos diferenciais intra-estaduais nos coeficientes de mortalidade infantil (CMI).

Na mesorregião Centro-Oriental, a maioria dos municípios registrou coeficientes bem superiores ao do Estado (20,3 óbitos de menores de um ano por mil nascidos vivos), de acordo com dados referentes ao ano 2000 (mapa 2.7 e tabela A.2.15). Entre os municípios que apresentaram níveis mais altos de mortalidade, nove registraram CMI acima de 26,9 óbitos de menores de um ano por mil nascidos vivos (que corresponde ao coeficiente do Estado, acrescido de 1 desvio padrão). A situação mais desfavorável ocorreu em Ortigueira, que se destacou com CMI de 42,3 óbitos de menores de um ano por mil nascidos vivos. Apenas três municípios evidenciaram níveis de mortalidade mais baixos do que o do Estado – Ponta Grossa, Carambeí e Jaguariaíva.

A análise do padrão de morbimortalidade segundo grupos de causas possibilita, igualmente, a construção de um importante panorama das condições mais gerais de saúde da população, além de sinalizar prováveis pontos de pressão de demanda sobre áreas específicas do sistema público de atendimento à saúde da região. Nesse sentido, o grau de complexidade que envolve o setor torna-se ainda mais aparente se se tem em conta que, de forma geral, o perfil das causas de óbitos se diferencia, em maior ou menor grau, daquele resultante das demandas por internações hospitalares.

Assim, no que tange ao quadro de mortalidade, o Paraná, em 2000, registrou 55,9 mil óbitos, destacando-se, como principais grupos de causas, as doenças do aparelho circulatório (33,3%), as neoplasias (14,9%) e as causas externas (12,1%) – tabela A2.16. Com representatividade menor, porém com igual importância, apareceram os óbitos decorrentes de problemas respiratórios (10,7% do total estadual) e os óbitos decorrentes de sintomas, sinais e achados anormais (causas mal definidas), a saber, 5,4%. Esse último grupo constitui um

importante indicador do grau de eficiência/ineficiência do sistema como um todo, pois, ao sinalizar problemas no preenchimento dos atestados de óbitos e precariedade de recursos médico-assistenciais, compromete a análise da real estrutura de causas de mortalidade da população.

Já no que diz respeito ao quadro da demanda por internações hospitalares na rede pública ou conveniada ao SUS, no Estado, tem-se que, em junho de 2003, foram registradas 66,1 mil internações, sendo 21,4% provocadas por problemas do aparelho respiratório, 16,1% decorrentes de gravidez, parto e puerpério e 13,7% associadas a doenças do aparelho circulatório (tabela A.2.17). Mereceram destaque, também, as doenças do aparelho digestivo (7,8%) e as demandas por lesões, envenenamentos e outras causas externas (causas violentas), 6,3%. É importante assinalar que a grande maioria dos internamentos relacionados à gravidez, parto e puerpério referiu-se a partos ou cesáreas,⁹ fato que sinaliza a ampliação do atendimento hospitalar às gestantes em todo o Estado, constituindo, sem dúvida, um importante vetor para a redução dos casos de mortalidade materna.

O perfil de mortalidade da mesorregião Centro-Oriental acompanha, de certa forma, a média do Estado, registrando, em 2000, 56,6% dos óbitos associados a apenas três grupos de causas: doenças do aparelho circulatório (27,8%), sintomas, sinais e achados anormais (causas mal definidas, 15,1%) e neoplasias (13,7%). As causas externas aparecem como o quarto principal grupo de causas, com 10,2% dos óbitos, totalizando, assim, quase 67% dos óbitos da região (ver tabela A.2.16). É preciso citar o grupo de causas mal definidas, uma vez que a proporção de óbitos foi muito superior à encontrada no Estado (5,4%) e, principalmente, por ter sobressaído como o segundo principal grupo de causas dos óbitos na região. Embora, em termos gerais, o peso relativo dos óbitos da região no conjunto estadual, considerando-se cada grupo de causas de óbitos, seja proporcional ao da população (5,6%), é importante alertar para o fato de que a mesorregião, naquele ano, gerou 19,4% dos óbitos estaduais decorrentes das causas mal definidas, abaixo apenas da proporção apresentada pela mesorregião Metropolitana de Curitiba (tabela A.2.18).

⁹De acordo com documento da Secretaria da Saúde do Paraná, em 2001, 88,7% dos internamentos do grupo gravidez, parto e puerpério, do Estado, referiram-se a partos ou cesáreas (PARANÁ, 2002b). Esse ordenamento tendeu a se reproduzir, de certa forma, nos municípios da mesorregião. Segundo os dados relativos a 2000, os óbitos decorrentes das doenças do aparelho circulatório apareceram como principal causa em 13 dos 14 municípios (tabela A.2.19 e mapa 2.8), destacando-se os casos de Ventania, Imbaú, Palmeira e Ortigueira, em que esse grupo representou mais de 40% dos óbitos municipais. No município de Carambeí, as doenças circulatórias representaram o terceiro principal grupo de *causa mortis*.

As neoplasias foram responsáveis por 22% dos óbitos registrados em Carambeí, predominando como principal grupo de causas. Em Telêmaco Borba, Sengés e Palmeira, representou o segundo principal grupo de causas de mortalidade, e em outros 6 municípios respondeu pela terceira posição.¹⁰

Chama a atenção, na mesorregião, a participação dos óbitos decorrentes das causas mal definidas, participando como o segundo principal grupo em 5 municípios – Ventania (11,1%), Tibagi (22,2%), Ponta Grossa (18,8%), Piraí do Sul (25,8%) e Castro (20,7%). Em Sengés, as mal definidas responderam como o terceiro principal grupo, representando 11,1% dos óbitos municipais. Em 4 dos 6 municípios citados a proporção dos óbitos por essas causas superou a média regional (15,1%), que, por sua vez, encontrava-se muito acima da média do Estado (5,4%).

Além dos três principais grupos de causas de óbitos, mereceu destaque a participação das causas externas, que constituíram a segunda ou terceira causa das mortes da metade dos municípios da região, sendo que a maioria deles apresentou proporções superiores à média do Estado (12,0%). Ressaltam-se, também, os problemas respiratórios, que responderam como segundo ou terceiro principal grupo de causas dos óbitos registrados em 5 municípios da região.

É evidente que os municípios mais populosos concentram os maiores volumes de registros de óbitos. Entretanto, cabe anotar a situação paradoxal de Ponta Grossa: ao mesmo tempo em que o município apresentou o mais baixo, portanto o melhor, coeficiente de mortalidade infantil da região, revelou indicativos de precariedade de condições básicas de saúde, uma vez que, em 2000, respondeu por 57,5% dos óbitos regionais associados ao grupo de causas mal definidas e teve, também, uma participação elevada de mortes decorrentes de afecções perinatais, representando mais de 40,0% dos óbitos regionais.

¹ºQuando ocorreu no município número similar de óbitos em mais de uma causa de mortalidade, mapeou-se aquela que manteve correspondência com os principais grupos de causas do Estado.

O quadro da demanda por internações hospitalares na rede pública ou conveniada ao SUS, na mesorregião Centro-Oriental – que participou com 6,3% das internações hospitalares do Estado, em junho de 2003 (tabela A.2.20) –, não difere muito da média estadual. As doenças do aparelho respiratório, as hospitalizações relacionadas à gravidez, parto e puerpério e as doenças do aparelho circulatório, naquele momento, abrangeram 57,0% das internações hospitalares da mesorregião, proporção superior à constatada no Estado (51,2%). Isto se deveu, principalmente, ao peso que as hospitalizações decorrentes da gravidez, parto e puerpério tiveram na mesorregião Centro-Oriental (20,6%), superior à média estadual (16,1%). Da mesma forma, os problemas respiratórios representaram 22,7% das internações da região, proporção relativamente superior à média estadual (21,4%) – tabelas A.2.21 e A.2.17.

No âmbito intra-regional, as demandas por hospitalizações decorrentes de problemas respiratórios apareceram como primeira causa em 7 municípios, destacando-se em Reserva (44,2%) e Ortigueira (43,8%). Em outros 5 municípios, o grupo representou a segunda principal causa das internações hospitalares e, em Arapoti, ele respondeu como o terceiro principal grupo (mapa 2.9).

De maneira geral, as hospitalizações decorrentes da gravidez, parto e puerpério e aquelas relacionadas às doenças do aparelho circulatório predominaram entre as três principais causas, na grande maioria dos municípios da região. Entretanto, as internações decorrentes dessas causas predominaram em 6 municípios da região como principal causa, destacando-se em Ventania, onde o grupo representou 32,6% das hospitalizações do município, enquanto os problemas circulatórios apareceram como principal causa apenas em Jaguariaíva, representando 21,4% das internações hospitalares do município e destacando-se como o terceiro principal grupo de causas de internações hospitalares de outros 7 municípios da região.

Na mesorregião Centro-Oriental, 6 municípios registraram outras causas de internações hospitalares que sobressaíram como segundo ou terceiro principal grupo. Em Palmeira, as doenças infecciosas e parasitárias predominaram como o segundo principal grupo, respondendo por 14,9% das internações municipais. Em Carambeí, as doenças do aparelho geniturinário representaram o segundo principal grupo de internações e, em

Castro, esse grupo respondeu pela terceira posição. As doenças do aparelho digestivo destacaram-se como o terceiro principal grupo de internações hospitalares de Reserva. Em outros 2 municípios – Ventania e Piraí do Sul –, as lesões e envenenamentos foram o terceiro principal grupo em internações hospitalares, representando 11,6% e 9,8%, respectivamente.

Do ponto de vista da capacidade instalada dos serviços de saúde disponibilizados à população do Paraná, ainda que os dados se refiram apenas aos serviços cadastrados para prestarem atendimento ao SUS, não refletindo, desse modo, a capacidade total instalada do setor, é digno de nota que a rede ambulatorial estadual, segundo dados do Datasus de maio de 2003, contava com 5.070 unidades prestadoras de serviços (tabela 2.10), distribuídas em vários tipos, e com 474 hospitais, que disponibilizavam cerca de 28,4 mil leitos e que, somados aos ofertados em UTI, totalizavam 29,2 mil leitos, orientados para diversas especialidades (tabela 2.11).

A mesorregião Centro-Oriental ocupava a oitava posição do Estado em número de unidades prestadoras de serviços (334) e a nona posição em número de hospitais. Seus 20 hospitais estavam presentes em 11 dos 14 municípios, disponibilizando 1.634 leitos, o que corresponde a uma média regional de 2,6 leitos por mil habitantes, excluindo-se os 18 leitos de UTI, disponíveis somente no município de Ponta Grossa (tabela A.2.22). A rede ambulatorial da região concentrava-se, com larga vantagem, nas unidades de tipo posto de saúde (46,4%), que, somadas aos centros de saúde (16,2%) e unidades de saúde da família (13,8%), representavam 76,4% das unidades prestadoras de serviços. As unidades de vigilância sanitária disponíveis na mesorregião Centro-Oriental estavam presentes em 13 dos 14 municípios da região, com exceção de Piraí do Sul (tabela A.2.23). Os ambulatórios de unidade hospitalar geral estavam presentes em 9 dos 14 municípios da região. Deve-se mencionar a escassa disponibilidade, na mesorregião, de unidades de tipo pronto-socorro geral, bem como as de pronto-socorro especializado.

TABELA 2.10 - REDE AMBULATORIAL DO SUS SEGUNDO TIPOS DE UNIDADES E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - MAIO 2003

					REDE AMBULAT	ORIAL DO SUS				
MESORREGIÃO	Posto de saúde	Centro de saúde	Policlínica	Ambulatório de unidade hospitalar geral	Ambulatório de unidade hospitalar especializada	Unidade mista	Pronto-socorro geral	Pronto-socorro especializado	Consultório	Clínica especializada
Noroeste	73	77	9	57	3	9	1	4	40	15
Centro-Ocidental	55	77	1	34	7	9	-	-	33	11
Norte Central	53	122	14	78	10	46	6	1	217	97
Norte Pioneiro	32	64	1	33	-	15	1	-	59	1
Centro-Oriental	155	54	1	15	-	1	1	1	23	8
Oeste	107	141	1	36	8	2	2	-	128	32
Sudoeste	96	82	2	23	1	2	-	1	68	15
Centro-Sul	112	53	2	29	3	-	1	-	95	6
Sudeste	139	46	1	22	-	3	-	-	16	5
Metropolitana de Curitiba	91	203	20	43	12	51	5	5	117	75
PARANÁ	913	919	52	370	44	138	17	12	796	265

		REDE AMBULATORIAL DO SUS											
MESORREGIÃO	Centro/Núcleo de atenção psicossocial	Centro/Núcleo de reabilitação	Outros serviços auxiliares de diagnose e terapia	Unid. móv. terres. p/atendim. méd./odont.	Unid. móv. terr. prog. enfrent. às emerg. e traumas	Farmácia p/dispens. de medicamentos	Unidade de saúde da família	Unidade de vigilância sanitária	Unidades não especificadas	TOTAL			
Noroeste	-	5	20	1	-	3	70	20	4	411			
Centro-Ocidental	-	1	27	-	-	1	27	20	21	324			
Norte Central	8	11	91	4	3	3	198	66	5	1.033			
Norte Pioneiro	-	-	33	-	-	2	70	28	14	353			
Centro-Oriental	-	3	4	1	1	2	46	14	4	334			
Oeste	2	8	51	2	2	3	56	4	13	598			
Sudoeste	2	7	17	-	-	2	58	36	3	415			
Centro-Sul	-	3	13	2	-	1	47	23	9	399			
Sudeste	-	-	16	2	-	2	37	17	5	311			
Metropolitana de Curitiba	8	4	91	3	3	2	116	38	5	892			
PARANÁ	20	42	363	15	9	21	725	266	83	5.070			

FONTE: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS (SIA/SUS)

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

TABELA 2.11 - OFERTA DE LEITOS HOSPITALARES VINCULADOS À REDE DO SUS, SEGUNDO ESPECIALIDADES MÉDICAS E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ-MAIO 2003

	LEITOS	\"'\\	LEITOS HOSPITALARES POR ESPECIALIDADE						
MESORREGIÃO	HOSPITALARES (por mil habitantes)	NÚMERO DE HOSPITAIS	Leitos cirúrgicos	Leitos obstétricos	Leitos pediatria	Leitos clínica médica			
Noroeste	3,0	62	316	358	362	693			
Centro-Ocidental	2,5	28	160	204	193	312			
Norte Central	2,9	95	1.030	694	844	1.547			
Norte Pioneiro	3,3	45	271	335	355	783			
Centro-Oriental	2,6	20	246	249	340	523			
Oeste	3,3	70	671	575	706	1.147			
Sudoeste	3,1	35	228	294	379	549			
Centro-Sul	3,0	25	221	297	423	543			
Sudeste	2,6	19	118	182	184	380			
Metropolitana de Curitiba	3,0	75	1.798	1.071	1.353	2.010			
PARANÁ	3,0	474	5.059	4.259	5.139	8.487			

			LEITOS HOSF	PITALARES POR E	SPECIALIDADE		
MESORREGIÃO	Leitos psiquiátricos	Leitos cuid. prol.	Leitos tisiologia	Leitos hosp./dia	Total de leitos hospitalares (exclusive leitos de UTI)	Leitos UTI	TOTAL (inclusive leitos UTI)
Noroeste	188	8	1	-	1.926	28	1.954
Centro-Ocidental	-	-	-	-	869	10	879
Norte Central	1.097	5	12	40	5.269	200	5.469
Norte Pioneiro	9	29	-	-	1.782	14	1.796
Centro-Oriental	274	2	-	-	1.634	18	1.652
Oeste	608	6	-	6	3.719	92	3.811
Sudoeste	-	-	-	-	1.450	29	1.479
Centro-Sul	106	1	1	-	1.592	24	1.616
Sudeste	109	1	-	-	974	22	996
Metropolitana de Curitiba	2.591	59	76	225	9.183	325	9.508
PARANÁ	4.982	111	90	271	28.398	762	29.160

FONTE: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

De modo geral, a distribuição da oferta da rede ambulatorial na mesorregião concentrava-se principalmente entre os municípios mais populosos, destacando-se, com larga vantagem, o município de Ponta Grossa, com quase 42%, seguido de Castro (9,3%), Reserva (7,8%), Palmeira (6,6%), Ortigueira (6,3%), Arapoti (5,7%), Jaguariaíva (5,1%), Telêmaco Borba e Tibagi (ambos com 4,5%). Ponta Grossa concentrava, sozinho, 72,3% dos postos de saúde, e Ortigueira e Tibagi, juntas, somavam 53,7% dos centros de saúde. As unidades de saúde da família concentravam-se em 5 municípios, sendo 90% delas em Ponta Grossa, Castro e Arapoti. Acrescido a isso, tem-se que quase 70% dos consultórios estavam localizados nos municípios de Castro, Reserva e Telêmaco Borba, apesar de representarem menos do que 7% da rede ambulatorial da região. Somente Castro possuía um pronto-socorro geral e, Ponta Grossa, um pronto-socorro especializado.

Quanto à oferta de leitos hospitalares, a mesorregião ocupava a sexta posição no conjunto disponível no Estado, sendo que 53% deles concentravam-se nas especialidades de clínica médica e de pediatria (ver tabela 2.11). O número médio de leitos por mil habitantes (incluindo os de UTI) era inferior à média paranaense (3), situando-se acima somente no município de Ponta Grossa (3,3), particularmente devido à oferta de leitos psiquiátricos, além dos leitos de UTI, ao passo que nos municípios de Arapoti, Castro, Ortigueira, Piraí do Sul, Reserva e Tibagi, a oferta de leitos hospitalares encontrava-se abaixo da média regional e estadual (ver tabela A.2.23).

De modo geral, observa-se que a oferta de serviços médicos e de leitos hospitalares encontra-se bastante concentrada na região e com a maior parte do atendimento ainda de caráter curativo. Os investimentos para a realização de programas preventivos permanecem aquém do necessário, na medida em que a presença dos agentes comunitários de saúde nesses programas representa um importante vetor de reforço das ações preventivas. Constituem exemplo as unidades de saúde da família, que assinalam sua presença em pouco mais de um terço dos municípios da região e, ainda assim, bastante concentradas em três deles.

2.4.3 Saneamento

A disponibilidade de serviços de saneamento, englobando a oferta de água, esgotamento sanitário adequado e coleta de lixo, apresenta-se como mais um indicador das desigualdades sociais pela sua importância em dimensionar o grau de acesso da população a esses serviços, os quais têm efeitos diretos na qualidade de vida.

Sob o ponto de vista da abrangência do atendimento desses serviços, o abastecimento de água por rede na mesorregião Centro-Oriental já alcançou, a exemplo da maioria das mesorregiões paranaenses, uma cobertura que pode ser considerada bastante extensiva em áreas urbanas, situando a mesorregião entre as cinco que superam a média estadual. No entanto, a região integra o conjunto que registra menor cobertura do serviço nos vários núcleos rurais.

A proporção de domicílios urbanos que ainda se conservam à margem deste atendimento varia entre 7% na mesorregião Sudeste e 1,4% na Noroeste, ficando próximo de 3% na Centro-Oriental (tabela 2.12). A extensão desse serviço em áreas rurais é resultado, principalmente, de políticas de abastecimento comunitário,¹¹ beneficiando, nessa região, 17,9% dos domicílios rurais, taxa de cobertura pouco menor que a média do Estado.

TABELA 2.12 - TOTAL DE DOMICÍLIOS PERMANENTES URBANOS E RURAIS E PERCENTUAL DE ATENDIMENTO, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DE SANEAMENTO E MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

	TOTAL DE D	OMICÍLIOS		DOMICÍLIOS ATENDIDOS (%)								
MESORREGIÃO	TOTAL DE D	TOTAL DE DOMICÍLIOS		gua por Rede Geral	Esgotamento	Sanitário ⁽¹⁾	Lixo Coletado(2)					
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural				
Noroeste	143.940	38.255	98,6	25,3	22,9	4,1	95,5	14,5				
Centro-Ocidental	72.441	24.336	97,9	18,2	13,9	6,9	93,6	13,2				
Norte Central	465.177	54.149	97,3	16,8	42,5	7,6	97,6	12,7				
Norte Pioneiro	118.488	35.889	98,3	13,4	52,0	6,8	96,6	11,4				
Centro-Oriental	140.311	30.261	97,1	17,9	47,3	16,0	96,4	13,2				
Oeste	259.135	53.673	96,0	22,5	27,7	7,9	96,5	9,8				
Sudoeste	80.941	48.187	96,1	10,0	24,4	9,6	93,8	4,3				
Centro-Sul	86.688	47.790	95,1	9,6	31,0	6,5	94,0	7,0				
Sudeste	55.865	43.093	93,0	14,8	35,7	15,1	93,5	6,0				
Metropolitana de Curitiba	789.622	74.798	96,6	35,4	64,3	37,9	98,8	44,7				
PARANÁ	2.212.607	450.430	96,8	19,5	45,9	13,6	97,1	15,6				

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.



⁽¹⁾ Para domicílios urbanos foi considerada a condição de ligados à rede pública e, para domicílios rurais, o uso de fossa séptica.

⁽²⁾ Lixo coletado ou depositado em caçambas.

¹¹Desde 1987, o governo estadual vem realizando políticas de saneamento rural, com recursos internacionais, voltadas principalmente para o abastecimento de água, em pequenos municípios.

No âmbito dos municípios as diferenças persistem, embora sem grandes desigualdades. Entre os 14 municípios, 7 apresentam índices de cobertura da rede de água no meio urbano superior à média do Estado (96,8%). O município-pólo encontra-se neste grupo, que integra também Jaguariaíva e Arapoti, encontrando-se todos em um patamar próximo da universalização do abastecimento de água por rede (tabelas 2.13 e A.2.24 e mapa 2.10). No limiar inferior estão 5 municípios que registram em torno de 6% de domicílios urbanos fora do alcance da rede de abastecimento de água, situando-se em posição mais desfavorável o município de Ortigueira, que apresenta menor cobertura (93,4%).

TABELA 2.13 - PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS PERMANENTES, URBANOS E RURAIS, SEGUNDO AS CONDIÇÕES DE SANEAMENTO E A SITUAÇÃO COMPARATIVA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2000

~		DOMICÍLIOS ATENDIDOS (%)								
SITUAÇÃO COMPARATIVA	Abastecimento de Á	gua por Rede Geral	Esgotament	to Sanitário ⁽¹⁾	Lixo Coletado(2)					
307	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural				
PARANÁ	96,8	19,5	45,9	13,6	97,1	15,6				
Mesorregião Centro-Oriental	97,1	17,9	47,3	16,0	96,4	13,2				
Melhor situação	98,8	97,5	85,9	84,1	98,0	94,7				
Pior situação	93,4	2,1	0,5	0,0	78,1	1,7				
Municípios acima do valor do Paraná	7	4	5	8	7	6				

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

A rede de abastecimento de água em áreas rurais é, de modo geral, bastante incipiente. Para um grande número de municípios a abrangência desse serviço é restrita. Em situação de menor cobertura estão três municípios para os quais a abrangência do atendimento não atinge 10% do total de domicílios. Nesse limite encontram-se os municípios de Piraí do Sul (2,1%), Castro (4,6%) e Tibaqi (9,2%) - mapa 2.11.

Apenas quatro municípios registram proporção de domicílios atendidos superior à média estadual (19,5%). Em patamar de destaque regional e estadual encontra-se Telêmaco Borba (97,5%), que se caracteriza por uma população rural muito pequena e um padrão de ocupação predominantemente voltado à atividade de reflorestamento, vinculada à indústria papeleira.

⁽¹⁾ Para domicílios urbanos foi considerada a condição de ligados à rede pública e, para domicílios rurais, o uso de fossa séptica

⁽²⁾ Lixo coletado ou depositado em caçambas.

De modo geral, a extensão da rede de abastecimento de água encontra-se em desequilíbrio quando comparada à de esgotamento sanitário – bem menos extensa –, o que reflete um grave e complexo problema, não só da perspectiva da qualidade da moradia como também das condições ambientais de modo geral. Ressalta-se que, tal como nas demais mesorregiões paranaenses, a amplitude desse desequilíbrio é elevada: dos domicílios urbanos, 97,1% são atendidos por rede de água e apenas 47,3% estão ligados à rede de esgoto, embora esse patamar regional de cobertura por rede de esgoto encontre-se acima da média estadual, de 45,9%, terceira posição entre as mesorregiões.

A gravidade da questão do saneamento é mais intensa no meio rural, impondo, com premência cada vez maior, a necessidade de extensão, a essas áreas, dos serviços de água, lixo e esgoto. As conseqüências do padrão atual de uso da terra sobre a qualidade das águas tendem a ser agravadas por condições inadequadas de esgotamento doméstico, com riscos crescentes para as condições de saúde da população. Quando se considera o indicador de esgotamento sanitário no meio rural (16,0%), a mesorregião Centro-Oriental ocupa posição comparativamente mais favorável, acima da média estadual, embora essa seja considerada extremamente baixa (13,6%). Isto significa que mais de 80% dos domicílios rurais contam com sistemas de esgotamento sanitário extremamente precários, como fossa rudimentar, ou despejos em valas, lagos ou rios.

Internamente à mesorregião, observa-se que em alguns municípios a proporção de domicílios urbanos ligados à rede de esgoto encontra-se bem acima da média do Estado. Ponta Grossa pode ser destacado por apresentar esse indicador muito acima da média (85,9%). No outro extremo encontram-se Ventania, Imbaú e Arapoti, municípios para os quais esse serviço é praticamente inexistente.

Na área rural, a disponibilidade de esgotamento se apresenta em níveis superiores à média estadual em 8 dos 14 municípios da região. Telêmaco Borba se distingue pelo elevado índice de cobertura, que acompanha de perto o índice de abastecimento de água por rede. Em condições opostas, e reproduzindo o comportamento constatado nas áreas urbanas, em Imbaú, Arapoti, Ortigueira e Ventania esse serviço é praticamente inexistente.

O saneamento público se completa com a coleta de lixo, responsável pela redução dos níveis de poluição urbana e rural. É bastante homogênea a distribuição desse serviço nas áreas urbanas das mesorregiões;

poucas têm mais de 6% da população sem a disponibilidade da coleta. A mesorregião Centro-Oriental supera esse patamar, com apenas 3,6% dos domicílios das áreas urbanas não dispondo deste serviço. A disparidade maior encontra-se nas áreas rurais, onde a oferta é bem mais restrita; na mesorregião, 86,8% dos domicílios rurais não usufruem do serviço.

A coleta do lixo em áreas urbanas nos municípios é um dos serviços mais abrangentes, embora na grande maioria se apresente aquém do nível médio estadual (97,1%). Dos 14 municípios, metade realiza o serviço nesse patamar e entre os demais o menor índice de cobertura urbana domiciliar verifica-se em Sengés, onde mais de 20% dos domicílios urbanos não são atendidos.

Na área rural, destaca-se Telêmaco Borba, cuja proporção dos domicílios que têm lixo coletado encontra-se bastante acima da média regional e entre as maiores do Estado, tal como nos demais serviços. Em outros cinco, esse atendimento atinge parcela de domicílios ainda num patamar acima da média estadual. O serviço é praticamente inexistente em Jaguariaíva, Piraí do Sul e Sengés.

Em resumo, tem-se que, nas áreas urbanas da mesorregião, a disponibilidade de serviços básicos – oferta de água e coleta de lixo –, que contribuem para melhorar a qualidade de vida da população, tende a estar próxima da universalização. A disparidade está na enorme distância entre os níveis de abastecimento da população com água e a remoção do esgoto, quadro que está presente tanto nos municípios grandes quanto nos pequenos.

No que tange à oferta dos serviços no meio rural, por outro lado, os níveis de atendimento encontram-se, de modo geral, em patamares baixos, evidenciando um quadro bem mais precário das condições de infra-estrutura básica de saneamento nessas áreas.

Ressalta-se que, ao lado da universalização, o desafio é assegurar a qualidade da água, cada vez mais comprometida por usos inadequados das áreas de mananciais, demandando avanços, principalmente, no monitoramento e controle da ocupação e uso do solo urbano e rural e dos sistemas de coleta e tratamento do esgoto e do lixo.



Mercado de Trabalho

As possibilidades de inserção no processo produtivo são indiscutivelmente o fator de maior influência na qualidade de vida da população. Na estrutura do mercado de trabalho estão expressas não só essas possibilidades, como as indicações da dinâmica produtiva que impulsiona a economia dos municípios.

Nessa perspectiva, a análise será apresentada em dois níveis. O primeiro abarca a totalidade do mercado de trabalho, compreendendo o conjunto de pessoas inseridas em ocupações formais/informais ou desempregadas, ou seja, a população economicamente ativa (PEA). Nesse nível, utilizam-se indicadores de inserção no mercado de trabalho (taxa de atividade), de desocupação (taxa de desemprego) e de distribuição setorial das ocupações. Esses indicadores foram construídos a partir de dados do Censo Demográfico do ano 2000, o qual permite a obtenção de informação em nível municipal/regional.

O segundo momento da análise refere-se apenas ao emprego formal, destacando-se sua evolução no período recente (1996-2001) e seu perfil setorial. Neste caso, a fonte de informações é a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Embora este tipo de ocupação não reflita a amplitude do mercado de trabalho, particularmente nos municípios de pequeno porte, sua dinâmica é um bom indicador da economia regional, permitindo identificar aqueles municípios onde as oportunidades de ocupação tendem a ser maiores e diversificadas, reforçando a atratividade de determinadas localidades.

3.1 INDICADORES GERAIS

A população economicamente ativa (PEA) na mesorregião Centro-Oriental, em 2000, era composta por 265 mil pessoas. De cada 100 pessoas de 10 anos ou mais de idade, aproximadamente 54 estavam inseridas no mercado de trabalho regional, o que faz com que a Centro-Oriental apresente, entre as mesorregiões paranaenses, a menor taxa de atividade¹² (tabela 3.1). Esse contingente representava 6% da PEA paranaenses.

TABELA 3.1 - POPULAÇÃO EM IDADE E ECONOMICAMENTE ATIVA, OCUPADA, TAXAS DE ATIVIDADE E DE DESEMPREGO E DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DOS OCUPADOS, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

MESORREGIÃO	POPULAÇÃO	POPULAÇÃO	OCUPADOS	TAXA DE ATIVIDADE (%)	TAXA DE DESEMPREGO (%)	DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS (%)			
	EM IDADE ATIVA	ECONOMICAMENTE ATIVA				Agropecuária	Indústria	Comércio	Serviços
Noroeste	527.781	314.754	281.098	59,6	10,7	30,9	21,3	14,8	32,4
Centro-Ocidental	282.082	157.883	136.180	56,0	13,7	33,0	15,4	16,4	34,7
Norte Central	1.513.231	922.872	808.455	61,0	12,4	16,3	24,5	18,3	40,0
Norte Pioneiro	447.958	257.485	226.805	57,5	11,9	36,6	17,3	13,2	32,6
Centro-Oriental	494.393	264.945	227.658	53,6	14,1	18,9	24,9	16,1	37,7
Oeste	915.922	567.557	494.716	62,0	12,8	20,8	18,8	19,9	38,6
Sudoeste	381.378	243.085	222.635	63,7	8,4	42,1	17,3	13,1	26,9
Centro-Sul	410.917	237.758	210.358	57,9	11,5	38,6	19,3	12,7	28,6
Sudeste	299.730	176.666	160.854	58,9	9,0	47,1	19,1	9,9	23,0
Metropolitana de Curitiba	2.480.048	1.508.845	1.286.980	60,8	14,7	5,5	25,5	19,0	48,0
PARANÁ	7.753.440	4.651.832	4.055.739	60,0	12,8	20,1	22,3	17,1	39,1

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES

A mesorregião apresentava, em 2000, a segunda maior taxa de desemprego (14,1%) entre as dez mesorregiões do Estado, superada apenas pela mesorregião Metropolitana de Curitiba. Na Centro-Oriental, aproximadamente 37 mil pessoas participavam da PEA na condição de desempregadas.¹³ Em quatro municípios (Arapoti, Castro, Ponta Grossa e Telêmaco Borba), a taxa de desemprego era igual ou superior a 15% (tabela A.3.1). Esses quatro municípios, juntamente com Jaguariaíva e Palmeira, possuíam os maiores contingentes de desempregados da região (acima de 1,5 mil pessoas), ressaltando-se Ponta Grossa, que concentrava 48% do total de desempregados.

¹²A taxa de atividade indica o percentual da população de 10 anos e mais de idade inserida no mercado de trabalho (ocupados ou desempregados) em relação ao total de pessoas desse grupo etário.

¹³O número de desempregados é obtido, nas tabelas 3.1 e A.3.1, pela diferença entre a população economicamente ativa e os ocupados.

A Centro-Oriental destaca-se, também, como a mesorregião com menor número de ocupados em atividade agropecuária ou de exploração florestal (43 mil pessoas). Trata-se de uma das mesorregiões onde este tipo de atividade possui menor peso (18,9%) no total da ocupação (gráfico 3.1).



Os três segmentos da indústria – extrativa, de transformação e construção civil – representam 25,0% dos ocupados, sendo 15,6 pontos percentuais devidos à indústria de transformação (aproximadamente 36 mil pessoas). A participação da construção civil (8,5%) era a segunda mais elevada entre as mesorregiões paranaenses (tabela A.3.2).

O setor serviços participa com 37,7% do total da ocupação (ver tabela 3.1), destacando-se os serviços de saúde, educação e outros serviços sociais (11,3%), domésticos (7,9%) e transporte, armazenagem e comunicação (5,5%).

Apenas quatro municípios (Ortigueira, Reserva, Imbaú e Tibagi) apresentam dependência elevada (acima de 40%) das atividades agropecuárias na ocupação da mão-de-obra (mapa 3.1). Três outros municípios

têm participação importante da agropecuária (entre 30% e 39%), diferenciando-se por contar, também, com parcela relevante da mão-de-obra ocupada em atividades do setor serviços (Palmeira e Piraí do Sul) ou com uma distribuição setorial equilibrada (Ventania) - ver tabela A.3.1.

Nessa última condição, que expressa a participação da agropecuária, serviços e indústria, aparecem também os municípios de Arapoti, Castro e Carambeí. Na região, o município de Castro apresenta o maior número de pessoas envolvidas na agropecuária (6,4 mil pessoas), embora esta atividade represente apenas 27,6% da ocupação total do município.

Ponta Grossa é o município onde o setor de serviços tem maior participação na ocupação (45,1%), fato associado ao seu porte e à sua condição de pólo regional. Apresenta também o maior número de ocupados na indústria de transformação (16,4 mil pessoas, 46% do total regional).

Jaguariaíva, Sengés e Telêmaco Borba são municípios nos quais a indústria apresenta as maiores participações no total da ocupação municipal (acima de 30%), a par da participação importante do setor serviços. Considerando-se apenas a indústria de transformação, estes três municípios, junto com Castro, concentram 33% da ocupação na indústria da mesorregião, com contingentes que variam entre 2 mil e 5 mil pessoas.

3.2 EMPREGO FORMAL: PERFIL E EVOLUÇÃO RECENTE

A mesorregião Centro-Oriental apresentou, no período 1996-2001, incremento de 15,1 mil postos de trabalho, variação de 18,2% no nível de emprego formal, posicionando-se entre as regiões com desempenho inferior à média estadual (tabela 3.2). Em 2001, a Centro-Oriental contava com quase 98 mil postos de trabalho formal, participando com 5,7% desse tipo de ocupação no Estado. Trata-se do quarto maior contingente de emprego formal, entre as dez mesorregiões, que faz com que a Centro-Oriental apresente uma das mais altas taxas de formalização da ocupação, juntamente com as mesorregiões Norte Central e Metropolitana de Curitiba.

TABELA 3.2 - EMPREGO FORMAL SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1996/2001

	EMPREGADOS									
MESORREGIÃO	1996	2004	Variaçã	ăo	Distribuição (%)					
		2001	Abs.	%	1996	2001				
Noroeste	64.182	82.907	18.725	29,2	4,5	4,8				
Centro-Ocidental	34.819	39.648	4.829	13,9	2,4	2,3				
Norte Central	267.895	331.493	63.598	23,7	18,7	19,3				
Norte Pioneiro	57.113	65.029	7.916	13,9	4,0	3,8				
Centro-Oriental	82.769	97.868	15.099	18,2	5,8	5,7				
Oeste	126.612	166.049	39.437	31,1	8,8	9,6				
Sudoeste ⁽¹⁾	42.144	52.543	10.399	24,7	2,9	3,1				
Centro-Sul	44.577	56.147	11.570	26,0	3,1	3,3				
Sudeste	30.532	40.969	10.437	34,2	2,1	2,4				
Metropolitana de Curitiba	683.447	789.003	105.556	15,4	47,7	45,8				
PARANÁ	1.434.090	1.721.656	287.566	20,1	100,0	100,0				

FONTE: MTE-RAIS

Em termos setoriais, o incremento recente do emprego formal concentrou-se no comércio varejista (4,2 mil postos), nos serviços de transporte e comunicação (2,4 mil postos), de alojamento e alimentação (2,1 mil postos), de medicina, odontologia e veterinária (1,5 mil postos), da administração pública (1,4 mil postos), e na indústria da madeira e mobiliário (3,2 mil postos) – tabela 3.3.

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Por inconsistência com dados populacionais e série Rais, foram excluídos 10.973 postos de trabalho de Nova Prata do Iguaçu, em 1996. classificados no subsetor instituicões financeiras.

TABELA 3.3 - EMPREGO FORMAL SEGUNDO SUBSETORES DE ATIVIDADE - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1996/2001

	EMPREGADOS								
SUBSETOR DE ATIVIDADE	1996	2001	Variação		Distribuição (%)		Participação Percentual		
			Abs.	%	1996	2001	no Total Estadual Setorial de 2001		
Extrativa mineral	785	708	-77	-9,8	0,9	0,7	15,2		
Minerais não-metálicos	455	742	287	63,1	0,5	0,8	4,1		
Indústria metalúrgica	1.378	1.498	120	8,7	1,7	1,5	6,4		
Indústria mecânica	1.041	1.087	46	4,4	1,3	1,1	5,2		
Material elétrico e de comunicação	19	303	284	1.494,7	0,0	0,3	2,8		
Material de transporte	345	293	-52	-15,1	0,4	0,3	1,4		
Madeira e mobiliário	6.430	9.628	3.198	49,7	7,8	9,8	13,9		
Papel e gráfica	5.135	4.630	-505	-9,8	6,2	4,7	17,3		
Borracha, fumo e couro	168	276	108	64,3	0,2	0,3	2,1		
Indústria química	609	921	312	51,2	0,7	0,9	3,2		
Indústria têxtil	2.012	1.286	-726	-36,1	2,4	1,3	2,5		
Indústria de calçados	2	9	7	350,0	0,0	0,0	0,6		
Alimentos e bebidas	5.549	5.290	-259	-4,7	6,7	5,4	6,0		
Serviços de utilidade pública	199	282	83	41,7	0,2	0,3	1,7		
Construção civil	4.257	3.297	-960	-22,6	5,1	3,4	5,2		
Comércio varejista	11.163	15.375	4.212	37,7	13,5	15,7	5,9		
Comércio atacadista	1.219	2.433	1.214	99,6	1,5	2,5	5,0		
Instituições financeiras	803	1.099	296	36,9	1,0	1,1	3,4		
Administrativo, técnico e profissional	5.149	5.190	41	0,8	6,2	5,3	3,8		
Transporte e comunicação	4.809	7.181	2.372	49,3	5,8	7,3	7,9		
Alojamento e alimentação	5.923	8.031	2.108	35,6	7,2	8,2	4,7		
Medicina, odontologia e veterinária	1.838	3.313	1.475	80,3	2,2	3,4	6,1		
Ensino	3.199	3.595	396	12,4	3,9	3,7	5,6		
Administração pública	11.071	12.448	1.377	12,4	13,4	12,7	3,8		
Agricultura	9.035	8.953	-82	-0,9	10,9	9,1	10,6		
Outros/ignorado	176	0	-176	-100,0	0,2	0,0	0,0		
MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL	82.769	97.868	15.099	18,2	100,0	100,0	5,7		

FONTE: MTE-RAIS

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

A indústria de transformação engloba os setores de atividade: minerais não-metálicos; indústria metalúrgica; indústria mecânica; material elétrico e de comunicação; material de transporte; madeira e mobiliário; papel e gráfica; borracha, fumo e couro; indústria química; indústria têxtil; indústria de calçados; e alimentos e bebidas.

Esses setores responderam por 98% dos 15,1 mil novos postos de trabalho verificados na Centro-Oriental, no período 1996-2001. Por outro lado, as indústrias de papel e gráfica, têxtil e construção civil apresentaram redução no número de empregos, que variam entre 500 a 1.000 postos de trabalho.

A indústria de transformação possuía cerca de 26 mil empregos, e contribuiu, em 2001, com cerca de 27% do emprego formal regional. Esse contingente encontra-se relativamente distribuído entre os vários subsetores da indústria, com destaque para alguns que contam com mais de mil postos de trabalho: metalúrgica, mecânica, madeira e mobiliário, papel e gráfica, têxtil e alimentos e bebidas. A mesorregião Centro-Oriental tem participação mais expressiva, no total do Estado, dos subsetores madeira e mobiliário (13,9%) e papel e gráfica (17,3%). É significativa, também, sua participação no emprego formal da indústria extrativa e da agricultura, representando 15,2% e 10,6% do total estadual.

O aumento do emprego formal, verificado no período 1996/2001, concentrou-se nos municípios menores (tabelas 3.4 e A.3.3). Porém, este desempenho está relacionado basicamente ao município de Carambeí, recém-desmembrado de Castro. Este sofreu redução superior a 3 mil postos de trabalho. Considerados em conjunto, os dois municípios tiveram aumento de 2 mil postos de trabalho, provavelmente a maioria em Carambeí, o que corresponde ao segundo maior incremento absoluto do emprego formal na região, após Ponta Grossa, que apresentou incremento de 5,7 mil novos postos de trabalho.

TABELA 3.4 - EMPREGO FORMAL SEGUNDO CLASSES DE MUNICÍPIO - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 1996/2001

	EMPREGADOS							
CLASSE DE MUNICÍPIO	1996	2001	Varia	ação	Distribuição (%)			
	1990	2001	Abs.	%	1996	2001		
Menos de 20 mil habitantes	4.416	12.726	8.310	188,2	5,3	13,0		
De 20 mil a menos de 50 mil habitantes	12.484	17.637	5.153	41,3	15,1	18,0		
50 mil e mais habitantes	65.869	67.505	1.636	2,5	79,6	69,0		
MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL	82.769	97.868	15.099	18,2	100,0	100,0		

FONTES: MTE-RAIS, IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Assim, o que se observa é que, entre os municípios maiores (mais de 50 mil habitantes), apenas Ponta Grossa apresentou crescimento efetivo e relevante do emprego formal. Entre os municípios com 20 mil a 50 mil habitantes, destacam-se Jaguariaíva e Ortigueira, que apresentaram aumento superior a mil postos de trabalho. Carambeí sobressai entre os municípios com menor população, beneficiando-se, provavelmente, de sua proximidade com Ponta Grossa, além do dinamismo de sua própria base agroindustrial.

Algo que diferencia esta mesorregião é o fato de apenas um município (Imbaú), entre os 14 que a compõem, apresentar, em 2001, menos de mil postos de trabalho formal. Em dez municípios este estoque supera 2 mil postos, atingindo 10,2 mil em Telêmaco Borba e 48,2 mil em Ponta Grossa.

Em termos da evolução setorial, o crescimento do emprego na indústria de transformação foi mais expressivo apenas em Jaguariaíva, Sengés, Ventania e Carambeí; para este último município, entretanto, há que se lembrar que parte do emprego já existia em 1996, mas aparecia registrado como estoque do município de origem (Castro), não sendo possível diferenciar qual parcela é, de fato, incremento recente. A mesma observação vale para o incremento, em Carambeí, do emprego formal agrícola.

Para os demais municípios, a maior parte do incremento do emprego deve-se ao comércio e aos serviços, em particular aqueles associados à produção (financeiros, técnicos e profissionais, transporte e comunicação, e alojamento e alimentação).

Em termos da estrutura setorial municipal, em 2001, a agricultura representava mais de 15% do emprego formal, participação superior à verificada para toda a mesorregião (9,1%), em 7 municípios.

Em apenas 4 municípios (Imbaú, Ortigueira, Reserva e Tibagi) a participação da administração pública supera ou é próxima a 30%, refletindo a baixa formalização das atividades privadas nesses municípios.

Em relação à indústria, cabe citar a distribuição municipal do emprego nos subsetores mais importantes. A principal indústria regional quanto ao emprego formal, madeira e mobiliário, com 9,6 mil postos de trabalho na região, registrou mais de 100 empregos em 11 dos 14 municípios da região, com os maiores estoques localizados em Ponta Grossa, Sengés e Telêmaco Borba (tabelas 3.5 e A.3.4).

TABELA 3.5 - NÚMERO DE EMPREGOS SEGUNDO MUNICÍPIOS COM MAIS DE 100 POSTOS DE TRABALHO EM SUBSETORES SELECIONADOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2001

MUNICÍPIO	METALÚRGICA	MECÂNICA	MADEIRA E MOBILIÁRIO	PAPEL E GRÁFICA	TÊXTIL	ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS
Arapoti	-	-	-	494	-	-
Carambeí	-	-	174	-	-	2.331
Castro	-	-	891	112	-	403
Imbaú	-	-	105	-	-	-
Jaguariaíva	-	-	971	460	-	-
Ortigueira	-	-	-	-	-	-
Palmeira	-	-	163	300	-	176
Piraí do Sul	-	-	127	428	-	-
Ponta Grossa	1.379	897	3.673	450	1.199	2.196
Reserva	-	-	166	-	-	-
Sengés	-	-	1.374	448	-	-
Telêmaco Borba	-	-	1.020	1.827	-	-
Tibagi	-	-	-	-	-	-
Ventania	-	-	859	-	-	-

FONTE: MTE-RAIS

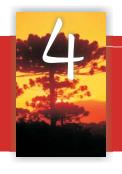
NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

A indústria de alimentação e bebidas, com 5,3 mil postos de trabalho na região, aparece em 4 municípios gerando 100 ou mais postos de trabalho formal, concentrando-se, porém, em Carambeí e Ponta Grossa. Outra atividade importante e relativamente difusa é papel e gráfica, na qual sobressai o município de Telêmaco Borba.

Sintetizando as informações apresentadas, pode-se destacar alguns elementos que particularizam a estrutura e a dinâmica recente do mercado de trabalho da mesorregião Centro-Oriental. Trata-se de uma das mesorregiões do Estado com menor participação da agropecuária no total das ocupações, apresentando o menor número de pessoas envolvidas com este tipo de atividade. Por outro lado, possui uma importante base industrial assentada em recursos agropecuários e florestais, aparecendo como a terceira mesorregião do Estado com maior participação da indústria no total da ocupação, ressaltando-se os segmentos madeira e mobiliário, alimentação e bebidas e papel e gráfica.

A evolução recente do emprego formal confirma Ponta Grossa e Carambeí como o eixo mais dinâmico na mesorregião, absorvendo parcela expressiva dos novos postos de trabalho. Destaca-se também o crescimento verificado em Sengés, Ventania e Jaguariaíva, em decorrência principalmente da indústria de madeira. Ao mesmo tempo, evidencia-se uma situação não tão favorável, do ponto de vista da demanda por trabalho, em dois importantes municípios da mesorregião: Castro e Telêmaco Borba.

Chama atenção, ainda, o fato de ser uma das regiões com maior taxa de desemprego, em um contexto em que a expansão do emprego formal ficou abaixo da média estadual. Apesar disso, a região possui um dos maiores estoques de emprego formal, o que lhe garante, também, um nível comparativamente maior de formalização da ocupação.



Dimensão Econômica

4.1 AGROPECUÁRIA REGIONAL

1.1 1 Características da Estrutura Produtiva

A mesorregião Centro-Oriental, junto com a Metropolitana de Curitiba, Sudeste e Centro-Sul, forma o chamado Paraná Tradicional, onde se iniciou a ocupação do Estado. Nesse processo, as principais atividades que fixaram população foram os denominados ciclos econômicos do tropeirismo, erva-mate e madeira, fundados numa estrutura de grandes latifúndios e complementados por um setor de produção de subsistência, em pequenas áreas. Essas atividades, de caráter extrativo, e mesmo a pecuária, deixaram suas marcas na agropecuária regional, até muito recentemente. Desse modo, até 1960 não havia se constituído nessas regiões um setor agrícola mais diversificado ou desenvolvido (FLEISCHFRESSER, 1984). As exceções, nesse quadro, são as colônias de imigrantes europeus de Castrolândia, Witmarsum e Carambeí.

A indústria de papel e papelão que se instalou na região nas primeiras décadas dos novecentos e que se desenvolveu, primeiramente com as florestas e matas naturais, e atualmente com os reflorestamentos de pinus, determina como uso principal das áreas agrícolas as matas e florestas. Na década de 70, o processo de modernização da agricultura possibilitou aos produtores da região, principalmente os pertencentes às colônias e organizados em cooperativas, assim como os grandes proprietários, alavancar uma produção moderna, intensiva em tecnologia, superando os entraves naturais de baixa fertilidade e solos pouco profundos. A região se transformou em uma das maiores bacias leiteiras do Estado e importante produtora de derivados de leite, soja, combinada com o trigo, e também do milho, importante componente da alimentação dos rebanhos leiteiros. Além disso, a condição de entroncamento rodoferroviário de Ponta Grossa e sua proximidade com o porto de Paranaguá foram importantes fatores locacionais para agroindústrias, particularmente de esmagamento de soja.

Uma herança do processo de ocupação está no nível de concentração da posse da terra, medido pelo índice de Gini. A mesorregião Centro-Oriental, juntamente com a Centro-Sul, possuem o maior índice de concentração do Estado, a saber, 0,796 (tabela 4.1).

TABELA 4.1 - ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DE TERRAS, SEGUNDO AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1995

MESORREGIÃO	ÍNDICE DE GINI ⁽¹⁾
Noroeste	0,781
Centro-Ocidental	0,733
Norte Central	0,731
Norte Pioneiro	0,743
Centro-Oriental	0,796
Oeste	0,676
Sudoeste	0,582
Centro-Sul	0,796
Sudeste	0,686
Metropolitana de Curitiba	0,771
PARANÁ	0,752

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário

14Para fins de classificação socioeconômica considera-se que os estabelecimentos com até 50 hectares, pela predominância do trabalho familiar, constituem a categoria de agricultores familiares. Os estabelecimentos com área superior a 100 hectares, devido à predominância de trabalho contratado, foram classificados como agricultores empresariais. O estrato de 50 a 100 hectares, pelo critério das relações de produção predominantes, enquadra-se na categoria de agricultores familiares. Contudo, pelas suas características produtivas, aproxima-se dos empresários, constituindo, por isso, um estrato de transição; porém, no presente trabalho, está sendo agrupado na categoria de agricultores familiares. Nesta região, esse grau de concentração apresenta uma característica única, identificada quando se examina a distribuição do número de estabelecimentos e da área, segundo estratos de área. Segundo informações do Censo Agropecuário mais recente (1995), mais de 57% da área da mesorregião pertencia a poucos estabelecimentos com mais de 500 hectares de área total, enquanto no Estado os estabelecimentos deste mesmo estrato detinham 31,4% da área total. Isso se reflete principalmente na reduzida proporção de área pertencente aos agricultores em regime de economia familiar. Na região essa proporção era de 17,9% da área total dos estabelecimentos, enquanto no Paraná a proporção era de 38,8%. Além disso, com uma participação de 12% na área dos estabelecimentos do Estado, a região representava apenas 5,9% do número de estabelecimentos (tabela 4.2).

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

⁽¹⁾ O Índice de Gini, calculado a partir do Censo Agropecuário 1995/1996, inclui proprietários e não-proprietários. Considera-se que entre 0,5 e 0,7 a concentração é forte e entre 0,7 e 0,9 é muito forte.

TABELA 4.2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA, SEGUNDO ESTRATOS DE ÁREA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

		DISTRIBUIÇÃO (%)							
ESTRATO DE ÁREA (ha)	Mesorregião Centr	ro-Oriental	Paraná						
	Estabelecimento	Área ⁽¹⁾	Estabelecimento	Área ⁽¹⁾					
0 - 10	43,5	2,2	41,8	5,0					
10 - 20	17,6	3,0	23,2	7,7					
20 - 50	18,1	6,4	20,9	15,0					
50 - 100	7,8	6,3	6,8	11,1					
100 - 200	5,2	8,3	3,6	11,8					
200 - 500	4,7	16,6	2,5	17,9					
500 e mais	3,1	57,2	1,1	31,4					
TOTAL (Abs.)	21.802	1.926.462	369.875	15.946.632					

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Outra particularidade é que a área dos estabelecimentos da região, entre 1985 e 1995, apresentou um pequeno acréscimo (0,62%), diferentemente de todas as demais mesorregiões do Estado. Quanto ao número de estabelecimentos, a região apresentou comportamento semelhante ao verificado nas outras mesorregiões, com redução de 16% em relação a 1985, porém inferior à redução média do Estado de 20,7%.

Também houve redução no número de ocupados. Em 1995, a mesorregião Centro-Oriental ocupava 75.998 pessoas, 24,4% menos do que em 1985. Em termos percentuais, a maior redução ocorreu na categoria de empregados temporários, 57,8%, e a menor nos empregados permanentes, com 17,1%, comportamento semelhante ao verificado para o Estado (tabela 4.3).

TABELA 4.3 - PESSOAL OCUPADO NA AGROPECUÁRIA, SEGUNDO A CATEGORIA DE OCUPAÇÃO - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1985 E 1995

FARANA - 1900 E 198	90						
CATEGORIA DE OCUPAÇÃO	MESORRE	GIÃO CENTRO-O	RIENTAL	PARANÁ			
CATEGORIA DE OCUPAÇÃO	1985	1995	Variação	1985	1995	Variação	
Familiares	71.218	57.269	-19,6	1.374.983	983.329	-28,5	
Empregados Permanentes	13.857	11.488	-17,1	167.798	143.124	-14,7	
Empregados Temporários	13.150	5.550	-57,8	254.404	118.699	-53,3	
Outros	2.327	1.691	-27,3	57.878	42.480	-26,6	
TOTAL	100.552	75.998	-24,4	1.855.063	1.287.632	-30,6	

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

⁽¹⁾ Inclusive terras inaproveitáveis.

Considerando o pessoal ocupado segundo o tamanho dos estabelecimentos, tem-se a seguinte distribuição: os estabelecimentos com até 100 hectares de área total ocupavam 57.867 pessoas, ou 76,1% do total; nos estabelecimentos de 100 a 200 hectares de área total eram ocupadas 11.035 pessoas, ou 14,5% do total; e nos estabelecimentos com mais de 500 hectares eram ocupadas 7.096 pessoas, ou 9,3% do total. No Estado essas proporções eram, respectivamente, 84,3%, 10,9% e 4,8%. É importante comparar essas proporções de pessoal ocupado segundo os estratos de área e as proporções da área total que cada um dos estratos detém (ver tabela 4.2). Em 17,9% da área total, os estabelecimentos com até 100 hectares ocupavam 76,1% das pessoas; no outro extremo, os estabelecimentos com mais de 500 hectares, que dispõem de 57,2% da área total, ocupavam apenas 9,3% das pessoas. Distribuindo os ocupados segundo a categoria de trabalhador, em 1995, na região, 75,4% do total era classificado como membros da família, 15,1% como empregados permanentes, 7,3% como empregados temporários e 2,2% como 'outros'. Na média estadual essas proporções eram 76,4%, 11,1%, 9,2% e 3,3%, respectivamente (tabela A.4.1).

Em relação à posse das terras, considerando as categorias que o Censo Agropecuário levanta, pode-se notar que as proporções da região e a média estadual são bem próximas em se tratando da condição de terras próprias. Nas categorias que correspondem aos não-proprietários vêem-se diferenças apreciáveis nas condições de 'parceria' e 'ocupadas' (tabelas 4.4, A.4.2 e A.4.3).

TABELA 4.4 - NÚMERO E DISTRIBUIÇÃO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA NA AGROPECUÁRIA, SEGUNDO A CONDIÇÃO DE POSSE E ESTRATOS DE ÁREA-MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

	TO	TAL (¹)			C	ONDIÇÃO DE	POSSE (%)			
REGIÃO	TOTAL (¹)		Próp	orias	Arren	dadas	Paro	ceria	Ocupa	adas
	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)	Estab.	Área (ha)
Mesorregião Centro-Oriental	21.802	1 926 462	77,0	90,9	6,4	5,5	2,2	0,8	14,4	2,9
PARANÁ	369.875	15.946.632	76,3	89,5	7,3	5,0	7,6	2,5	8,8	2,9

FONTE: IBGE – Censo Agropecuário

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

(1) Inclusive os estabelecimentos que declararam mais de um tipo

A utilização das terras da mesorregião Centro-Oriental mostra, outra vez, os vínculos da agropecuária atual com o processo histórico de ocupação e com as condições naturais da região. Em ordem de importância, as áreas dos estabelecimentos agropecuários da região eram ocupadas com matas e florestas (34,2%), pastagens (34%) e lavouras (23%) - tabela 4.5.

TABELA 4.5 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

ITEM	CENTRO-OR	RIENTAL	PARANÁ		
ITEM	ha	%	ha	%	
Lavouras	443.968	23,0	5.490.781	34,4	
Permanentes	5.340	0,3	311.374	2,0	
Temporárias	389.301	20,2	4.789.135	30,0	
Temporárias em descanso	49.327	2,6	390.272	2,4	
Pastagens	654.313	34,0	6.677.312	41,9	
Naturais	266.793	13,8	1.377.484	8,6	
Plantadas	387.520	20,1	5.299.828	33,2	
Matas e florestas	658.890	34,2	2.797.713	17,5	
Naturais	380.084	19,7	2.081.587	13,1	
Plantadas	278.806	14,5	713.126	4,5	
Terras produtivas não utilizadas	31.745	1,6	258.872	1,6	
Terras inaproveitáveis	137.546	7,2	729.954	4,5	
TOTAL	1.926.462	100,0	15.946.632	100,0	

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

O ciclo da madeira e, posteriormente, a indústria de papel e papelão, que veio explorar as disponibilidades naturais, são hoje os principais responsáveis pela grande proporção de área destinada à produção de matéria-prima dessa indústria. Mas, as restrições naturais de fertilidade, profundidade dos solos, relevo ondulado, que dificultam a expansão de lavouras, igualmente contribuem para a utilização das terras com matas e florestas em proporção elevada, praticamente o dobro da média estadual.

Raciocínio semelhante pode ser feito quanto à utilização das terras com pastagens. O tropeirismo introduziu a atividade de criação de bovinos na região e as condições naturais a mantêm restrita às áreas de menor aptidão.

A pecuária mais importante da região é a leiteira, em geral confinada, parcial ou total, e dependente da produção de forragens e outras lavouras cuja produção é utilizada em rações animais.

Com relação às lavouras, a mesorregião Centro-Oriental provavelmente é o melhor exemplo do processo que se convencionou chamar de "modernização conservadora" para expressar a modernização do latifúndio, transformado em empresa agrícola. Da área utilizada na produção de lavouras temporárias, 44,4% estavam em estabelecimentos com mais de 500 hectares de área total. Os estabelecimentos com área total de 100 a 500 hectares respondiam por 29,5% da área de lavouras temporárias, e os estabelecimentos menores de 100 hectares e agricultores em regime de economia familiar detinham somente 26,1% da área de lavouras. No Estado, esse estrato de pequenos estabelecimentos era responsável por 53,9% da área de lavouras temporárias, o dobro da proporção regional (tabela A.4.4).

A forma de utilização das terras na região e a enorme concentração da área de lavouras nos grandes estabelecimentos se expressam na concentração da mecanização (aqui tomada como indicador do moderno padrão tecnológico) nesses mesmos estratos e, em conseqüência, no baixo índice de estabelecimentos que utilizam força mecânica nos trabalhos agropecuários. Na região, em média, apenas 35% dos estabelecimentos usavam tração mecânica, variando de um máximo de 85,3% no estrato de mais de 500 hectares a um mínimo de 26,6% dos estabelecimentos no estrato de até 50 hectares de área total. Para o Estado, a média era de 52,3%, sendo que o valor máximo era de 85,7% no maior estrato, e o valor mínimo de 48,8% dos estabelecimentos, no menor estrato (tabela A.4.5).

Analisando o resultado econômico da produção nos diferentes estratos de área, evidencia-se que o valor bruto da produção por hectare (VBP/ha) obtido na região (R\$ 231,89) era bastante inferior à média estadual (R\$ 348,84). Esse dado expressa a combinação das atividades exploradas com as condições naturais de produção. Comparando as condições sociais de produção através do indicador valor bruto da produção por pessoa ocupada, vê-se que a situação se altera significativamente. Por esse indicador, a região supera a média estadual em 1,7 vezes, em apenas dois estratos. Nos menores, até 20 hectares, o resultado do Estado é superior ao da região; no maior, mais de 500 hectares, o resultado obtido na região registra que o VBP/pessoa ocupada, *proxi* da produtividade do trabalho, é duas vezes o resultado médio do Estado, mostrando o grau de desenvolvimento das forças produtivas nos grandes estabelecimentos da região (tabelas 4.6 e A.4.6).

¹⁵Na região, a área com lavoura permanente representa apenas 1,2% da área total de lavouras.

TABELA 4.6 - VALOR MÉDIO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA, SEGUNDO ESTRATOS DE ÁREA - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 1995

		VALOR	MÉDIO DA PRODUÇ	ÃO (R\$ correntes de	1995)	
ESTRATO DE ÁREA	Centi	ro-Oriental Paranaeı	nse		Paraná	
ESTIVITO DE MILIA	Valor/ informante	Valor/ ha	Valor/pessoa ocupada	Valor/ informante	Valor/ ha	Valor/pessoa ocupada
0 - 10	3.233,20	707,69	1.154,69	4.658,16	882,72	1.615,26
10 - 20	6.935,44	425,87	2.127,55	8.240,04	556,95	2.493,36
20 - 50	13.729,49	298,82	3.991,70	14.109,17	441,84	3.859,59
50 - 100	30.578,82	283,53	8.029,57	27.510,25	379,73	6.541,28
100 - 200	52.531,95	214,20	10.510,34	47.546,79	328,32	8.378,12
200 - 500	96.390,02	179,33	15.814,94	82.785,28	261,39	11.293,51
500 e mais	423.991,85	162,28	36.687,00	278.304,71	215,12	17.520,59
Média geral	26.706,84	231,89	7.447,54	15.492,45	348,84	4.320,24

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

O desempenho econômico dos grandes estabelecimentos acentua, na região, a diferença entre grandes e pequenos. Comparando o VBP/pessoa ocupada do menor com o do maior estrato de área, a diferença na região era superior a 31 vezes. No Estado essa diferença era próxima a 11 vezes.

4.1.2 Produção Agropecuária

Assim como o restante do Estado, a agropecuária da mesorregião Centro-Oriental também vem caminhando em direção a atividades caracterizadas pela produção em escala, *commodities* e matérias-primas industriais, fatores que tendem a garantir mercado e rentabilidade para seus produtores.

O recente desempenho de alguns produtos confirma essa tendência, como o milho, que dobrou a produção no período 1990-2001, saltando de 561 mil para 1,2 milhão de toneladas; a soja, que passou de 291 mil para 718 mil toneladas; e o trigo, outro produto importante neste processo, que quadruplicou sua produção, elevando-se de 73 mil toneladas, em 1990, para quase 300 mil toneladas, em 2001. Na pecuária, os suínos mais que dobraram o rebanho, acompanhando a mesma tendência verificada para a agricultura. Nos demais efetivos, o bovino cresceu 15,8%, e as aves apresentaram estabilidade no decorrer do período (tabela A.4.7).

O expressivo crescimento da produção de soja e trigo representou ganhos de participação no valor da produção agropecuária regional, com a soja aumentando de 13,5% para 24,3%, e o trigo de 5,9% para 8,1%. No caso do milho, apesar de ter aumentado a produção houve queda na participação do VBP, passando de 20,2%, em 1990, para 18,3%, em 2001. Na pecuária, todos os efetivos perderam participação no VBP da mesorregião (tabela A.4.8).

Em 2001, o Centro-Oriental colheu 2,3 milhões de toneladas de grãos, correspondendo a 9,8% da produção estadual. Milho, soja e trigo somados representaram 92% do total de grãos colhidos na região, mesmo padrão observado para o Estado, onde os mesmos produtos responderam por 96% da produção total de grãos. Destes três principais produtos, o trigo teve a participação mais significativa, correspondendo a 14,9% do total colhido no Estado. Outros grãos também tiveram participações importantes, como o feijão, sorgo e cevada, embora os dois últimos possuam produção ainda muito incipiente no Estado (tabela 4.7). Além dos grãos, outros produtos da região têm peso importante na pauta agrícola do Estado, como batata-inglesa e melancia.

TABELA 4.7 - PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPLORADOS NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO PARANAENSE - 2001

PROPUTO		PRODUÇÃO						
PRODUTO	Centro-Oriental	Paraná	Part. (%)					
Grãos (t)		·						
Sorgo	9.952	15.685	63,4					
Cevada	23.825	77.470	30,8					
Feijão	72.374	462.615	15,6					
Trigo	299.815	2.012.771	14,9					
Milho	1.179.055	12.646.564	9,3					
Soja	718.636	8.615.187	8,3					
Outros grãos	91.218	414.369	22,0					
TOTAL de Grãos	2.394.875	24.244.661	9,8					
Outros produtos (t)								
Batata-inglesa	85.340	582.440	14,7					
Tomate	12.800	137.509	9,3					
Outros produtos (mil frutos)								
Melancia	12.212	77.155	14,77					

FONTE: IBGE - Produção Agrícola Municipal NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Em relação à pecuária, a região concentrava 11,4% do rebanho caprinos/ovinos e 11,6% dos suínos, participação muito superior à dos bovinos e aves (tabela 4.8). O leite é o produto de origem animal com maior participação na produção estadual (16,9%) - tabela A.4.9. Em termos de volume produzido, nesta região encontra-se a segunda bacia leiteira do Estado, certamente a mais expressiva em termos de especialidade do rebanho para produção de leite, bem como do porte e diversidade dos investimentos realizados para o seu processamento industrial. Além do leite, a mesorregião respondia por 13,9% do mel de abelha e por 10,3% da lã produzida no Paraná.

TABELA 4.8 - EFETIVO DOS REBANHOS NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO PARANAENSE - 2001

REBANHO	NÚMERO DE	CABEÇAS(1)	PARTICIPAÇÃO DA MESORREGIÃO					
KEDANHU	Centro-Oriental	Paraná	NO TOTAL DO ESTADO (%)					
Bovino	680.523	9.816.547	6,9					
Suino	507.090	4.385.914	11,6					
Eqüino	39.585	470.302	8,4					
Aves ⁽²⁾	7.834.645	152.509.986	5,1					
Caprinos e ovinos	71.339	624.834	11,4					

FONTE: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Quando se considera o *ranking* dos principais produtos da agropecuária estadual por mesorregião, verifica-se que os produtos mais representativos do Centro-Oriental ocupavam posição de destaque, pois a região aparece em segundo lugar na produção de leite e feijão, em terceiro nos suínos, e em quarto na produção de milho e soja (tabela 4.9).

De modo geral, na grande maioria dos municípios a pauta agrícola era pouco diversificada e reproduzia o padrão concentrado da mesorregião, com predominância dos cultivos de milho e soja (mapa 4.1). Para 13 dos 14 municípios esses dois produtos representavam mais de 50% do valor da produção agrícola, destacando-se Carambeí (81,8%), Ventania (80,7%) e Ortigueira (72,3%) - tabela A.4.10. Piraí do Sul, exceção do conjunto, compunha uma pauta diversificada.

⁽¹⁾ Posição em 31/12/2001.

⁽²⁾ Inclui galos, galinhas, frangos, pintos e codornas.

TABELA 4.9 - RANKING DOS PRINCIPAIS PRODUTOS,(1) SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2001

MESORREGIÃO		PRODUÇÃO (mil toneladas) REBANHO (mil cabeças)							PRODUÇÃ	ÃO DE						
MESORREGIAO	Soj	а	Milh	0	Can	ia	Feij	ão	Aves	6	Bovir	108	Suír	nos	LEITE (mi	l litros)
Noroeste	235,0	(8°)	352,3	(9°)	8.890,8	(2°)	12,4	(9°)	10.725,4	(5°)	2.575,2	(1°)	125,5	(10°)	226.719	(5°)
Centro-Ocidental	1.390,7	(3°)	1.031,3	(6°)	1.637,6	(4°)	10,6	(10°)	1.284,9	(9°)	604,9	(8°)	141,6	(9°)	53.870	(10°)
Norte Central	1.584,7	(2°)	2.010,9	(2°)	9.455,5	(1°)	55,0	(3°)	16.693,5	(4°)	1.553,8	(2°)	401,0	(5°)	244.693	(4°)
Norte Pioneiro	630,2	(6°)	671,8	(7°)	7.022,5	(3°)	52,2	(4°)	6.000,7	(8°)	950,3	(5°)	153,5	(8°)	95.050	(7°)
Centro-Oriental	718,6	(4°)	1.179,1	(4°)	1,3	(9°)	72,4	(2°)	7.834,6	(6°)	680,5	(7°)	507,1	(3°)	320.101	(2°)
Oeste	2.398,5	(1°)	2.342,7	(1°)	245,8	(5°)	34,0	(8°)	44.686,4	(1°)	1.227,4	(3°)	1.241,4	(1°)	403.466	(1°)
Sudoeste	639,9	(5°)	1.668,3	(3°)	99,7	(6°)	34,6	(7°)	26.092,2	(3°)	795,6	(6°)	791,6	(2°)	318.087	(3°)
Centro-Sul	681,1	(9°)	1.673,3	(10°)	35,4	(10°)	44,7	(6°)	3.311,0	(10°)	960,0	(4°)	414,9	(4°)	103.311	(6°)
Sudeste	281,5	(7°)	1.125,0	(5°)	7,4	(8°)	101,5	(1°)	2.666,8	(7°)	257,2	(9°)	361,3	(6°)	65.997	(8°)
Metrop. de Curitiba	55,0	(10°)	591,8	(8°)	27,8	(7°)	45,2	(5°)	33.214,3	(2°)	211,6	(10°)	248,0	(7°)	58.333	(9°)
PARANÁ	8.615,2	-	12.646,6	-	27.423,9	-	462,6	-	152.510,0	-	9.816,5	-	4.385,9	-	1.889.627	-

FONTE: IBGE - Produção Agrícola Municipal NOTAS: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Considerando apenas os dados de valor da produção agrícola dos municípios, sem levar em conta a área agrícola explorada nem as características produtivas, sociais e técnicas, constata-se que Castro, Tibagi e Ponta Grossa responderam em conjunto por 56,2% do VBP agrícola da região e que também representaram 5,1% do VBP total do Estado em 2001 (tabela A.4.11).

⁽¹⁾ Foram selecionados os produtos que representaram acima de 90% do VBP do Estado.

4.2 ECONOMIA URBANA

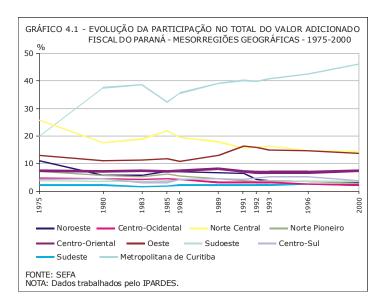
A análise da estrutura produtiva das mesorregiões paranaenses na composição da renda da economia do Estado, realizada com base na participação no total do valor adicionado fiscal (VAF), destaca três das dez unidades regionais com participação superior a 10% no período 1975 a 2000 (tabela A.4.12). No início desse período, a mesorregião Norte Central liderava a composição do VAF do Estado, respondendo por 25,2% de participação, seguida da mesorregião Metropolitana de Curitiba, 19,9%, e da Oeste, 13,0%. Desde então, aquela mesorregião passou a perder posição em razão do crescimento intenso e concentrador da Metropolitana, que chegou, no ano 2000, a compor 45,9% do VAF do Paraná.

Durante esses anos, as mesorregiões Norte Central e Noroeste foram as que mais sofreram com os efeitos dessa dinâmica concentradora, apresentando um comportamento declinante em todo o período. A primeira registrou a perda de mais de 10 pontos percentuais na participação do VAF estadual, passando a apresentar, em 2000, 14,3% do VAF do Estado. Mesmo assim, essa mesorregião destacou-se, nesse ano, como a segunda mesorregião paranaense em agregação de valor (gráfico 4.1).

A mesorregião Centro-Oriental obteve, no período 1975/2000, uma das participações mais equilibradas entre as mesorregiões paranaenses, situando-se entre as quatro primeiras na geração do VAF estadual durante a maior parte do período. Nesses 25 anos, manteve uma média de 7,3%, com variações que não ultrapassaram 1,0%. Em 2000, gerou 7,6% do VAF estadual – dado que pode ser um indicativo da capacidade dos municípios da mesorregião para acompanhar o ritmo e as características do desenvolvimento paranaense.

A análise do VAF aponta também forte concentração da agregação do valor em Ponta Grossa, que foi responsável, em 2000, pela geração de 3,3% do VAF estadual – 44% do valor gerado pela mesorregião. Essa situação se repetiu nos últimos 25 anos, mesmo que o município tenha apresentado queda praticamente contínua nessa variável ao longo do período (tabela A.4.13). Ainda com participação acima de 1% do VAF do Paraná no período, destacou-se somente Telêmaco Borba, que em 2000 registrou 1,1% (mapa 4.2). Valores próximos ou acima de 1,0% do VAF estadual foram observados também em Castro. Contudo, em 2000 obteve

apenas 0,5%, em função da emancipação política de Carambeí, onde se localiza um pólo industrial importante do Estado na área de laticínios. Com destaque mesorregional no VAF, em 2000, vale citar, ainda, o município de Arapoti (0,6%).



É importante ressaltar que dos 14 municípios da região, 7 melhoraram sua participação entre 1975-2000, e aqueles que perderam participação o fizeram em baixos percentuais, à exceção de Castro, por motivo já citado anteriormente. Esse comportamento foi responsável pelo equilíbrio apresentado pela mesorregião no período, compensando as perdas sofridas por Ponta Grossa, mesmo que historicamente tenha apresentado os melhores registros da região no VAF estadual.

A estrutura setorial da economia conserva forte participação da região em atividades do setor Primário, que registrou percentuais ascendentes após 1989, culminando em participação superior a 10% do VAF do Setor no Paraná em 2000. Participação igualmente forte foi registrada no Secundário, enquanto no Terciário apresentou os menores registros em 2000, especialmente no setor Serviços.

4.2.1 Indústria e Agroindústria

O parque industrial produtivo da mesorregião Centro-Oriental era formado por 1.201 unidades fabris em 2002, cujas atividades contribuíram para que a participação da mesorregião do total do valor adicionado fiscal (VAF) da indústria do Estado apresentasse crescimento de 10,1%, em 1995, para 11,2% em 2002 (tabela 4.10).

TABELA 4.10 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DA INDÚSTRIA DO ESTADO, SEGUNDO MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 1995/2002

MESORREGIÃO	PARTICIPAÇÃO NO VAF (%)				
MESURREGIAU	1995	2002			
Noroeste	2,1	2,3			
Centro-Ocidental	0,8	0,8			
Norte Central	12,7	11,1			
Norte Pioneiro	1,6	1,5			
Centro-Oriental	10,1	11,2			
Oeste	4,1	3,6			
Sudoeste	1,7	1,6			
Centro-Sul	2,8	2,1			
Sudeste	2,1	1,9			
Metropolitana de Curitiba	62,1	63,9			
PARANÁ	100	100			

FONTE: SEFA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Excetuando o aglomerado metropolitano de Curitiba, a mesorregião Centro-Oriental foi a mais beneficiada pelo novo ciclo de investimentos ocorrido no Estado na segunda metade da década de 1990. Este fato se deve ao efeito "transbordamento" ou "espraiamento" irradiado pela região de Curitiba, aliado à posição geográfica e de logística que a mesorregião apresenta, com vantagens como a proximidade ao Porto de Paranaguá, ao Aeroporto Internacional de São José dos Pinhais e à capital, por acesso em pista dupla das rodovias BR-376/PR-277, um dos trechos rodoviários de maior movimento do Estado. A região conta, ainda, com importante entroncamento ferroviário. Esses atributos fizeram do Centro-Oriental uma opção para a instalação de empresas como a Tetra Pak (maior produtora de embalagens cartonadas atuando no Brasil), a Cervejaria Kaiser, a chilena Masisa (MDF),

além da entrada de novas empresas na reestruturação patrimonial do pólo papeleiro. Cabe observar que a enorme representação na participação da Tetra Pak no VAF da mesorregião foi responsável pela redução da participação do VAF de todos os outros segmentos industriais.

A mesorregião Centro-Oriental apresenta três eixos industriais distintos. O primeiro, que congrega as papeleiras do eixo Telêmaco Borba-Jaguariaíva-Piraí do Sul-Arapoti-Sengés, tornou-se um dos mais importantes pólos do país nesse segmento industrial. O segundo é conformado pela bacia leiteira do eixo Castro-Arapoti-Carambeí e, embora com baixa participação no VAF mesorregional, está fortemente vinculado à dinâmica agroindustrial da mesorregião. O terceiro é composto pelo grupo agroquímico-moageiro, centrado na cidade de Ponta Grossa, representado pelos segmentos de moagem de soja e produção de fertilizantes.

O complexo madeireiro (desdobramento, placas, celulose, papel, embalagem e mobiliário) é o mais importante da mesorregião, representando 67% do VAF da indústria mesorregional (tabela 4.11). Beneficia-se da presença de grandes áreas de florestas nativas e de reflorestamento presentes na região, com produção anual de 3,5 milhões de m³ de madeiras em tora para papel celulose; 2,4 milhões m³ de madeiras de pinus em tora para serraria; 547,5 mil m³ de madeiras de eucalipto em tora para serraria; 111,4 mil m³ de madeiras de pinheiro em tora para serraria; e 440 toneladas/ano de resinas. Essa base florestal fornece matéria-prima para a madeira serrada/beneficiada, papel, celulose, placas, aglomerados e indústria moveleira (PARANÁ, 2002a).

O pólo papeleiro da mesorregião organiza-se em torno de 13 empresas de celulose, papel e papelão, a maioria com área florestal própria e produzindo todo tipo de papel. Entre elas estão grandes empresas com distinção nacional e internacional, como a Klabin¹⁷ (produzindo celulose branca, celulose não-branca e papel *kraft*), instalada em 1944 no município de Telêmaco Borba, sendo a maior unidade integrada da América Latina, responsável por 30% da produção de celulose e papel do Estado; a Inpacel (celulose, papéis *light weight coated* e semi-*kraft*), criada em 1983, em Arapoti, e adquirida pela Champion (Grupo International Paper do Brasil), na segunda metade da década de noventa; a Pisa Papel de Imprensa, criada em 1981, em Jaguariaíva, adquirida pelo grupo norueguês Norske Skog, única produtora de papel de imprensa do país, com 180 mil toneladas/ano (GARSCHAGEN, 2003); a Iguaçu Celulose (celulose, papel *kraft* e papel seda), instalada em 1975, em Piraí do Sul;

¹⁶O setor de papéis, pela multiplicidade de usos e mercados, divide-se em diversos segmentos: papel de imprensa (newsprint), papéis de imprimir e escrever (offset), embalagens de papel e papelão (kraftliner), papéis para fins sanitários (tissue), cartões e cartolinas e papéis especiais. Os papéis exportados são basicamente do tipo commodities (offset e kraftliner).

¹⁷Visando à utilização de recursos não-madeireiros de suas reservas (Fazenda Monte Alegre, no município de Telêmaco Borba, com 230 milhões hectares de florestas), a Klabin também atua no segmento de produtos fitoterápicos e fitocosméticos (KARAM, 2003).

e a Sengés Papel e Celulose (celulose fibra longa e papel *kraft*), fundada em 1972, em Sengés (SIMPACEL, 2001). O segmento detinha a maior participação do VAF industrial da mesorrregião, porém apresentando decréscimo de 52,1%, em 1995, para 30,3% em 2002. No segmento de embalagens de papel e papelão, com 7 unidades industriais, o destaque é a Tetra Pak, implantada em 1997. Com a implantação dessa unidade, o segmento passou a representar 21% do VAF industrial na mesorregião.

TABELA 4.11 - TOTAL DE ESTABELECIMENTOS E PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DA INDÚSTRIA DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS SEGMENTOS INDUSTRIAIS - PARANÁ - 1995/2002

SEGMENTO	TOTA ESTABELE		PARTICIPAÇÃO NO VAF DA INDÚSTRIA DA MESORREGIÃO (%)			
	1995	2002	1995	2002		
Celulose, Papel e Papelão	17	13	52,1	30,3		
Embalagens de Papel e Papelão	2	7	0,0	21,0		
Óleos e Gorduras Vegetais	5	5	6,4	9,5		
Desdobramento de Madeira	186	191	3,3	7,0		
Lâminas e Chapas de Madeira	31	48	2,1	7,0		
Cerveja, Chope e Malte	0	1	0,0	6,3		
Abate e Processamento de Suínos, Bovinos e Outras Reses	7	6	14,6	3,3		
Fertilizantes e Defensivos	5	6	1,0	2,1		
Moagem de Trigo	2	1	2,1	1,7		
Químicos Diversos	12	22	0,7	1,5		
Mobiliário	49	82	1,6	1,0		
Extração de Argila, Pedra e Areia	24	47	0,1	0,8		
Laticínios	12	10	0,4	0,7		
Biscoitos, Doces e Massas Alimentícias	6	10	0,0	0,7		
Siderurgia, Metalurgia e Usinagem de Metal	12	30	1,1	0,3		
Segmentos Selecionados	370	479	85,4	93,2		
MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL	901	1.201	100,0	100,0		

FONTE: SEFA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Ainda nesse parque industrial, o segmento de desdobramento de madeira conta com 191 madeireiras, destacando-se as empresas Braspine (madeira de pinus, painéis e molduras) e a Wosgrau (madeira serrada de Pinus e Eucalipto, *blocks* e *cutstock*), ambas de Jaguariaíva; e Linea (madeira de pinus e molduras), de Sengés, com participação no VAF industrial da mesorregião tendo crescido de 3,3%, em 1995, para 7,0% em 2002.¹⁸

¹⁸O Paraná é o maior exportador de madeiras do Brasil. Em 2003 o Estado chegou a exportar US\$ 758,4 milhões, equivalentes a 36% do total das exportações brasileiras de madeira (PARANÁ, 2004a).

No segmento de lâminas e chapas de madeira atuam 48 empresas, destacando-se a Masisa do Brasil (com produção anual de 240 mil m³ de MDF e 130 mil toneladas de melanina) e a Pineply Compensados, ambas em Ponta Grossa; a Placas do Paraná, de Jaguariaíva; o Grupo Sudati (Compensados Sudati e a Contenplac), de Ventania; e a Miraluz, de Sengés. A participação do segmento no VAF da mesorregião apresentou significativa elevação de 2,1%, em 1995, para 7,0%, em 2002, e pode continuar em alta, dado o novo investimento de R\$ 5 milhões da empresa Conguasul (grupo Sudati), com capacidade de produção de 8 mil m², no Distrito Industrial Cyro Martins, de Ponta Grossa. O grupo Sudati, com sede no município de Palmas (PR), é o principal exportador brasileiro de compensados (CONGUASUL, 2003).

Ainda no setor madeireiro está presente na mesorregião o segmento de esquadrias e outros artefatos de madeira, com 76 firmas (tabela A.4.14), ancorado nas empresas Andrade Latorre (palito e caixa de fósforo), em Castro; Cascol (cabo ferramenta), em Telêmaco Borba; e a unidade das partes de madeira da Swedish Match (palito e caixa de fósforo para a unidade de Curitiba), em Piraí do Sul. Registra-se ainda, no município de Carambeí, a iniciativa do grupo Rickli, com investimentos de R\$ 10 milhões, para produzir portas de madeira, abastecido por estrutura própria composta de área de reflorestamento de pinus, serraria e termelétrica de 5 megawats (CARAMBEÍ, 2004).

O segmento do mobiliário, com 82 indústrias, teve a participação no VAF industrial da mesorregião com declínio de 1,6%, em 1995, para 1,0%, em 2002. Nele distinguem-se as empresas de móveis de metal Águia Sistemas de Armazenagem, W3 Metalúrgica e Metalmade, todas em Ponta Grossa, e a Linha Atual (móveis de madeira), em Telêmaco Borba. O grupo Águia também atua nas atividades de resinas sintéticas e florestal, com 7,5 mil hectares de pinus, no município de Ponta Grossa (SASAKI, 2003).

No parque industrial, ancorado nos laticínios, cinco cooperativas atuam na mesorregião, predominando a produção de lácteos e de ração animal: Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLPL), com laticínios, em Carambeí; Cooperativa Agropecuária Batavo, com beneficiamento de cereais, em Imbaú; Cooperativa Agropecuária Castrolanda, com rações, em Piraí do Sul; Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum, com rações, em Palmeira.

Dez estabelecimentos de laticínios atuam na mesorregião, capitaneados pelas empresas Batávia-Parmalat e a CCLPL, ambas em Carambeí, e pelas empresas Líder Alimentos e Rosenfeld, em Palmeira.

Um evento anual importante do segmento é o Agroleite, com sua terceira edição em 2003, no qual realiza-se a difusão de tecnologia para o setor leiteiro. Promovido pela Cooperativa Castrolanda, no parque Dário de Macedo, em Castro, tal evento representou em 2003 um volume de negócios em torno de R\$ 7 milhões, e contou com a presença de 90 empresas expositoras, principalmente de gado leiteiro (TELLES, 2003; DENARDIN, 2002).

Agregados a esse parque, outros segmentos do gênero alimentos se fazem representar na mesorregião, como o pólo industrial de óleos e gorduras vegetais, formado pelas empresas Coinbra (grupo Dreyfus), Cargill, Bunge Alimentos e a Insol, localizadas no município de Ponta Grossa; e a Imcopa, em Palmeira. A participação do segmento no VAF industrial da mesorregião cresceu de 6,4%, em 1995, para 9,5% em 2002. O segmento moagem de trigo, constituído pela empresa Bunge Alimentos (ex-Santista Alimentos), teve a participação no VAF industrial da mesorregião evoluindo negativamente de 2,1%, em 1995, para 1,7% em 2002.

Ressalta-se o segmento de abate e processamento de suínos, bovinos e outras reses, cuja expressiva participação no VAF industrial da mesorregião apresentou vertiginosa queda de 14,6%, em 1995, para 3,3%, em 2002, em parte em razão da alta participação da Tetra Pak, que reposicionou os demais segmentos, e, também, em função do rearranjo produtivo desencadeado com a aquisição da Batavia pela Perdigão. O segmento possui 6 empresas atuando na mesorregião, com abate anual de 678 mil cabeças de suínos. Note-se que a maioria dos frigoríficos também abate aves, somando 35 milhões de frangos e 4,3 milhões de cabeças de peru, o que é realizado em grande parte pela empresa Perdigão, unidade pertencente à segunda maior agroindústria do país, que adquiriu, em 1998, a divisão de carnes da Batavia/Parmalat, de Carambeí, bem como pela unidade da Sadia Frigobrás (maior agroindústria do país), de Ponta Grossa. Com abate anual de 40 mil cabeças de bovinos, atuam ainda o Frigorífico Lagoa Dourada e mais três pequenos abatedouros (PARANÁ, 2002a).

Além desses, a Cervejaria Kaiser, instalada em Ponta Grossa em 1997, é a única empresa do segmento de cerveja, chope e malte da mesorregião, com participação no VAF industrial de 6,3% em 2002. O segmento biscoitos,

doces e massas alimentícias, com 10 indústrias capitaneadas pela unidade da Sadia, de Ponta Grossa, produz massa congelada, pratos prontos e sobremesas congeladas (marcas Todo Sabor e Miss Dayse).

O pólo agroquímico-moageiro de Ponta Grossa, o segmento fertilizantes e defensivos conta com 6 empresas: Bunge Fertilizantes (ex-Serrana), Macrofértil, Roullier Brasil, Agrocete, Viana Agro Mercantil e a WC Indústria e Comércio de Fertilizantes. Apresentou participação no VAF industrial da mesorregião elevando-se de 1,0%, em 1995, para 2,1% em 2002. O segmento de químicos diversos agrega 22 empresas, destacando-se a Petrobras Distribuidora, a AP Winner, a SGS Agricultura e Indústria e a Geroma do Brasil, instaladas em Ponta Grossa, e a Kemira Chemicals Brasil, em Telêmaco Borba, com participação no VAF mesorregional evoluindo de 0,7%, em 1995, para 1,5% em 2002.

Além desses segmentos, o setor metalmecânico adquire importância com a atividade de metalurgia e usinagem de metal, com 30 indústrias, lideradas pelas empresas Fundição Hubner e Siderurgia, localizadas em Ponta Grossa; os segmentos de bens de capital, máquinas industriais e máquinas-ferramentas, com 19 estabelecimentos, com destaque para Ippel Equipamentos (máquinas para indústria de celulose e papel) e Multimaq (máquinas para alimentos); o segmento de tratores e equipamentos para agricultura, com 13 empresas, destacando-se a Socidisco e Italflor, de Ponta Grossa e Watanabe, de Castro; o segmento de estrutura metálica, principalmente de montagem de silos, ressaltando-se as empresas Metalúrgica Sooma e Imsulpar, ambas de Ponta Grossa; e o segmento de embalagens metálicas, representado pelas duas unidades da empresa Metalgráfica Iguaçu, instalada no município de Ponta Grossa.

Como extensão do pólo automotivo do aglomerado metropolitano de Curitiba, instalaram-se as empresa Beaulieu do Brasil (tapetes para automóveis) e a Continental do Brasil Produtos Automotivos (tubos para ar condicionado, mangueiras e correias de borracha), ambas em Ponta Grossa.

Possuem, ainda, alguma importância para a mesorregião o segmento de extração de argila, pedra e areia, com destaque para a extração de areia, com 47 empresas concentradas principalmente nos municípios de Ponta Grossa e Sengés; o segmento de extração de calcário com 19 empresas localizadas nos municípios de Castro e Jaguariaíva; o segmento de cerâmica vermelha, com 32 olarias, 16 delas do município de Ortigueira; e o segmento têxtil de algodão, com o Cotonifício Kurashiki, de Ponta Grossa, e a Têxtil e Fiação, de Jaguariaíva.

4.2.2 Comércio e Serviços

Os setores Comércio e Serviços, no âmbito estadual, mostram grande concentração espacial, tanto no que concerne à participação do VAF quanto na geração de postos de trabalho. Segundo dados para o ano 2000, a mesorregião Metropolitana de Curitiba respondia pela geração de 48,8% do VAF estadual do Comércio e 73,4% dos Serviços (tabelas 4.12 e 4.13), bem como por elevada parcela do emprego desses setores (ver tabela 3.1). A mesorregião Norte Central insere-se na seqüência, com a geração de 21,2% do VAF estadual do Comércio e 15,2% do correspondente ao setor Serviços. A mesorregião Centro-Oriental ocupava a quarta posição entre as mesorregiões, tanto na participação no VAF do Comércio quanto de Serviços, com 4,6% e 1,9%, respectivamente.

No Comércio, a representatividade da mesorregião Centro-Oriental é maior nos segmentos comércio e reparação de veículos e comércio varejista, sendo pouco superior a 5% em ambos. A menor participação ocorre no segmento comércio por atacado, com 3,5%. A análise do VAF para o Comércio aponta também a concentração da geração de valor no município de Ponta Grossa, que registrou mais da metade do VAF regional em todos os segmentos, particularmente em comércio e reparação de veículos, do qual responde por 71% do VAF mesorregional (tabela A.4.15).

Telêmaco Borba e Castro destacam-se secundariamente, com valores próximos a 0,5% do VAF estadual: enquanto Telêmaco Borba concentrou as atividades do Comércio no segmento comércio por atacado, Castro apresentou um desempenho equilibrado entre os três segmentos do Comércio.

No setor Serviços, em que a mesorregião Centro-Oriental obteve, em 2000, a menor participação setorial, repetiu-se o fenômeno observado nas demais mesorregiões paranaenses, de pulverização de atividades dos segmentos de alojamento e alimentação e de transportes entre os municípios, todos com registros positivos. Dessa evolução resultou que os segmentos apresentaram as maiores participações no VAF estadual nesse ano, respectivamente 3,6% e 3,8%.

Ponta Grossa registrou mais de 50% do VAF mesorregional do setor Serviços e da maior parte dos segmentos, excetuando atividades imobiliárias, no qual Arapoti obteve a maior participação (0,2%), e serviços prestados às empresas, em que Palmeira obteve a quase totalidade do VAF estadual do segmento da região, com 0,3%. A região não apresentou qualquer registro nos segmentos correio e telecomunicações, atividades de informática, pesquisa e desenvolvimento e atividades de intermediação financeira (tabela A.4.16).

Mesorregião Centro-Oriental Geográfica Paranaense

TABELA 4.12 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO EM ATIVIDADES SELECIONADAS DO SETOR COMÉRCIO, SEGUNDO AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

		PARTICIPAÇÃO NO VAF (%)							
MESORREGIÃO	Valor Adicionado Ativ. Selec. Setor Comércio	Comércio e Repar. de Veículos e Motocic.	Comércio por Atacado e Interm. do Comércio	Comércio Varejista e Repar. de Objetos Pessoais e Dom.					
Noroeste	3,182	3,185	2,439	3,987					
Centro-Ocidental	1,979	1,565	2,270	1,850					
Norte Central	21,247	31,544	18,872	19,023					
Norte Pioneiro	2,631	2,734	2,346	2,913					
Centro-Oriental	4,557	5,583	3,541	5,184					
Oeste	9,984	9,738	8,672	11,541					
Sudoeste	3,183	4,476	2,564	3,249					
Centro-Sul	3,050	2,680	3,242	3,110					
Sudeste	1,426	1,857	0,511	2,261					
Metropolitana de Curitiba	48,761	36,640	55,542	46,883					
PARANÁ	100,000	100,000	100,000	100,000					

FONTE: SEFA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

TABELA 4.13 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO FISCAL DO ESTADO EM ATIVIDADES SELECIONADAS DO SETOR SERVIÇOS, SEGUNDO AS MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS - PARANÁ - 2000

MESORREGIÃO	PARTICIPAÇÃO NO VAF (%)									
	Atividades Selecionadas Setor Serviços	Alojam. e Aliment.	Transporte, Ativ. Anexas e Aux. e Ag. Viagem	Correio e Telecomunic.	Ativ. Imobil. e Aluguel de Bens Móveis e Imóveis	Ativ. de Informática e Conexas	Serv. Prestados Princip. às Empresas	Pesquisa e Desenvolv.	Ativ. Aux. de Interm. Financeira, Seguros e Prev.	Outros Serviços ⁽¹⁾
Noroeste	0,879	2,487	1,352	0,000	1,061	0,366	14,617	0,000	0,101	3,602
Centro-Ocidental	0,782	2,114	1,481	0,000	0,213	0,134	0,597	0,000	0,000	0,893
Norte Central	15,184	16,036	21,726	9,064	1,160	12,068	27,652	27,394	0,000	23,067
Norte Pioneiro	0,937	1,910	1,844	0,000	3,832	0,000	4,043	0,000	3,410	0,111
Centro-Oriental	1,921	3,639	3,849	0,000	0,306	0,000	0,407	0,000	0,000	2,934
Oeste	3,903	10,083	7,614	0,003	0,471	12,541	2,794	0,000	0,539	2,177
Sudoeste	1,471	1,522	3,198	0,001	0,478	1,077	0,376	0,000	0,000	0,381
Centro-Sul	1,090	1,820	2,180	0,001	0,027	0,833	3,626	0,000	1,925	1,376
Sudeste	0,433	1,143	0,843	0,001	0,006	0,000	0,217	0,000	0,000	0,076
Metropolitana de Curitiba	73,399	59,247	55,914	90,929	92,447	72,980	45,670	72,606	94,025	65,382
PARANÁ	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000

FONTE: SEFA

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

(1) Atividades recreativas, culturais e desportivas; limpeza urbana e esgoto e atividades conexas; serviços pessoais; atividades associativas.

TURISMO

A mesorregião Centro-Oriental Paranaense agrega municípios com elevado potencial para o turismo no Estado, dada a sua importância histórico-cultural. Nesta região se pontilhou parte do trajeto percorrido pelos tropeiros – uma viagem ao tempo em que o comércio entre o sul e o sudeste brasileiro era feito no lombo de mulas. Detém ainda atrativos naturais muito peculiares, em função do relevo e biomas distintos, como os situados no Parque Estadual de Vila Velha, dividido em três áreas distintas: Arenitos, Furnas e a Lagoa Dourada; e o Parque Estadual do Canyon Guartelá, que constitui um dos maiores canyons do mundo em extensão, contando com inscrições rupestres (PARANÁ, 2003f).

Em Castro está situado o Museu do Tropeiro, criado com o objetivo de resgatar e preservar a memória do tropeirismo, considerado o único do gênero no país (PARANÁ, 2003e). Alguns municípios oferecem pratos típicos, como é o caso do castropeiro, cultivando tradições e gerando renda. São atrativos turísticos também a colônia holandesa Castrolanda, a fazenda Capão Alto, a Cooperativa Agrícola Batavo, em Carambeí, e a Colônia Witmarsum, em Palmeira. Telêmaco Borba, desde a instalação das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A., passou a contar com um teleférico, cujo objetivo era o translado de funcionários dessa cidade para a fábrica. Atualmente esse equipamento é uma atração turística no município. Ponta Grossa também se destaca pelo Buraco do Padre, espécie de anfiteatro subterrâneo, pelo Mosteiro da Ressurreição, com seus cantos gregorianos, e pela Münchenfest (PARANÁ, 2003g).

Em termos de agregação de valor, observa-se que a mesorregião Centro-Oriental possuía a quarta posição em participação no valor adicionado fiscal de atividades específicas do setor, com 4,9% do VAF gerado no ano 2000 (tabela A.4.17).

4.3 FINANÇAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

A composição das receitas ¹⁹ da mesorregião Centro-Oriental em 2002 mostrava que, em média, o grau de dependência dos municípios, independentemente do número de habitantes, provinha das transferências de recursos do governo estadual via ICMS. Isso ocorre por se concentrarem, em alguns municípios, complexos industriais que elevam a média da receita. Carambeí e Telêmaco Borba são exemplos de municípios com elevada contribuição do ICMS, influenciando a média dos demais. A segunda fonte de receita média dos municípios estava nas transferências do governo federal, particularmente o FPM. No município de Ponta Grossa, com população acima de 100 mil habitantes, os recursos próprios arrecadados representavam acima de 21% da receita municipal (tabelas 4.14 e A.4.18), enquanto a principal fonte originava-se no ICMS.

TABELA 4.14 - RECEITAS MÉDIAS E RECEITA PER CAPITA SEGUNDO AS PRINCIPAIS ORIGENS DOS RECURSOS E O TAMANHO DOS MUNICÍPIOS⁽¹⁾DA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2002

ODIOEM DOS DECUDOOS	RECEITA MÉDIA (R\$)				
ORIGEM DOS RECURSOS	Até 20 mil habitantes	Entre 20 e 100 mil habitantes	Acima de 100 mil habitantes(2)		
ICMS	3.672.561,14	6.452.491,93	36.946.719,04		
FPM	3.324.969,75	6.361.165,78	26.530.599,19		
Outras Receitas					
Compensação de exportação e IPVA	476.992,67	974.961,59	9.285.723,51		
Mananciais e unidades de conservação	136.303,41	210.096,13	218.546,92		
Royalties Itaipu	0,00	0,00	0,00		
Compensação financeira recursos hídricos	0,00	0,00	0,00		
Receita per capita	576,52	443,00	393,25		

FONTES: STN, ANEEL, SEFA, SEMA/IAP, IBGE

O comportamento individual dos municípios aponta o padrão de acentuada dependência do FPM, particularmente para alguns municípios de menor porte, excluídos do processo de industrialização regional, como Imbaú e Ortigueira (ver tabela A.4.18).

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

⁽¹⁾ O tamanho dos municípios refere-se aos dados de população do Censo Demográfico 2000, do IBGE.

⁽²⁾ Valor médio referente somente ao município de Ponta Grossa.

¹⁹As finanças dos municípios foram analisadas segundo a origem dos recursos, que incluem a Receita Própria, Outras Receitas e aquelas que estão vinculadas às transferências federais constitucionais (FPM): às estaduais, nas auais são mais significativas a quota parte do ICMS e um percentual do IPVA; juntamente com as despesas, que permitem avaliar a capacidade de aestão das municipalidades. Como parâmetro de análise, foram consideradas as obrigações delegadas pela Constituição Federal de 1988 e a Constituição Estadual de 1989, para os municípios, com as respectivas receitas oriundas das transferências de recursos da União e do Estado. Outros parâmetros utilizados na análise foram: a Lei de Responsabilidade Fiscal - Lei Complementar n.º 101, de maio de 2000 -, que impõe um modelo de gestão pública com equilíbrio financeiro e transparência; e a Lei Federal n.º 10.028, em vigor desde outubro de 2000, que trata de crimes fiscais e responsabiliza o administrador público, no caso o prefeito municipal, na aestão do aasto.

As finanças dos municípios da região apresentavam diferenciação em função do número de habitantes e do volume de recursos a eles destinados, que se refletem em maior receita média *per capita* para aqueles municípios com menor população em relação aos demais da mesorregião. Isso decorre do fato de as transferências se basearem num patamar mínimo de população para a realização do cálculo das alíquotas. Mesmo assim, a receita *per capita* de Imbaú, município de pequeno porte, situa-se entre as menores da mesorregião (inferior a R\$ 373,62).

Comparando-se os valores médios das receitas distribuídas a partir das transferências constitucionais e outras, a mesorregião apresentou, na categoria outras receitas, valores expressivos para o município de Ponta Grossa, valores intermediários para os municípios médios, e valores menores para os pequenos.

Esta situação aponta para uma análise mais detalhada do item outras receitas, buscando entender o que representam e quais seus impactos sobre os diferentes tamanhos de municípios, no que se refere às principais origens dos recursos. Normalmente, nos municípios maiores, as receitas próprias oriundas do IPTU e ISS compreendem um terço da arrecadação. No caso de Ponta Grossa essa participação tem sido menor em relação aos municípios do mesmo porte, no conjunto do Estado. Nos municípios médios, a arrecadação própria, somada às compensações financeiras (compensações das exportações e IPVA, proteção de mananciais e unidades de conservação – ICMS Ecológico – mapa 4.3), representam arrecadação pequena em relação ao que é repassado em ICMS. Nos pequenos municípios a situação é equivalente, pois estes apresentam um percentual pequeno em outras receitas diante dos repasses do FPM e ICMS.

Assim, a mesorregião apresenta um comportamento semelhante para todos os tamanhos de municípios, para os quais os recursos de transferências, tanto federal como estadual, foram fundamentais para a manutenção das suas atividades de custeio e de investimentos. Evidentemente, somente Ponta Grossa se diferencia por ter uma maior participação de recursos próprios nas receitas do município.

Embora a mesorregião Centro-Oriental seja uma das mesorregiões onde ocorre a menor proporção de pequenos municípios no conjunto regional, ainda se verifica uma relativa atomização dos recursos, com dificuldade para alguns municípios em manter sua estrutura de serviços, tornando-a não compatível com as demandas sociais

locais. Observa-se que o desenvolvimento da mesorregião está concentrado em alguns municípios, ficando os demais com estruturas que mais se assemelham a uma extensão do rural do que a uma caracterização de área urbana.

No âmbito das despesas,²⁰ o indicador considerado mais importante é despesas com custeio, principalmente com pessoal, para o qual existe um limite legal de gastos de até 60% da receita operacional líquida. Na mesorregião Centro-Oriental, apenas Palmeira apresentou dispêndio acima desse limite, ocorrendo equilíbrio com esta rubrica nos demais municípios (tabela A.4.19).

Quanto aos indicadores médios de gestão dos recursos orçamentários totais, tem-se um nível de endividamento abaixo dos 10%, compatível em termos de administração financeira (tabela 4.15).

Os compromissos com outros custeios, que envolvem a manutenção da estrutura administrativa, indicam uma situação diferenciada para os vários tamanhos de municípios, com o comprometimento maior para os pequenos, um percentual inferior para os médios, e um índice ainda menor nos municípios maiores. O indicador demonstra que os municípios pequenos têm uma capacidade relativa de investimento menor. Num outro patamar estão aqueles municípios que recebem outras receitas e que, conseqüentemente, podem aumentar sua capacidade de investimento, principalmente em infra-estrutura. Entretanto, o volume desses recursos tem sido pouco significativo, o que reflete no baixo nível de investimentos em todos os tamanhos de municípios.

TABELA 4.15 - PERCENTUAIS MÉDIOS DE RECEITAS E DESPESAS SEGUNDO O TAMANHO DOS MUNICÍPIOS⁽¹⁾ E O TIPO DE INDICADOR - MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2002

INDICADOR	PERCENTUAL MÉDIO					
INDICADOR	Até 20 mil habitantes	Entre 20 mil e 100 mil habitantes	Acima de 100 mil habitantes ⁽²⁾	Média dos municípios paranaenses		
Endividamento	4,26	4,69	4,31	5,00		
Gestão tributária	8,41	9,49	21,46	9,00		
Dependência	87,75	84,19	71,49	81,00		
Dependência federal	45,92	41,89	19,85	49,00		
Dependência estadual	40,16	41,10	37,36	29,00		
Outros custeios	75,24	78,89	62,34	72,00		
Pessoal	45,94	47,69	41,16	43,00		
Grau de investimento	5,21	6,01	2,03	9,00		

FONTES: STN, IBGE

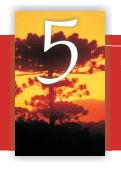


NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

⁽¹⁾ O tamanho dos municípios refere-se aos dados de população do Censo Demográfico 2000, do IBGE.

⁽²⁾ Valor médio referente somente ao município de Ponta Grossa.

²⁰Enfocadas segundo indicadores que mostram, num primeiro recorte, o percentual dos principais gastos, e se estes estão amparados pelos parâmetros que a lei determina como teto, principalmente o item custeio de pessoal. O segundo recorte refere-se aos investimentos e ao grau de endividamento, parâmetros adequados para avaliar o desempenho financeiro do município.



Dimensão Tecnológica e de Infra-Estrutura

5.1 SISTEMA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Na mesorregião Centro-Oriental, entre as experiências de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), que visam apoio ao desenvolvimento local/regional, destacam-se a Incubadora Tecnológica de Ponta Grossa (Intecponta) e o Hotel Tecnológico do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) - Ponta Grossa. Ambas se particularizam por atuarem em áreas ligadas à moderna dinâmica econômica, que incluem novos materiais, metalmecânica, eletrônica e alimentos. A Intecponta tem suas instalações no *campus* de Uvaranas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e seus empreendedores contam com a disponibilidade dos recursos de laboratórios e equipamentos da UEPG e do Cefet, bem como com os serviços de assessoria e de suporte das entidades promotoras – Serviço Nacional de Apoio à Indústria (Senai) e Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar).

Com o objetivo de oferecer amparo tecnológico aos produtores rurais, tem-se a Fundação ABC, instituição de caráter privado criada pelas cooperativas Agro-Pecuária Arapoti Ltda., Agro-Pecuária Batavo Ltda. e Castrolanda, que formam o grupo ABC. A Fundação está voltada fundamentalmente para a difusão do plantio direto e para o equacionamento de problemas técnicos que surgem nas mais diversas áreas, no processo de implementação dessa prática. Entre suas atividades também integra o ensino e divulgação da tecnologia utilizada no segmento pecuário, na perspectiva de avanços na qualidade da bacia leiteira. Seus trabalhos envolvem uma estreita articulação com empresas privadas nacionais e estrangeiras e entidades governamentais, em especial a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) e a Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).

Paralelamente a esse sistema, a mesorregião Centro-Oriental apresenta uma estrutura de ensino superior centrada em 11 instituições distribuídas em 6 dos seus municípios (tabela 5.1 e quadro A.5.1). Esse conjunto compreende uma universidade estadual, um centro federal de educação tecnológica, sendo as demais instituições de caráter privado.

TABELA 5.1 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR SEGUNDO A CATEGORIA ADMINISTRATIVA NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL E PARANÁ - 2004

	INSTITUIÇÕES			
CATEGORIA ADMINISTRATIVA	Mesorregião Centro-Oriental	Paraná		
Universidade ⁽¹⁾	1	10		
Centro Universitário	1	4		
Faculdade Integrada	1	8		
Faculdades, escolas e institutos	7	121		
Centro de Educação Tecnológica	1	7		
TOTAL	11	150		

FONTF: INFP

Na área de graduação essas instituições ofertam 62 cursos, que abrangem as áreas de Ciências Humanas, Tecnológica e Odontologia, em termos de ensino e pesquisa (quadro A.5.2). A UEPG promove a maioria dos cursos, realizados, de modo concentrado, em Ponta Grossa. A presença do Cefet, também neste município, contribui para reforçar o ensino e a pesquisa na área tecnológica.

A pós-graduação encontra-se estruturada na Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o funcionamento de sete cursos de mestrado que, igualmente, representam as diversas áreas do conhecimento (quadro 5.1).

QUADRO 5.1 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, CURSOS E ÁREA DE PÓS-GRADUAÇÃO NA MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL - PARANÁ - 2004

INSTITUIÇÃO	MUNICÍPIO	CURSO	ÁREA	NÍVEL
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Agronomia	Agronomia	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Ciência e Tecnologia de Alimentos	Ciência e Tecnologia de Alimentos	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Educação	Educação	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Engenharia e Ciência dos Materiais	Engenharia de Materiais e Metalúrgica	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Ciências	Física	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Ciências Sociais Aplicadas	Multidisciplinar	Mestrado
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Odontologia	Odontologia	Mestrado

FONTE: MEC/CAPES



⁽¹⁾ Campus Regional da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Vale ressaltar a existência de grupos de pesquisa articulados a programas e linhas de financiamento com entidades de mérito reconhecido, situação indicativa da inserção dessas instituições no cenário de CT&l. Segundo o banco de dados do CNPq, relativo a 2002, constam 1.070 grupos de pesquisas registrados no Estado do Paraná, que integram 6.463 pesquisadores. A mesorregião Centro-Oriental registra 44 grupos, aos quais estão vinculados 345 pesquisadores. Os trabalhos de pesquisa encontram-se concentrados na UEPG e, de modo mais restrito, no Cefet (quadro A.5.3).

As contribuições das diversas entidades e, particularmente, das instituições de ensino e pesquisa, têm sido relevantes, representando, certamente, perspectivas de um crescente intercâmbio com a base produtiva regional e estadual.

5.2 INFRA-ESTRUTURA VIÁRIA E AEROPORTOS

5.2.1 Sistema Rodoviário

Ponta Grossa é o mais importante ponto de convergência dos fluxos provenientes das diversas mesorregiões paranaenses, onde são absorvidos previamente ao acesso a Curitiba. Ponta Grossa, e não a capital, devido à localização geográfica, abriga, portanto, a função de centro distribuidor no que diz respeito à circulação viária estadual. Essa função é exercida através de um sistema composto pelas rodovias BR-376, BR-373 e PR-151, atualmente incluídas no programa de transferência da operação à iniciativa privada, via sistema de concessão.

A BR-376 cruza diagonalmente o Estado do Paraná em direção ao noroeste, na fronteira com o Mato Grosso do Sul, ligando a mesorregião Metropolitana de Curitiba às aglomerações metropolitanas do Norte Central, passando por Ponta Grossa (mapa 5.1). Denominada Rodovia do Café, originalmente Estrada de Mato Grosso, foi concebida com o propósito inicial de promover a ligação entre o Mato Grosso e o litoral através do território paranaense (PARANÁ, 2004e). O início de seu traçado data de 1871. Desde 1984 é utilizada na plenitude de sua extensão. Internamente à mesorregião, esta é a rodovia de maior dimensão, atravessando-a longitudinalmente. Ao longo de seu traçado situam-se apenas dois municípios (Imbaú e Ortigueira) e dela derivam os acessos a Reserva e Telêmaco Borba.

A PR-151 corta a mesorregião na direção nordeste-sul, ligando o sudeste do Paraná ao Estado de São Paulo, através do município de Itararé. Constitui-se no corredor de escoamento da produção agroindustrial, compondo, sob o enfoque regional, o eixo viário mais importante, uma vez que interliga, direta ou indiretamente, Ponta Grossa com a maioria dos municípios da mesorregião.

A BR-373 promove a ligação de Ponta Grossa a Guarapuava e, seqüencialmente, ao oeste do Estado, na medida em que se conecta à BR-277 nas imediações de Prudentópolis, já fora dos limites da mesorregião.

Quanto à BR-277, ainda que se faça presente no extremo sul, essa via concessionada adquire importância menor no contexto mesorregional. Trata-se de um pequeno trecho, deslocado do sistema principal e que cumpre a função de interligar Curitiba à mesorregião Oeste, passando por Palmeira.

De modo geral, pode-se constatar que a qualidade de todas essas rodovias vem permitindo condições satisfatórias de tráfego, asseguradas sobretudo pelos compromissos das concessionárias, segundo critérios do Departamento de Estradas de Rodagem (PARANÁ, 2004e).

A mesorregião abriga também o leito da PR-090, denominada Estrada do Cerne, de fundamental importância histórica para o desenvolvimento do Estado. Foi construída na década de 1930, com o objetivo de ligar o norte paranaense ao Porto de Paranaguá. Seu traçado parte de Curitiba, passando por Piraí do Sul e Ventania, dentro da mesorregião, e por Curiúva, São Jerônimo da Serra, Jataizinho e Sertanópolis, entre outros, fora dos limites da mesorregião. Durante vinte anos representou o principal escoadouro da produção cafeeira, que anteriormente era em grande parte exportada pelo Porto de Santos. Após sua implementação, o Paraná não só cresceu como celeiro agrícola e maior exportador de café do Brasil, mas também intensificou seu processo de industrialização, transformando o Porto de Paranaguá no mais importante do país. No início dos anos 60, com a Rodovia do Café inteiramente asfaltada entre Ponta Grossa e Apucarana, a Estrada do Cerne, em condições técnicas inadequadas e arcaicas, começou a perder importância. Encontra-se atualmente pavimentada apenas no trecho de Piraí do Sul a Sertanópolis (Norte Central), em condições de conservação alternadas entre ruim e regular, de acordo com a classificação do DER.

Destaca-se ainda a presença da rodovia PRT-153, a chamada Rodovia Transbrasiliana, que corta todo o Brasil, passando pelos Estados do Pará, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentro da mesorregião, seu leito, considerando-se o sentido norte-sul, atravessa os municípios de Ventania e Tibagi. Porém, a partir da sede de Ventania, há uma interrupção em sua pavimentação, que se estende até o limite sudoeste da mesorregião, no entroncamento com a BR-376.

À exceção da PR-160, que une a BR-376 à Estrada do Cerne, promovendo o acesso a Telêmaco Borba, e da pequena ligação entre Ventania e Arapoti (PR-239), trechos esses considerados bons, o restante da

malha viária encontra-se, de acordo com o DER,²¹ em situação entre regular e ruim. Vale particularizar a situação crítica configurada pela PR-340, paralela à BR-376, que liga Castro a Telêmaco Borba, passando por Tibagi, sendo este o único acesso viável a este município. Também a PR-092, que conecta a PR-151 com o Norte Pioneiro, através de Jaquariaíva, encontra-se em condições precárias.

É nítida ainda a total carência de infra-estrutura viária na região próxima ao Vale do Ribeira, compreendida entre o leito da PR-151 e a divisa com a mesorregião Metropolitana de Curitiba. Apesar da inexistência de sedes municipais no local, não há qualquer trecho pavimentado de rodovia que possa atender às inúmeras sedes de distritos e povoados ali instalados, o que demonstra que, de modo geral, a mesorregião não possui uma malha rodoviária condizente com as dimensões geográficas de seus municípios.

5.2.2 Sistema Ferroviário

Assim como no sistema rodoviário, o município de Ponta Grossa abriga um denso entroncamento de vias férreas, que conformam um sistema que faz parte da malha sul da Rede Ferroviária Federal, privatizada em 1997, quando sua operação foi repassada à empresa hoje denominada América Latina Logística do Brasil - ALL (BRASIL, 2004).

Sua estação de Uvaranas foi inaugurada em 1969 com o objetivo de substituir a estação de Ponta Grossa, no centro da cidade. Por ela se conectam atualmente as linhas provenientes de Jaguariaíva, de Apucarana, de Irati e o ramal de Guarapuava; também a linha Itapeva-Pinhalzinho-Uvaranas, trecho inicial do tronco principal sul; e, partindo de Uvaranas em direção ao sul, a linha que segue para Rio Negro, Lajes e Vacaria, no Rio Grande do Sul, outro trecho do tronco principal sul, por onde passam os trens que se dirigem à Argentina. Desde 1996, este pátio é administrado pela concessionária ALL.

Fazendo parte do sistema, dentro da mesorregião existe ainda o ramal de Monte Alegre, uma derivação da linha Jaguariaíva-Ponta Grossa, que passa por Ventania e atinge Telêmaco Borba, permitindo o tráfego de cargueiros para a fábrica de papel e celulose ali instalada.

²¹De acordo com dados do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), em janeiro de 2003, 39% da malha rodoviária do Paraná não pedagiada, sob responsabilidade daquele órgão, encontrava-se em situação de conservação péssima e ruim. Essa situação está presente nas várias regiões do Estado.

5.2.3 Sistema Aeroportuário

A mesorregião possui uma pequena estrutura aeroportuária, que conta com apenas quatro aeroportos públicos, administrados pelas respectivas prefeituras municipais, e um aeródromo privado. Três dos aeroportos públicos possuem pavimento asfáltico. Nenhum opera com linhas aéreas regulares e tampouco por instrumentos.

O aeroporto de Santana, em Ponta Grossa, opera visualmente nos períodos diurno e noturno, apresentando uma média mensal de 334 pousos e decolagens. O aeroporto de Telêmaco Borba também opera visualmente nos períodos diurno e noturno, apresentando uma média mensal de 88 pousos e decolagens.

Os demais aeroportos públicos encontram-se em Arapoti e Castro. O aeródromo privado existente localiza-se no município de Tibagi (PARANÁ, 2004d).



Conclusão

A mesorregião Centro-Oriental integra uma vasta área do chamado "Paraná Tradicional" e guarda características fundamentais da época da sua ocupação.

A economia e a sociedade se organizaram fundamentalmente a partir de grandes fazendas que sustentaram os ciclos econômicos do tropeirismo, da erva-mate e da madeira e foram complementadas por um setor de produção de subsistência, em pequenas áreas. As atividades de caráter extrativo e a pecuária, que caracterizaram até recentemente a economia regional, gradativamente incorporaram inovações consolidando uma produção agropecuária com alto grau de articulação com as agroindústrias instaladas na região e/ou com o mercado nacional e internacional.

A grande marca que permanece desse processo de ocupação é o elevado nível de concentração da posse da terra, que se reflete na reduzida proporção de área pertencente aos agricultores em regime de economia familiar. As restrições naturais de fertilidade, profundidade do solo, relevo ondulado, que dificultam a expansão de lavouras, favorecem a utilização das terras com matas e florestas, nos grandes estabelecimentos. Ao lado desse uso predominante, parte dessas terras está sendo direcionada para a produção intensiva de commodities e matérias-primas que tendem a garantir mercado e rentabilidade para os proprietários.

A Centro-Oriental situa-se na quarta posição entre as mesorregiões na geração do valor adicionado fiscal e, ao longo do período 1975-2000, vem mantendo esta posição. Esse desempenho pode ser indicativo da capacidade dos municípios que a integram em acompanhar o ritmo e as características do desenvolvimento paranaense.

A configuração recente da economia regional está assentada em três eixos industriais, concentrados em distintas áreas da mesorregião. O primeiro congrega as indústrias de papel e papelão dos municípios de Telêmaco Borba, Jaguariaíva, Piraí do Sul, Arapoti e Sengés, conformando um dos mais importantes pólos do país. A indústria instalou-se nas primeiras décadas do século XX e desenvolveu-se a partir da extração das florestas e matas naturais, utilizando-se, atualmente, dos reflorestamentos de pinus, que ocupam grandes extensões de terras na região.

eituras Regionais -

Mesorregião Centro-Oriental Geográfica Paranaense Mais recentemente adquire importância a bacia leiteira, presente nos municípios de Castro, Arapoti e Carambeí, fortemente vinculada com a dinâmica agroindustrial da região. Na década de 70, o processo de modernização da agricultura possibilitou aos produtores da região, particularmente os pertencentes às colônias e organizados em cooperativas, assim como os grandes proprietários, alavancar uma produção intensiva de capital, superando os entraves naturais de baixa fertilidade e solos pouco profundos. As atividades se transformaram, atingiram patamares elevados da produção agropecuária e qualificaram a produção de leite e derivados, consolidando um importante segmento agroindustrial do Estado. A pauta agrícola regional incorporou, ainda, a produção de soja combinada com o trigo, e também do milho, importante componente da alimentação dos rebanhos leiteiros.

O terceiro eixo é composto pelo grupo agroquímico-moageiro, centrado na cidade de Ponta Grossa, ancorado pelos segmentos de moagem de soja e produção de fertilizantes, extremamente favorecido por fatores locacionais. A situação de entroncamento rodoferroviário de diversos fluxos do interior do Estado, sua proximidade com o porto de Paranaguá e a qualidade da malha viária estiveram na base da conformação do parque agroindustrial, particularmente de esmagamento de soja. Na segunda metade dos anos 90, sua localização estratégica em relação a Curitiba, aliada à consolidação da infra-estrutura urbano-industrial, constituíram fatores de particular importância para incorporar novos segmentos, resultado do efeito "transbordamento" irradiado pelo crescimento metropolitano recente.

Nessa fase são significativos os investimentos que se refletiram na instalação de novos setores e na reestruturação de outros, que servem principalmente ao pólo automotivo do aglomerado metropolitano de Curitiba.

A dinâmica econômica da região, embora tenha sustentado a participação regional no total do valor adicionado, não tem se refletido sobre o mercado de trabalho de forma positiva, na geração de maiores possibilidades de inserção no processo produtivo. Dentre as mesorregiões, esta apresenta a menor taxa de atividade da população economicamente ativa e, ainda, a segunda maior taxa de desemprego, superada apenas pela Metropolitana de Curitiba.

Um dos fatores relacionados a esse quadro é a proporção relativamente baixa de ocupados em atividades agropecuárias. Diferentemente de outras mesorregiões, onde há presença importante dessa atividade, sobretudo da agricultura familiar, grande responsável pela sustentação da ocupação rural, na Centro-Oriental a ocupação agrícola é restrita.

Outro fator que merece destaque diz respeito ao ritmo de crescimento do emprego formal. Diferenciada por um mercado de trabalho com elevada taxa de formalização e significativo contingente desses trabalhadores, a região apresentou uma variação do nível de emprego, no período 1996-2001, inferior à média estadual. Num contexto de crescimento populacional, esse ritmo, relativamente lento, contribui para aumentar ainda mais o desemprego, particularmente porque nesse crescimento pesa uma imigração que incorpora, de modo mais significativo, os segmentos de população em idade ativa.

Desde os anos 70 verifica-se na mesorregião um incremento populacional significativo, comparativamente às mesorregiões do interior paranaense. No período recente ocorreram perdas de população rural, mas as áreas urbanas permaneceram crescendo de forma expressiva, elevando o peso populacional do Centro-Oriental no total do Estado. As migrações vêm tendo um peso substantivo nesse cenário; os fluxos de saída de população são em grande parte compensados pelos fluxos de entrada, com predominância daqueles vindos de outras regiões do Paraná.

Esse processo de crescimento da população vem reforçando o caráter urbano do Centro-Oriental, que, nos anos 70, era a única região do interior do Estado a ultrapassar os 50% de grau de urbanização. Atualmente, apenas os municípios de Reserva e Ortigueira permanecem de tipo rural, condição reforçada pela presença de áreas destinadas a reservas indígenas e assentamentos rurais.

Os vários indicadores sociais que expressam a qualidade de vida da população realçam traços de carências presentes na região e representam desafios a serem traduzidos em políticas públicas. O IDH-M observado para os municípios confirma as dificuldades em se alcançar um padrão de desempenho no patamar médio paranaense. À exceção de Ponta Grossa, que faz parte do pequeno conjunto de 23 municípios paranaenses considerados de alto desenvolvimento, os demais apresentam esse indicador inferior ao do Estado. Esta condição

sinaliza que, de modo geral, o ritmo de realização das políticas públicas e privadas relativas aos componentes do IDH-M – saúde, educação e renda – não tem sido suficiente para alterar o quadro social dos municípios.

O grau de instrução da população confirma a dificuldade de avanços da política educacional. O número de séries concluídas pela população de 15 anos ou mais alcança a média de sete anos em Ponta Grossa, enquanto em Ortigueira, Imbaú e Reserva chega apenas a quatro, ou seja, em média essas populações apenas completaram o primeiro segmento do ensino fundamental. Vale distinguir, ainda, o indicador de mortalidade infantil, bastante expressivo das condições de saúde, educação e saneamento alcançadas pelos municípios. Somente Ponta Grossa, Carambeí e Jaguariaíva registraram níveis de mortalidade mais baixos que o do Estado. Entre os demais, Ortigueira apresentou o mais desfavorável, praticamente o dobro do estadual.

Em relação à oferta de serviços de saneamento, verifica-se importante déficit relacionado à provisão de sistemas adequados de esgoto, ainda bastante distantes dos níveis de atendimento relativos à rede de abastecimento de água, quadro presente tanto nos municípios grandes como nos pequenos.

Evidenciando o grau de desigualdade social e regional na mensuração da quantidade de famílias pobres as diferenças observadas confirmam uma situação relativa mais favorável em Ponta Grossa e Carambeí, com taxas de pobreza inferiores à média do Paraná. Entre os demais municípios, três registram o dobro do percentual paranaense, caracterizando-se como casos extremos no Estado os municípios de Imbaú, Reserva e Ortigueira.

No caso desses municípios, em particular o atendimento às demandas sociais encontra maiores limites, considerando que a composição das finanças municipais guarda extrema dependência de transferências do governo federal. Para os demais, com uma composição de receita mais equilibrada, são maiores as possibilidades de manutenção das suas atividades de custeio e, ainda, de investimentos de caráter social.

Embora seja longo o percurso no sentido da redução das desigualdades sociais, há que se destacar que a mesorregião Centro-Oriental possui fatores excepcionais que a colocam como uma das regiões do Estado com forte potencial de crescimento e, também, de desenvolvimento socialmente mais harmonioso.

A diversificação da matriz produtiva possibilita a maximização das vocações locais, bem como a abertura para a entrada de novos segmentos que possam ampliar ou complementar as cadeias existentes. A infra-estrutura rodoferroviária disponível confirma Ponta Grossa como o mais importante ponto de convergência dos fluxos provenientes das diversas mesorregiões paranaenses. As contribuições das entidades organizadas em torno de experiências de Ciência, Tecnologia e Inovação, assim como das instituições de ensino e pesquisa, representam perspectivas de crescente intercâmbio com a base produtiva regional. Vale destacar que a mesorregião agrega municípios com elevado potencial para o turismo, alguns já apresentando uma estrutura turística consolidada, enquanto outros necessitando descobrir e explorar com qualidade suas vocações.

Ao lado do importante patrimônio histórico-cultural, a região conta com atrativos naturais peculiares em função do relevo contrastante e biomas diversificados, de campos, capões, matas de galerias e *canyons*. Cabe apontar, em especial, o *canyon* Guartelá, um dos maiores do mundo, e o Parque Estadual de Vila Velha, como sítios naturais de grande valor turístico.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L. A avifauna da Bacia do Rio Tibagi. In: MEDRI, Moacyr E. et al. (Ed.). **A Bacia do Rio Tibagi**. Londrina: Ed. dos Autores, 2002. p. 271-290.

ARTONI, Roberto Ferreira; ALMEIDA, Maria Cristina. A singular diversidade dos peixes dos Campos Gerais: uma visão genética para abordagem conservacionista da região. In: DITZEL, Carmencita de H. M.; SAHR, Cicilian L. L. (Org.). **Espaço e cultura**: Ponta Grossa e Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 505-518.

BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: GRAFIPAR, 1969. v.1.

BERNARDES, Nilo. Expansão do povoamento no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 14, n. 4, p. 427-456, out/dez. 1952.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria do Tesouro Nacional. **Finanças do Brasil**: dados contábeis dos municípios – 2002. Disponível em: http://www.stn.fazenda.gov.br/estados_municipios/index.asp. Acesso em: dez. 2003a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informações de saúde**. Disponível em: http://www.datasus.gov.br>. Acesso em dez. 2003b.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Agencia Nacional das Minas e Energia. **Compensação financeira pela utilização de recursos hídricos**. Disponível em: http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/cmpf/gerencial/compensacaostart_internet.asp?Origem=1. Acesso em: dez. 2003c.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. **Biodiversidade brasileira**: avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros. Brasília, 2002. 404p.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Relação anual de informações sociais**: RAIS 1995 e 2000. Brasília, 1996-2001. CD-ROM.

BRASIL. Ministério dos Transportes. **América Latina Logística – Delara e área de influência**. Disponível em: http://www.transportes.gov.br/bit/mapas/mapaclick/ferro/JPG/mapa-ALL.jpg. Acesso em: 16 abr. 2004.



CAPES. Mestrados/doutorados reconhecidos. Disponível em: http://www.capes.gov.br. Acesso em: jan. 2004.

CARAMBEÍ inaugura central termelétrica em maio. Dipsonível em: http://www.diáriodecamposgerais.com.br>. Acesso em: 01 fev. 2004.

CNPQ. **Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil - Censo 2002**. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/censo2002>. Acesso em: jan. 2004.

CONFIGURAÇÃO atual e tendências da rede urbana. Brasília: IPEA, 2002. (Série caracterização e tendências da rede urbana do Brasil, 1). Convênio IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR.

CONGUASUL inicia produção de laminados. Disponível em: http://www.diariodecamposgerais.com.br>. Acesso em: 20 nov. 2003.

DENARDIN, Valmir. Cooperativa de leite investe em suínos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 21 ago. 2002. Caderno Região Sul, p.1.

DINIZ, Clélio Campolina. **Global-local**: interdependências e desigualdades ou notas para uma política tecnológica e industrial regionalizada no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IE, 2000. (Estudos temáticos. Nota técnica, 9). Contrato BNDES/FINEP/FUJB.

ECOPARANA. Relatório de atividades: 1998-2002. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ELFES, Alberto. Campos gerais: estudo da colonização. Curitiba: INCRA, 1973. 153p.

FLEISCHFRESSER, Vanessa. A modernização tecnológica da agricultura paranaense na década de 70: difusão, contrastes regionais e consequências sócio-econômicas. Itaguaí, 1984. 318p. Dissertação (Mestrado) – UFRJ.

FUNAI. **Terras indígenas no Estado do Paraná**. Disponível em: http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/pr/funt_pr.htm/>. Acesso em: 03 fev. 2004.

FUNDAÇÃO S. O. S. MATA ATLÄNTICA. Atlas de remanescentes florestais da Mata Atlântica no período 1995-2000: relatório final. São Paulo, 2002. 1 CD-ROM.

GARSCHAGEN, Sérgio. Norske diz que veio para ficar no país. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 10-12 out. 2003. Caderno Indústria & Serviços, p.A13.

IAP. ICMS Ecológico. Curitiba, 2003.

IAP. Plano de Manejo do Parque Estadual do Guartelá. Curitiba, 2002.

- IBGE. Censo agropecuário Paraná 1985, 1995/96. Rio de Janeiro, 1991-1997.
- IBGE. Censo demográfico 2000. Rio de Janeiro, 2001.
- IBGE. Censo demográfico Paraná 1970, 1980, 1991. Rio de Janeiro, 1973-1996.
- IBGE. **Pesquisa pecuária municipal 1990, 1995 e 2001**. Disponível em: http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PP&z=t&o=12>. Acesso em: 15 set. 2003a.
- IBGE. **Produção agrícola municipal 1990, 1995 e 2001**. Disponível em: http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11>. Acesso em: 15 set. 2003b.
- IBGE. Regiões de influência das cidades 1993. Rio de Janeiro, 2000.
- IBGE. Síntese de indicadores sociais 2002. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 21 out. 2003c.
- IBGE. **Tipologia dos municípios brasileiros, 1980**. Rio de Janeiro, 1991.
- INEP. Censo escolar 2000. Brasília, 2001.
- INEP. **Educação superior**: cursos e instituições. Disponível em: http://educacaosuperior.inep.gov.br>. Acesso em: jan. 2004.
- INEP. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Disponível em: http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo/>. Acesso em: 22 out. 2003.
- IPARDES. **Avaliação da estratégia global do Paraná-Rural**: Programa de Manejo e Conservação do Solo em Microbacias Hidrográficas. Curitiba, 1993. 115p.
- IPARDES. Avaliação de impacto socioeconômico do subcomponente manejo e conservação dos recursos naturais 1a. fase. Curitiba: IPARDES, 2001. 2v. Projeto Paraná 12 Meses. Componente Desenvolvimento da Área Produtiva. Subcomponente Manejo e Conservação dos Recursos Naturais 1a. fase.
- IPARDES. Famílias pobres no Paraná. Curitiba, 2003a.
- IPARDES. **Indicadores e mapas temáticos para o planejamento urbano e regional**: Paraná 2003. Curitiba, 2003b. 1 CD-ROM.
- IPARDES. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal IDH-M 2000**: anotações sobre o desempenho do Paraná. Curitiba, 2003. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br. Acesso em: 23 jan. 2003c.
- IPARDES. Paraná: diagnóstico social e econômico. Curitiba, 2003d.

IPARDES. Paraná: diagnóstico social e econômico: sumário executivo. Curitiba, 2003e.

IPARDES. **Programa Paraná Rural**: cartas temáticas de declividade, drenagem e uso potencial do solo do Estado do Paraná. Curitiba, 1995. Convênio Governo do Estado do Paraná, BIRD.

IPARDES. **Redes urbanas regionais: Sul**. Brasília: IPEA, 2000. (Série caracterização e tendências da rede urbana do Brasil, 6). Convênio IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR, IPARDES.

IPARDES. Subdivisão, posse e uso da terra no Paraná. Curitiba, 1976. 206p.

KARAM, Miriam. Klabin busca empresas para sua cidade. Valor Econômico, São Paulo, 19 maio 2003, p.A12.

MAACK, Reinhard. Geografia física do Estado do Paraná. Curitiba: BADEP: UFPR: IBPT, 1968.

MAACK, Reinhard. **Mapa fitogeográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: IBPT, 1950. 1 mapa: color. Escala 1:750.000.

MAGALHÃES, Marisa V. **O Paraná e suas regiões nas décadas recentes**: as migrações que também migram. Belo Horizonte, 2003. Tese (Doutorado) – CEDEPLAR, UFMG.

MELO, M. S. de; MENEGUZZO, I. S. Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná. In: DITZEL, Carmencita de H. M.; SAHR, Cicilian L. L. (Org.). **Espaço e cultura**: Ponta Grossa e Campos Gerais. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p.415-428.

MINEROPAR. Atlas geológico do Estado do Paraná. Curitiba, 2001. 1 CD-ROM.

MINEROPAR. Informativo anual sobre a produção de substâncias minerais no Paraná. Curitiba, 2002.

MOURA, Rosa; WERNECK, Débora Zlotnik. Rede, hierarquia e região de influência das cidades: um foco sobre a Região Sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba: IPARDES, n. 100, p. 25-55, jan./jun. 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma**: o que quer dizer desenvolvimento local? São Paulo: Pólis, 2001.

PADIS, Pedro C. **Formação de uma economia periférica**: o caso do Paraná. São Paulo: HUCITEC; Curitiba: SECE, 1981.

PARANÁ é o maior exportador de madeira. Folha de Londrina, 17 mar. 2004a. Caderno Economia, p.1.

PARANÁ. **Lei nº 11.054, de 14 de janeiro de 1995**. Dispõe sobre a Lei Florestal do Estado. Disponível em: http://www.pr.gov.br/iap/lfpr.shtml Acesso em: nov. 2003a.

Mesorregião Centro-Oriental Geográfica Paranaense PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Departamento de Economia Rural. Divisão de Estatística Básica. **Produção agropecuária municipal do Estado do Paraná**: safra 2001/2002. Curitiba, 2002a. 1 disquete 3½.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Departamento de Economia Rural. Divisão de Estatística Básica. **Valor bruto da produção agropecuária**. Disponível em: http://www.pr.gov.br/seab/ Servicos> Acesso em: 01 set. 2003b.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Fazenda. Coordenação de Assuntos Econômicos. **Valor adicionado 2001**. Disponível em: http://www.fazenda.pr.gov.br. Acesso em: nov. 2003c.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde. Perfil do sistema de saúde no Estado do Paraná. Curitiba, 2002b.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Atlas da vegetação do Paraná**. Disponível em: http://www.pr.gov.br/sema>. Acesso em: ago. 2002c.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Município 300 000_av33.SHP**. Malha municipal do Paraná em 2002. IPARDES. Curitiba, 12 fev. 2004b. ArcView 3.3.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **p_unidades_conservação.shp**. Unidades de conservação no Paraná em 2002 IPARDES. Curitiba, 17 ago. 2003d. 1 CD ROM. ArcView 3.2.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Unidades de Conservação no Paraná** - **Federais**. Disponível em : http://www.pr.gov.br/sema/a_unconser_fd.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2004c.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente. **Lista vermelha de animais ameaçados de extinção no Paraná**. Curitiba, 1995.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo. **Programa de resgate e valorização da cultura local**: turismo gastronômico e turismo religioso. Curitiba, 2003e. Versão preliminar.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo. **Programa de turismo em áreas naturais**: mapeamento espacial. Curitiba, 2003f. Versão preliminar.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo. **Relatório sobre a tipologia dos atrativos turísticos no Estado do Paraná.** Curitiba, 2003g. Documento Interno.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Transportes. **Aeroportos do Paraná**. Disponível em: http://www.pr.gov.br/aeroportos/principais.html>. Acesso em: 05 jan. 2004d.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Transportes. Departamento de Estradas de Rodagem. **Malha rodoviária**: rodovias do Estado do Paraná. Disponível em: http://www.pr.gov.br/derpr/malha_rod_ctba_foz.shtml>. Acesso em: 10 set. 2003h.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Transportes. Departamento de Estradas de Rodagem. **Mapa político rodoviário 2003**. Curitiba, 2003i. 1 mapa: color. Escala 1:900.000.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Transportes. Departamento de Estradas de Rodagem. **Mapa rodoviário 2003**. Curitiba, 2003j. 1 mapa: color. Escala 1:900.000.

PARANÁ. Secretaria de Estado dos Transportes. Departamento de Estradas de Rodagem. **Condição da malha rodoviária**. Disponível em: http://www.pr.gov.br/derpr/mp_composicao.html>. Acesso em: fev. 2004e.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2003**. Brasília: PNUD: IPEA, Fundação João Pinheiro, 2003. Disponível em: http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 01 set. 2003.

RIBEIRO, Antonio G. As transformações da sociedade e os recursos da natureza na região de Palmas e Guarapuava. **Boletim de Geografia**, Maringá : UEM, v. 7, n. 1, p. 17-79, set. 1989.

SASAKI, Danielle. Águia Participações investiu R\$ 1,3 milhão para substituir diesel. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 23 set. 2003. Caderno Região Sul, p.B14.

SCHERER-NETO, P.; ANJOS, L.; STRAUBE, F. C. Avifauna do Parque Estadual de Vila Velha, Estado do Paraná. **Arq. Biol. Tecnol.**, Curitiba, v. 37, n. 1, p. 223-229, 1994.

SCHERER-NETO, P.; CARRANO, E.; RIBAS, C. F. Estudo comparativo da Avifauna do Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa, Paraná: relatório final do projeto. Curitiba, Fundação O Boticário: IAP, 2001.

SHIBATTA, O. A. et al. Diversidade e distribuição de peixes na bacia do rio Tibagi. In: MEDRI, Moacyr E. et al. (Ed.). **A Bacia do Rio Tibagi**. Londrina: Ed. dos Autores, 2002. p.403-424.

SIMPACEL. Relação dos fabricantes de celulose, papel, papelão e artefatos do Estado do Paraná. Curitiba, 2001.

SUDERHSA. Atlas de recursos hídricos do Estado do Paraná. Curitiba, 1998.

TELES, Benedito. Castro vira capital do leite. Folha de Londrina, 13 ago. 2003. Caderno Economia, p.4.

TOREZAN, J. M.; SILVEIRA, M. Fatores ambientais, diversidade e similaridade em florestas do rio Tibagi. In: MEDRI, Moacyr E. et al. (Ed.). **A Bacia do Rio Tibagi**. Londrina: Ed. dos Autores, 2002. p.125-131.

Mesorregião Centro-Oriental Geográfica Paranaense UCHÔA, T. **Plano Diretor da UHE São Jorge, Ponta Grossa**. Curitiba, COPEL/ Diretoria de Produção e Geração, 2001. 145p.

WACHOWICZ, Ruy. História do Paraná. Curitiba: Vicentina, 1988. 275p.

WESTPHALEN, Cecília M.; MACHADO, Brasil P.; BALHANA, Altiva P. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná – Departamento de História**, Curitiba, n. 7, p. 1-52, 1968.

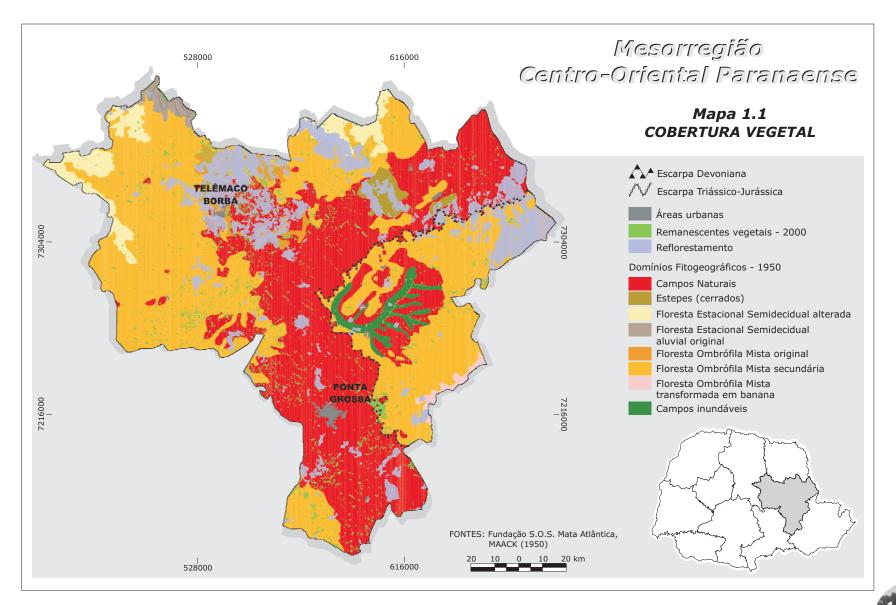
ZILLER, S. R. A estepe gramíneo lenhosa no segundo planalto do Paraná: diagnóstico ambiental com enfoque à contaminação biológica. Curitiba, 2000. 268p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná.

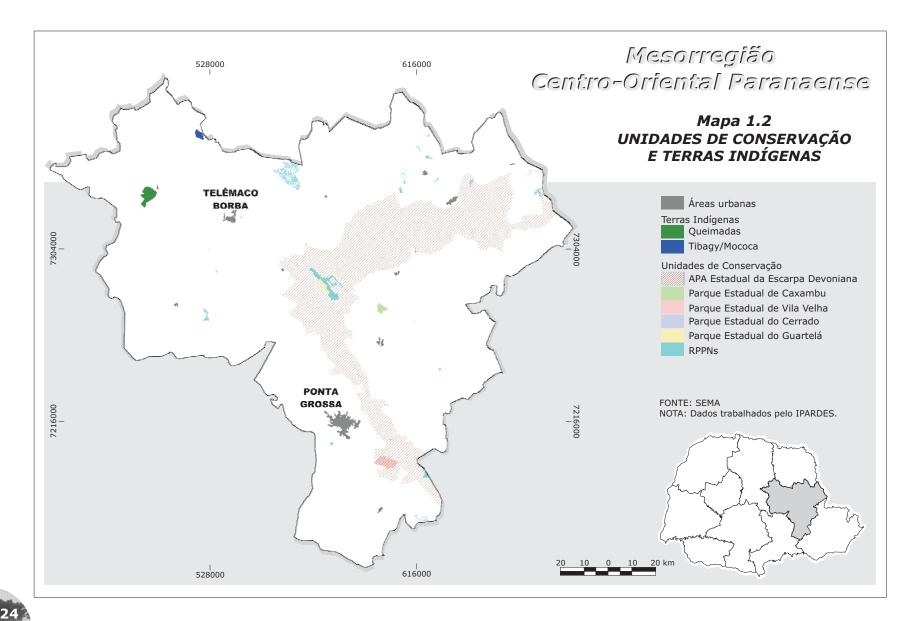


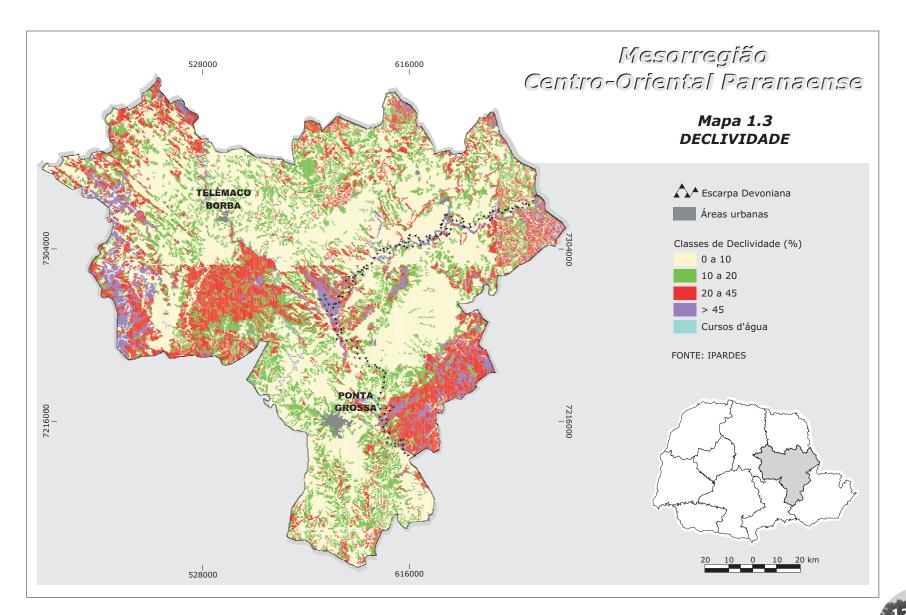
Mapas

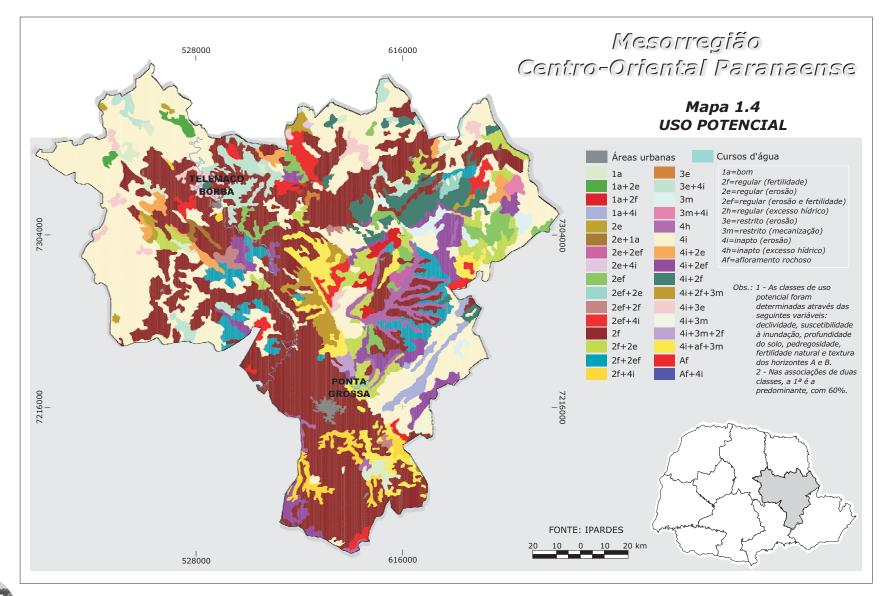
LISTA DE MAPAS

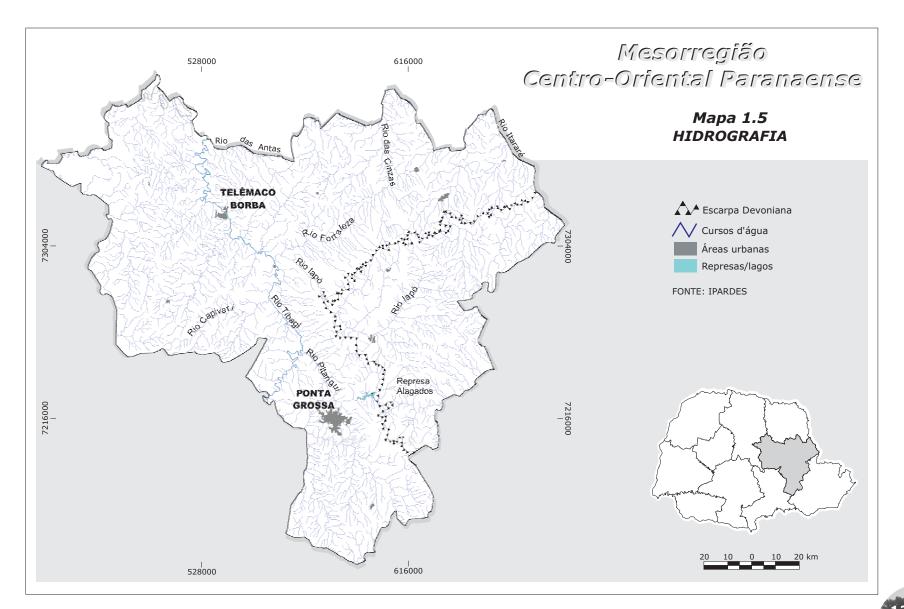
MAPA 1.1 -	COBERTURA VEGETAL	. 123
MAPA 1.2 -	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	. 124
	DECLIVIDADE	
MAPA 1.4 -	USO POTENCIAL	. 126
MAPA 1.5 -	HIDROGRAFIA	. 127
MAPA 2.1 -	TAXAS MÉDIAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO - 1991-2000	. 128
MAPA 2.2 -	INDICE DE IDOSOS - 2000	. 129
MAPA 2.3 -	REDE DE CIDADES - 2000	. 130
	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL (IDH-M) - 2000	
MAPA 2.5 -	GRAU DE CRESCIMENTO DO IDH-M E COMPONENTE COM MAIOR CRESCIMENTO - 1991-2000	. 132
MAPA 2.6 -	NÚMERO MÉDIO DE SÉRIES CONCLUÍDAS PELA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE - 2000	. 133
MAPA 2.7 -	COEFICIENTE DE MORTALIDADE INFANTIL - 2000	. 134
MAPA 2.8 -	PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITOS - 2000	135
MAPA 2.9 -	PRINCIPAIS CAUSAS DE INTERNAMENTO HOSPITALAR - JUNHO 2003	. 136
MAPA 2.10	-Domicílios urbanos com serviços de Saneamento Básico - 2000	. 137
MAPA 2.11	-Domicílios rurais com serviços de Saneamento Básico - 2000	. 138
MAPA 3.1 -	OCUPAÇÃO - SETORES PREDOMINANTES - 2000	. 139
	CULTURAS PREDOMINANTES NA PAUTA DO MUNICÍPIO - 2001	
MAPA 4.2 -	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DO VALOR ADICIONADO FISCAL DO PARANÁ - 2000	. 141
MAPA 4.3 -	PRINCIPAL COMPENSAÇÃO FINANCEIRA POR <i>ROYALTIES</i> , MANANCIAIS E/OU RECURSOS HÍDRICOS - 2002	. 142
MAPA 5.1-	INFRA-ESTRUTURA VIÁRIA, PORTOS E AEROPORTOS - 2003	. 143

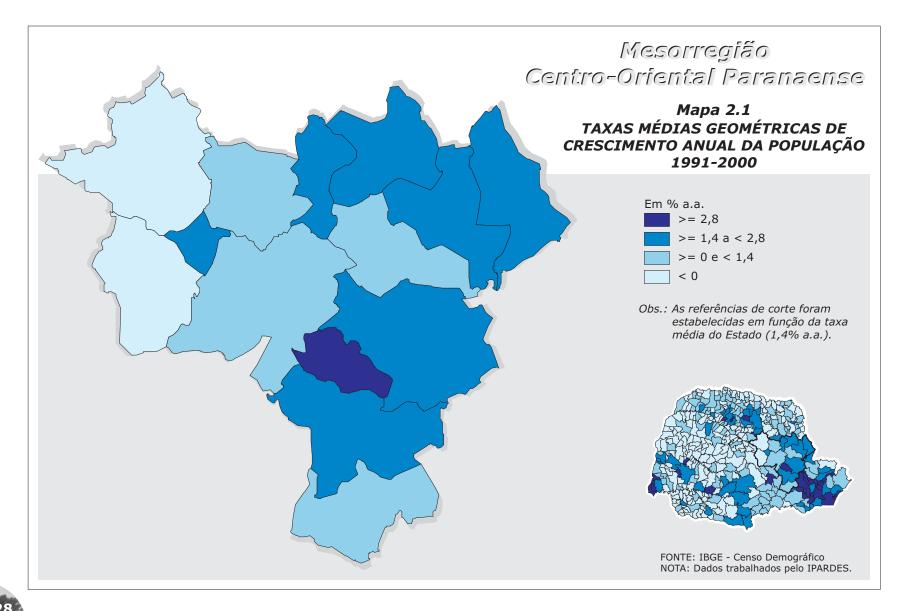


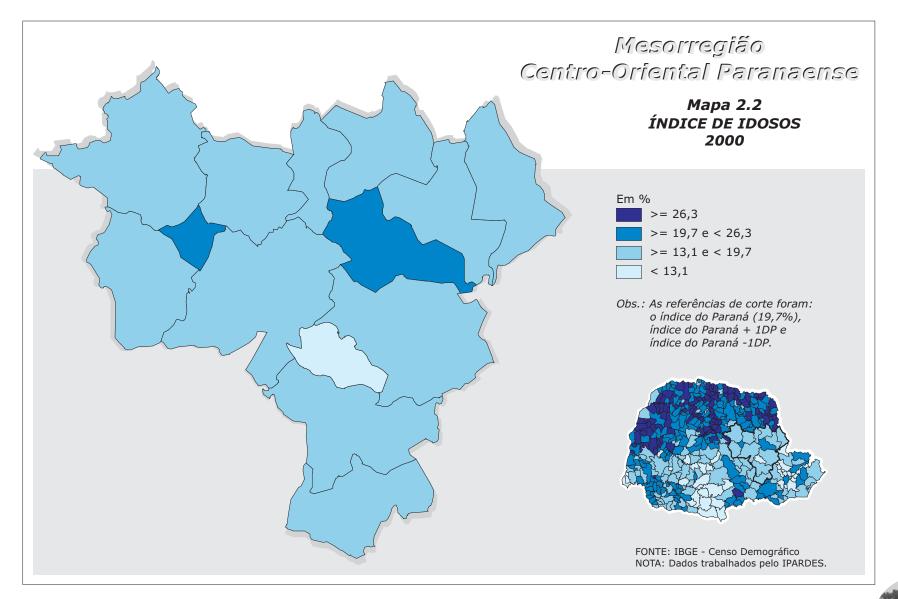


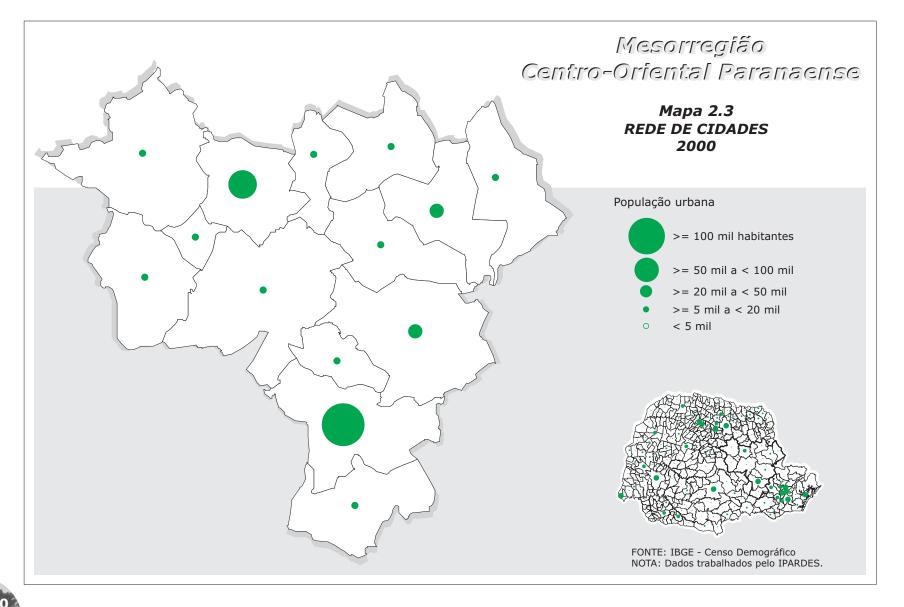


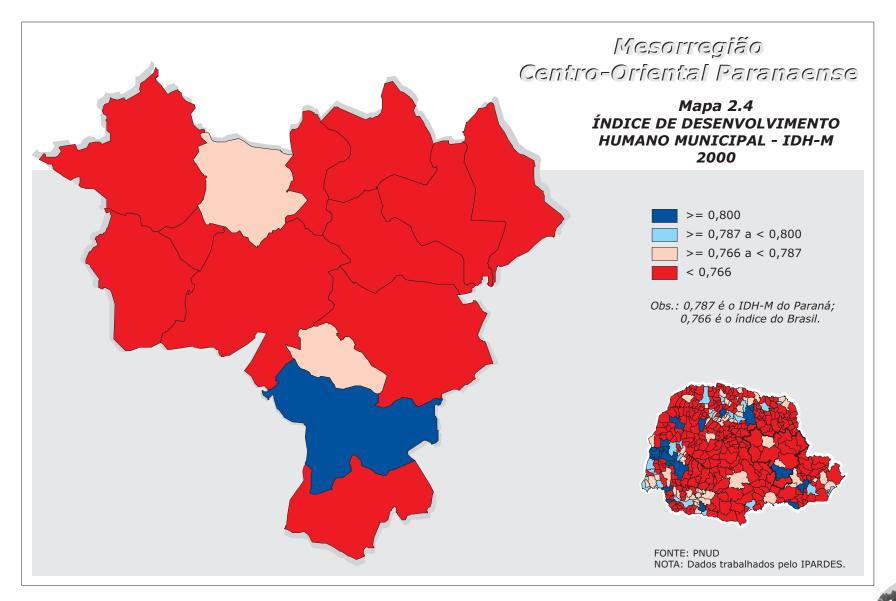


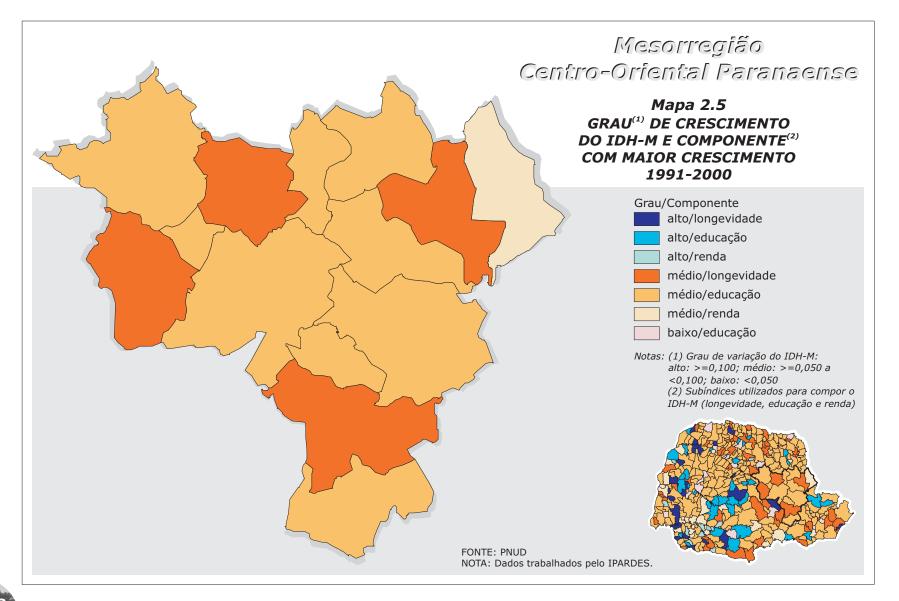




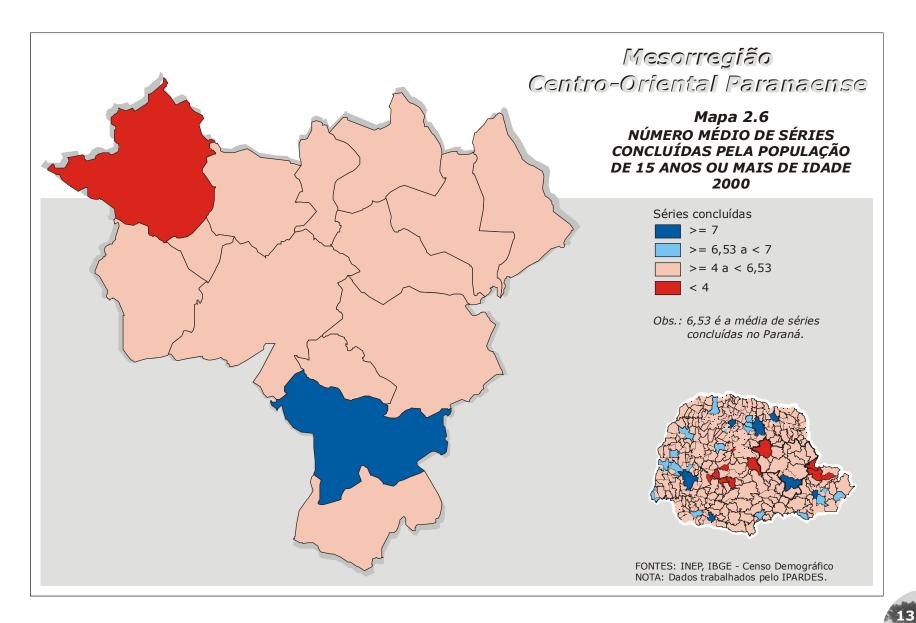


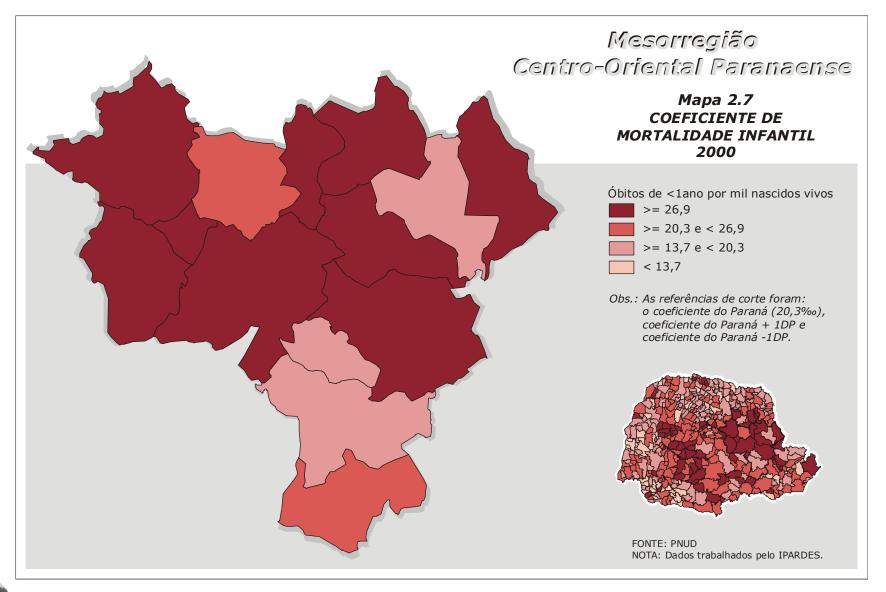




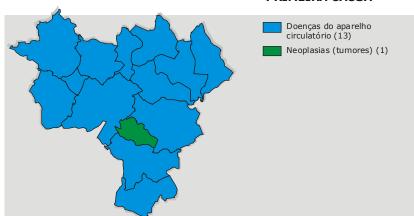








PRIMEIRA CAUSA



Mesorregião Centro-Oriental Paranaense

Mapa 2.8 PRINCIPAIS CAUSAS DE ÓBITOS 2000

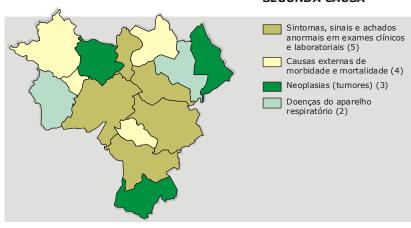
FONTE: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

NOTAS: Dados trabalhados pelo IPARDES.

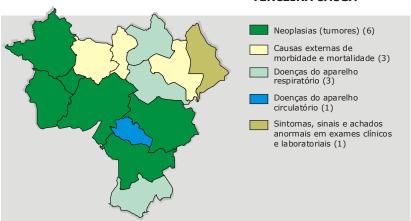
Grupos de causas segundo o Capítulo da CID-10.

As causas de óbitos, nas legendas, estão ordenadas segundo o número de municípios da mesorregião em que incidem, respectivamente, como primeira, segunda e terceira causas. Este número consta entre parênteses.

SEGUNDA CAUSA



TERCEIRA CAUSA



PRIMEIRA CAUSA Doenças do aparelho respiratório (7) Gravidez, parto e puerpério (6)

Doenças do aparelho circulatório (1)

Mesorregião Centiro-Oriental Paranaense

Mapa 2.9 PRINCIPAIS CAUSAS DE INTERNAMENTO HOSPITALAR **JUNHO 2003**

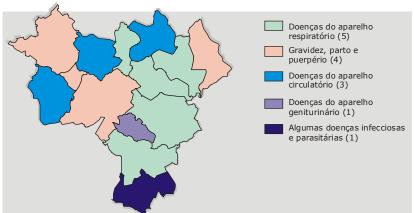
FONTE: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

NOTAS: Dados trabalhados pelo IPARDES.

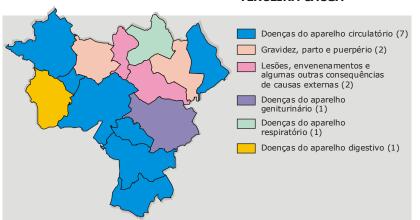
Grupos de causas segundo o Capítulo da CID-10.

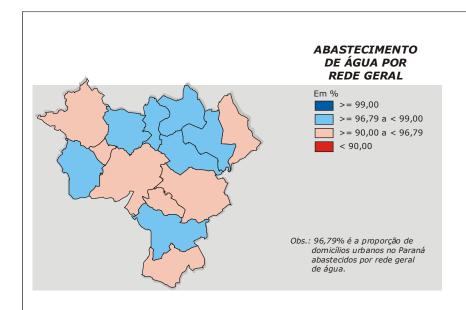
As causas de internações hospitalares, nas legendas, estão ordenadas segundo o número de municípios da mesorregião em que incidem, respectivamente, como primeira, segunda e terceira causas. Este número consta entre parênteses.

SEGUNDA CAUSA



TERCEIRA CAUSA



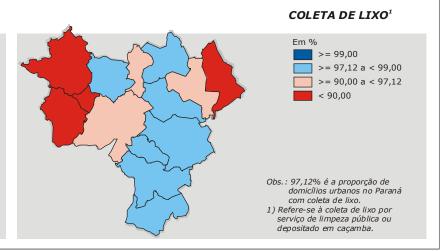


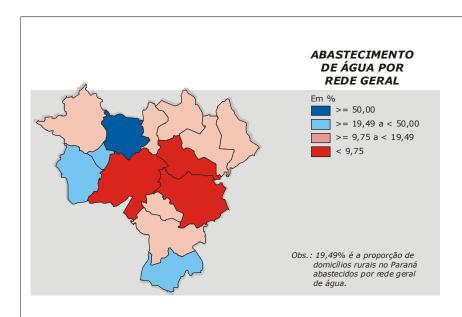
Mesorregião Centro-Oriental Paranaense

Mapa 2.10 DOMICÍLIOS URBANOS COM SERVIÇOS DE SANEAMENTO BÁSICO 2000

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

ESGOTAMENTO SANITÁRIO POR REDE GERAL OU PLUVIAL Em % >= 75,00 >= 45,87 a < 75,00 >= 22,93 a < 45,87 < 22,93 Obs.: 45,87% é a proporção de domicílios urbanos no Paraná com esgotamento sanitário.





Mesorregião Centro-Oriental Paranaense

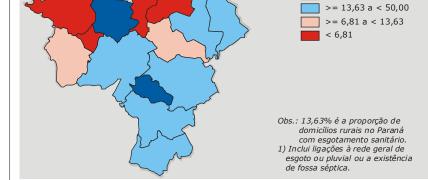
Mapa 2.11 DOMICÍLIOS RURAIS COM SERVIÇOS DE SANEAMENTO BÁSICO 2000

FONTE: IBGE - Censo Demográfico NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

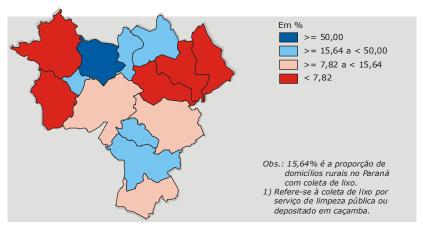
ESGOTAMENTO SANITÁRIO¹

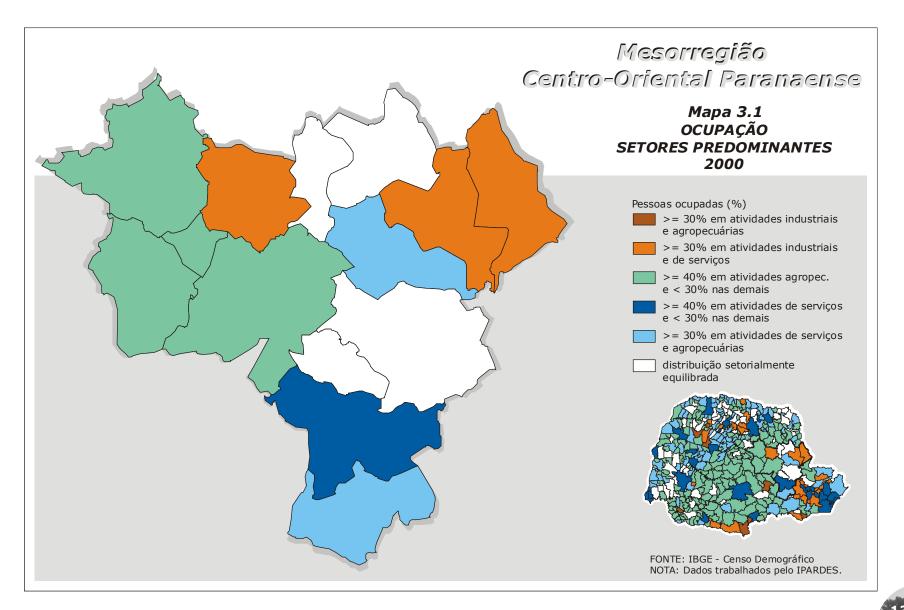
>= 50,00

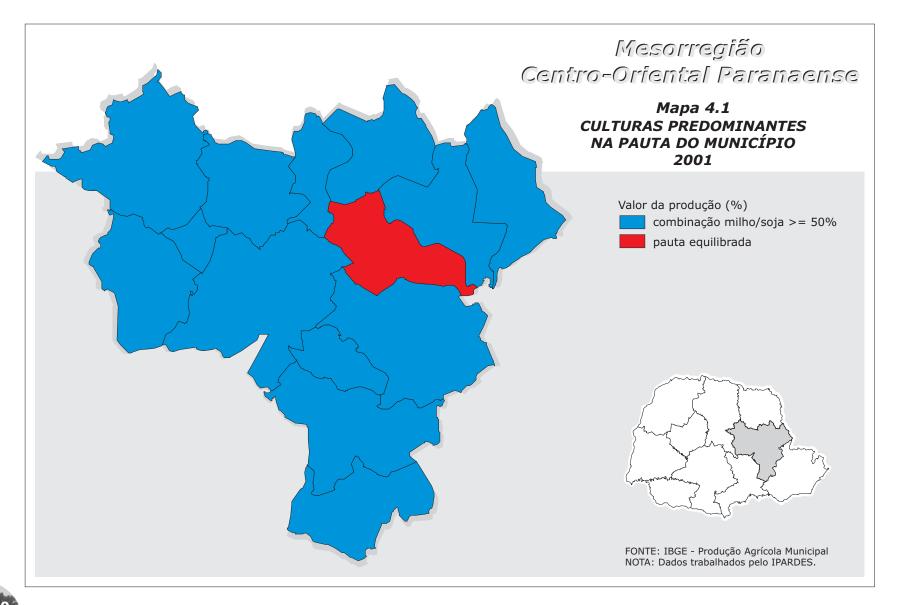
Em %

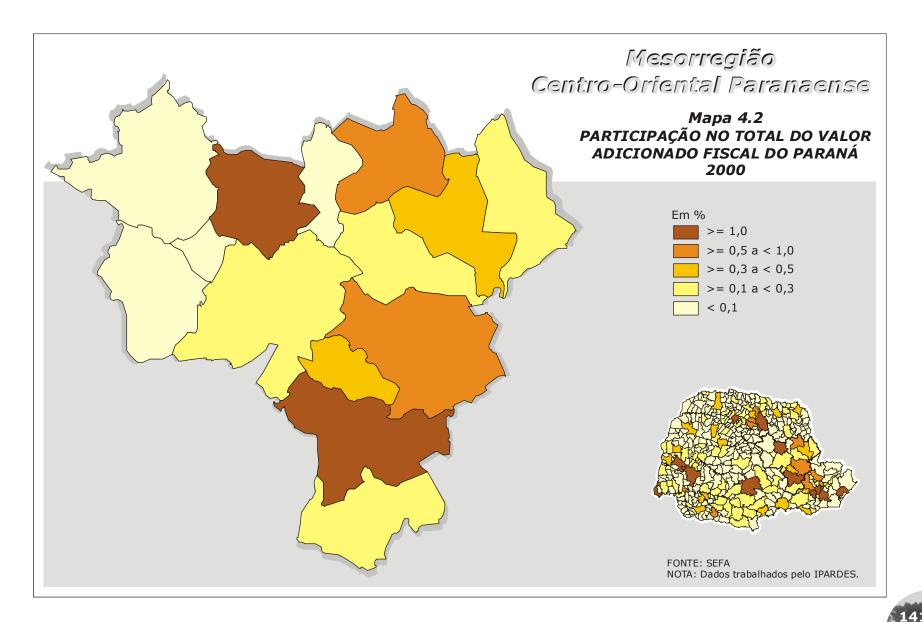


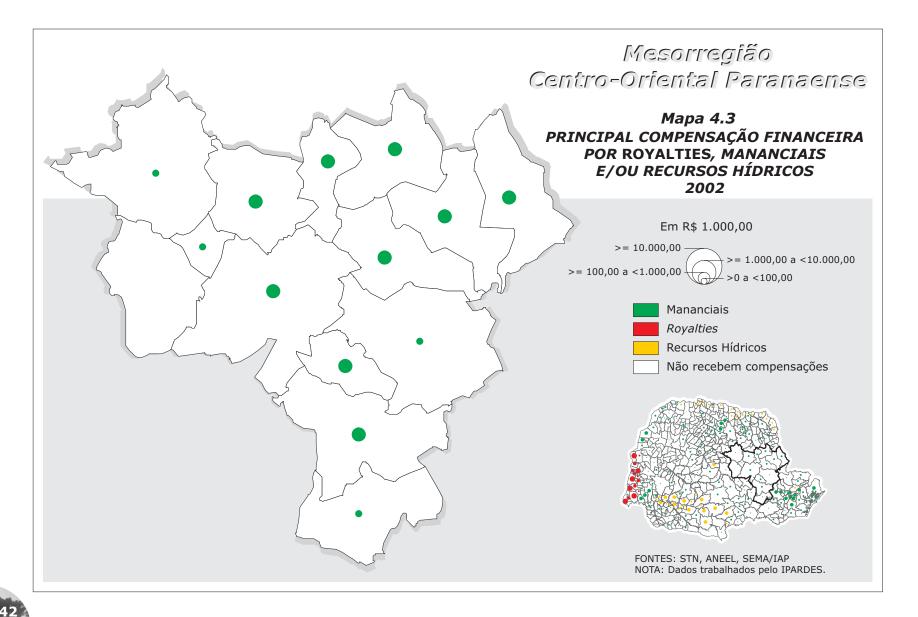
COLETA DE LIXO1





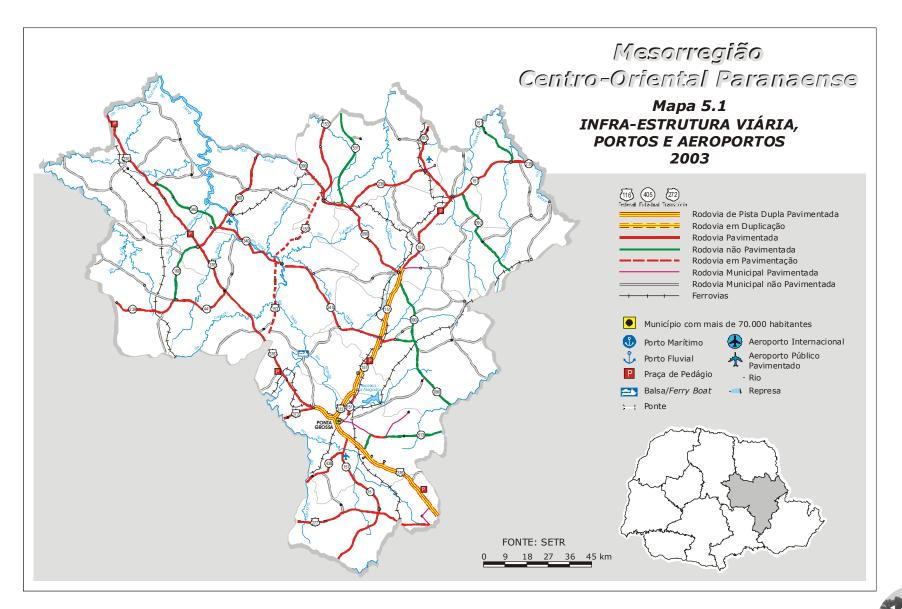






Mesorregião Centro-Oriental

Geográfica Paranaense





SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL Rua Máximo João Kopp, 274 Bloco 2 Santa Cândida Curitiba/PR CEP 82630-900 Fone (41)351-6345 Fax (41)351-6347 www.ipardes.gov.br ipardes@ipardes.gov.br

BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL - BRDE Av. Vicente Machado, 589 Centro Curitiba/PR CEP 80420-010 Fone (41)219-8000 Fax (41)219-8020 brdecur@brde.com.br